

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Da diáspora ao Ladinokomunita: estudo etnográfico de uma comunidade judaica no ciberespaço.

PILAR DE MORAES SIDI

Dissertação de mestrado submetida como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC-RS.

Orientador: Airton Jungblut

Porto Alegre

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PILAR DE MORAES SIDI

Da diáspora ao Ladinokomunita: estudo etnográfico de uma comunidade judaica no ciberespaço.

Orientador: Airton Luis Jungblut

Porto Alegre

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PILAR DE MORAES SIDI

Da diáspora ao Ladinokomunita: estudo etnográfico de uma comunidade judaica no ciberespaço.

Dissertação de mestrado submetida como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC-RS.

Aprovada em de..... de 2010.

Banca examinadora

Prof. Dr. Airton Luis Jungblut-PUCRS-Orientador

Prof^a. Dr^a Fenanda Bittencourt Ribeiro-PUCRS

Prof^a. Dr^a Núncia Maria Santoro de Constantino-PUCRS

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus pais que sempre me apoiaram na continuidade dos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais que me proporcionaram a oportunidade de prosseguir os estudos e sempre me incentivaram.

A todos os membros do LK que tiveram um rico debate trazendo excelentes contribuições ao trabalho.

Um agradecimento especial às moderadoras do grupo que permitiram a realização desta pesquisa.

Ao meu orientador, professor Airton Jungblut e aos professores e colegas da PUC com os quais convivi durante o mestrado compartilhando bons e maus momentos.

Enfim, a todos que estiveram comigo nesta etapa de minha vida.

RESUMO

O presente estudo visou a investigação de uma comunidade judaica Sefaradita que, comunica-se através da internet no idioma ladino, utilizando-o como instrumento de agregação étnica, difusão e adesão à identidade judaica auxiliando na construção da identidade coletiva. Buscou-se verificar o uso do idioma ladino e como a comunidade reconstrói seus laços identitários. Para tal realizou-se a observação dos e-mails enviados pelo grupo durante aproximadamente dois anos. Com a realização desta pesquisa, constatou-se que na comunidade estudada, no que concerne a identidade judaica-sefaradita, ela está sendo reconstruída através do idioma ladino, perpassando e entrelaçando elementos tais como: memória, religião, culinária e música, sendo cultivada pelos membros desta comunidade virtual, originários da diáspora sefaradita.

Palavras-chave: comunidade virtual, identidade, judeus sefaraditas e ladino.

RÉSUMÉ

Cette étude vise la recherche d'une communauté juive Sepharadique qui se communique par le cyberspace dans la langue Ladino, en utilisant comme instrument d'agrégation ethnique, la diffusion et l'adhésion à l'identité juive en l'aidant à former l'identité collective. On a vérifié l'emploi de la langue ladino et comment la communauté reconstruit ses liens identitaires. On a observé les courriels envoyés par le groupe pendant deux ans en choisissant quelques-uns pour les mettre dans cette étude. Après l'achèvement de la thèse, on a remarqué que dans la communauté étudiée, par rapport à la langue Ladino, à l'identité juive sépharadique, on est en train de la reconstruire par la langue qui dépasse la mémoire et l'enlace : religion, cuisine et musique, consolidées dans les traditions, cultivées par cette communauté virtuelle originaire de la diaspora sépharadique.

Mots-clés : communauté virtuelle, identité, juifs sépharadiques et ladino

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Aspectos metodológicos.....	13
Capítulo 1- O significado de comunidade e a formação histórica das comunidades judaicas.....	17
1.1 O significado de comunidade.....	17
1.2 A formação histórica das comunidades judaicas sefaraditas.....	20
1.3 O importante destaque dos judeus.....	24
1.4 Os judeus na Turquia.....	27
Capítulo 2-O ciberespaço, as comunidades virtuais e o Ladinokomunita.....	30
2.0. O ciberespaço.....	30
2.1.As comunidades virtuais.....	34
2.2. A comunidade virtual Ladinokomunita.....	36
2.2.1. O acervo do grupo.....	38
2.3 O LK pelo grupo.....	39
2.4. A composição do grupo.....	43
2.5. As regras existentes no grupo.....	44
Capítulo 3 - O idioma ladino como fator de identidade.....	49
3.1.A Identidade judaica no LK.....	61
Capítulo 4- Religião, identidade e memória	69
4.1 Memória, história e identidade.....	81
Capítulo 5- A culinária e a música sefaraditas como fator de identidade.....	87
5.1. A Música para os sefaraditas.....	95
Considerações finais.....	102
Referências.....	105
Anexos.....	108

INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre uma comunidade judaica sefaradita (judeus expulsos da Península Ibérica, antiga Sefarad, pelos reis católicos Isabel e Fernando em 1492, durante a inquisição¹ quando, emigraram para os países muçulmanos, sobretudo, Turquia e Balcãs). Séculos após, alguns emigraram para: Israel, Estados Unidos e Américas. Estes judeus atualmente compõem a comunidade virtual Ladinokomunita, onde se comunicam através da Internet no idioma ladino (um misto de espanhol arcaico, e vocábulos locais de cada comunidade sefaradita), utilizando-o como instrumento de agregação étnica, difusão e adesão à identidade judaica auxiliando na formação da identidade coletiva.

O grupo foi fundado em dezembro de 1999, e atualmente conta com aproximadamente 1000 membros. A temática desta comunidade são tópicos em torno de sua cultura. Seus integrantes compilam e remetem pela internet e-mails com publicações, artigos e músicas, sempre buscando renovar as explicações de suas origens identitárias. A Comunidade também edita um jornal, sediado em Istambul chamado “El Amaneser”, cujo lema é “Kuando muncho eskurese es para amaneser” (Quando muito escurece é para amanhecer), fundado em 2004.

Trata-se aqui, de operar uma reflexão acerca de um grupo mobilizado em que pese os diferentes graus de identidade, religiosidade e cultura, mas que tem um objetivo comum: a preservação da língua ladina. É um estudo que entrelaça: língua, identidade, história e memória judaica sefaradita.

Este fenômeno é passível de ser estudado, por várias áreas do conhecimento, entre elas, a antropologia, através da análise das identidades que se reconstróem e se unem através da tecnologia digital, tendo como instrumento o idioma comum a todos, que é o ladino.

Podemos constatar que, o impacto das tecnologias da comunicação e informação provocou um crescimento considerável de sua ação, atingindo pessoas que estão presentes em qualquer local do planeta. Através dela, verificamos uma ligação entre as diversas nações dispersas pelo mundo. Devido às inovações tecnológicas, sobretudo a comunicação mediada por computador, abriu-se este leque no que tange a interação

¹ Édito da expulsão em anexo.

social, ampliando os relacionamentos entre os seres humanos, possibilitando a Comunidade Virtual Ladinokomunita, um livre acesso à internet por parte de cidadãos de diferentes países e culturas espalhadas por todo o mundo.

A rede mundial de computadores tem possibilitado que seus integrantes possam comunicar-se, para tratar de assuntos específicos com seus irmãos e irmãs dos países próximos e longínquos sendo recebidos, neste imenso salão, que é o ciberespaço. Através da interação entre homem e máquina, abre-se espaço para a formação das comunidades virtuais. Essas comunidades estão presentes no ciberespaço, permitindo que pessoas do mundo todo se unam, compartilhem gostos, pensamentos, sentimentos e sintam-se em um prolongamento de seus lares. Observa-se em muitos destes segmentos comunitários virtuais, exercícios de comunhão e identidade.

No que tange à identidade, é importante ressaltar que é um tema que vem se tornando cada vez mais recorrente na sociedade atual e, sobretudo nos estudos das ciências sociais e humanas. Conforme Bauman (2005), pode-se dizer que está na moda falar sobre identidade num mundo globalizado, onde há tantas situações de imigrações, migrações e multiculturalismo. A sociedade está mudando, e não é tão simples estabelecer quem pertence a uma determinada nação, etnia, ou a um grupo social. Nas palavras de Bauman:

Se você lembrar de que, há apenas algumas décadas, a “identidade” não estava nem perto do centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de mediação filosófica. Atualmente, no entanto, a “identidade é o “papo do momento”, um assunto de extrema importância e em evidência (Bauman, 2005, p. 23).

Em virtude dessas modificações na esfera social, está sendo cada vez mais difícil para as pessoas dos mais diversos países preservar a sua própria identidade, pois com a globalização, as raízes de cada indivíduo estão se fragilizando. Como consequência deste processo, temos uma tendência à homogeneidade cultural, fortalecida pelo mercado global o que acaba provocando o distanciamento da cultura local de cada um. Segundo Woodward:

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global, pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e a cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ao levar ao surgimento de novas posições de identidade (Woodward, 2006, p.21)

No caso do povo judaico, a diáspora foi o principal fator de sua disseminação pelo mundo. Antes mesmo dos problemas atuais de identidade, os judeus já enfrentavam essa crise. Hall, referindo-se a questão da diáspora diz que essa: “é modelada na história moderna do povo judeu (de onde o termo diáspora se derivou), cujo destino no Holocausto- um dos poucos episódios histórico-mundiais comparáveis em barbárie com a escravidão moderna- é bem conhecido” (Hall, 2003, p. 28). Ainda no que concerne à diáspora, para Woodward :

A dispersão ao redor do globo produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Estas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras. O conceito de diáspora (Paul Gilroy, 1997) é um dos conceitos que nos permite compreender algumas destas identidades. – identidades que não tem uma “pátria” e que não podem ser atribuídas a uma única fonte (Woodward, 2006, p. 22).

Desta forma a questão da identidade torna-se uma interessante proposta para refletir-se à luz dessa comunidade virtual judaica Sefaradita, que busca reconstruir suas identidades através dos e-mails trocados. Para o historiador Eric Hobsbawm “A destruição do passado, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas, é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX”. Nesta perspectiva a preservação de um povo que se perpetua há mais de 5.000 anos através de usos, costumes, religião e tradição são assaz importantes, mormente se considerarmos as perseguições e opressões que sofreram ao longo destes 5770 anos.

É oportuno lembrar, que os judeus sefaraditas, passaram por diversas mudanças em sua trajetória histórica. Principalmente em face do fenômeno demográfico das diásporas. Esses acontecimentos propiciaram a preocupação pela consolidação da

identidade judaica nas novas gerações, pois o futuro depende delas. Em virtude disso, muitos judeus pretendem continuar se fortalecendo, mantendo o elo das comunidades judaicas sefaraditas, que não foi rompido até hoje.

Os membros do Ladinokomunita, estão se empenhando para a continuidade da comunidade judaica sefaradita para o futuro, através dessa comunidade virtual que, remetendo seus e-mails, com suas histórias, lembranças e trajetórias, fazem com que os valores judaicos sobrevivam. Os judeus sefaraditas buscam reafirmar sua identidade de diversas formas, entre elas, através da tradição religiosa e também cultural cultivada e difundida por esta entidade no ciberespaço. É através da cultura, essencialmente, que tem sido possível dar continuidade à identidade judaica até os nossos dias. A partir da transmissão destes princípios e valores insculpidos nas tradições e transmitidos para as novas gerações é que está se buscando uma resposta para a preservação da comunidade judaica Sefaradita.

Dentro deste contexto emerge o problema ao qual esta pesquisa se propõe a responder: como se dá o processo de reconstrução da identidade e do sentimento de pertença judaica sefaradita através do idioma ladino, nesta comunidade virtual? Que outros traços culturais o grupo utiliza para essa reconstrução? Essas são as principais questões que nortearão a pesquisa.

O objetivo do trabalho é realizar uma investigação na Internet a respeito da Comunidade Virtual Ladinokomunita sobre a utilização do idioma ladino pelos judeus sefaraditas como instrumento de agregação étnica. Os objetivos específicos são:

- 1-Investigar o uso do ladino.
- 2-Verificar como este idioma está sendo empregado, suas variantes, como das comunidades de Istambul, Esmirna (Turquia), os Bálcãs, etc.
- 3-Analisar a condição de existência do grupo e quem são as pessoas que dialogam na comunidade.
- 4- Verificar que outros elementos culturais, além da língua, são evidenciados na comunidade tais como: religião, provérbios, canções, poesias, culinária e desdobramentos que advirem.

Aspectos metodológicos

Podemos dizer que a antropologia nos leva a debruçar-nos sobre os fenômenos com a proposta de familiarizar-se com aquele que está tão distante, ou de estranhar o outro que está tão próximo, como também observou Da Matta. Neste contexto, esta pesquisa é uma etnografia virtual. Segundo Hine:

O etnógrafo habita um tipo de mundo intermediário, sendo simultaneamente um estranho e um nativo. Há que aproximar-se suficientemente da cultura que estuda para entender como funciona, sem deixar de manter a distância necessária para entendê-la (Hine, 2004, p. 13).

Assim, a etnografia virtual insere-se na categoria de estudos da antropologia do ciberespaço ou da ciberantropologia. Mormente, se levarmos em consideração que a antropologia busca compreender os grupos frequentadores de determinado espaço, neste âmbito, o ciberespaço é um lugar no qual dirigimos nosso olhar com o intuito de observar como se caracterizam os fenômenos que ali ocorrem. Assim pretende-se observar, na comunidade cibernética em foco; as trocas de e-mails, vídeos, músicas, documentários, artigos, e tudo que se refere à cultura judaica sefaradita. No tocante a etnografia virtual, conforme Hine assinala: “com o crescimento das interações mediadas por computador, tal processo potencializa a coleta de novas subjetividades, tornando a etnografia virtual um processo mais dinâmico e móvel do que o tradicional” (Hine, 2004, p. 81).

Desta forma, a etnografia virtual proporciona ao pesquisador mais uma faceta para a reflexão das sociedades, permitindo, um novo olhar sobre os agrupamentos sociais, as tribos e etc. Assim, a pesquisa no espaço cibernético tem a peculiaridade de dispensar a interação face a face, ou seja, as pessoas conversam, compartilham idéias, pensamentos, sentimentos comuns a respeito de determinado assunto sem se conhecer pessoalmente. Trata-se de outro desdobramento, entretanto, tão ou mais complexo que a

interação “real” onde é necessário ir a campo, exigindo uma imersão ampla. Ainda na visão de Hine:

A etnografia é uma metodologia ideal para iniciar essa classe de estudos na medida em que a etnografia consiste em que o investigador fique submerso no mundo que estuda por um tempo determinado e tenha em conta as relações, as atividades e as significações que se forjam entre os participantes dos processos sociais deste mundo (Hine, 2004, p. 13.)

Deste modo, voltei meu olhar para a Comunidade Virtual Ladinokomunita a partir de 2004, quando estava ainda no curso de graduação em bacharelado em Ciências Sociais da UFRGS. O meu pai é judeu sefaradita, natural de Esmirna, Turquia, e falava ladino em casa. Ele viveu na Turquia com sua família até 1966, ano em que veio para o Brasil. Muitos anos mais tarde indicaram-lhe esta comunidade virtual. Por saber escrever o ladino, ele passou a fazer parte deste grupo, o que foi uma agradável e gratificante surpresa, pois teve a oportunidade de poder entrar em contato com o idioma e também localizar antigos amigos.

Por muitas vezes, devido a minha proximidade, deparei-me com os e-mails escritos neste espanhol diferente por pessoas originárias das mais diversas regiões do mundo, o que despertou a minha curiosidade em estudar este grupo. A partir do momento em que decidi investigar esta comunidade virtual, o primeiro passo que tomei foi: enviar um e-mail para as duas moderadoras do grupo: Rachel Bortnick e Güler Orgun, me apresentando como pesquisadora e pedindo permissão para realizar a pesquisa. Ambas responderam prontamente ao meu e-mail dizendo que seria um prazer ter alguém estudando o Ladinokomunitá. Desde então, dediquei-me a ler e a separar atentamente em arquivos os assuntos recorrentes neste site judaico sefaradita. Para organizar melhor minha tarefa, decidi separar os arquivos em pastas. Na primeira pasta coloquei os e-mails que tratavam sobre religião. Eram mensagens sobre o ano novo judaico, usos, costumes, tradições, etc. Na segunda agreguei os que versavam sobre poesia, música, culinária (troca de receitas, simbolismo dos alimentos). Na terceira separei aqueles que falavam sobre as lembranças e recordações dos membros do grupo (eram depoimentos sobre situações vivenciadas na infância, lembranças de viagens, de seu país de origem, etc), questionamentos sobre a língua e a identidade.

O processo de leitura e seleção de mensagens durou aproximadamente dois anos. Iniciei a coleta de dados em maio de 2008 e finalizei em julho de 2010. Durante este período, o contato que tive com o grupo virtual foi, predominantemente, como observadora, interagindo muito pouco no que se refere ao envio de e-mails (meio de comunicação utilizado pelo grupo). A minha tarefa foi debruçar-me sobre o computador e monitorar os e-mails trocados. Afora esta observação “virtual”, gostaria de relatar que entre os dias 31 de outubro e 1º de novembro de 2009, tive a oportunidade de participar do III Simpósio Internacional de Estudos Sefaraditas, na Universidade Maimônides, cidade de Buenos Aires, Argentina. Neste evento, estiveram presentes cerca de 20 membros do grupo, oriundos de países como França, Estados Unidos, Brasil, Argentina e Uruguay. Na ocasião conheci pessoalmente a fundadora do grupo, Rachel Bortnick, com quem realizei uma entrevista aberta e gravada em MP3. Foi uma experiência muito boa e interessante, pois quando temos um contato virtual com as pessoas, sabemos suas opiniões sobre determinados assuntos, seus gostos e suas idéias, mas não as conhecemos pessoalmente. Quando conheci alguns deles, fui me recordando mentalmente a respeito das mensagens que cada um escrevia. É uma sensação diferente saber com quem se está falando, compartilhar idéias, sentimentos, mas sem ter a interação presencial. Percebi que o grupo realmente sentia-se como se estivesse convivendo em uma comunidade presencial, ou seja, offline. Apesar das distâncias, todos estavam unidos e com o mesmo sentimento de apreço por suas origens sefaraditas.

Para estruturar esta dissertação, e dar conta dos assuntos que giram em torno da temática da identidade judaica sefaradita, dividi o trabalho em cinco capítulos:

No primeiro, descrevo a história do povo judeu sefaradita, explicando a formação das comunidades judaicas e o significado sociológico do conceito de comunidade formulado por autores como Ferdinand Tonnies, Martin Buber, Max Weber entre outros.

No segundo, discorro sobre a emergência do ciberespaço e das comunidades virtuais, tendo como referência: André Lemos, Pierre Levy, Howard Rheingold, entre outros. Após faço a apresentação da comunidade virtual Ladinokomunita, foco desta pesquisa.

No terceiro enfoco a questão do ladino como fator de identidade e a identidade judaica, que é um dos assuntos mais recorrentes dentro do grupo. Para tal, dialogo com os estudiosos do judaísmo como Brumer, Sobel, Sorj e etc.

No quarto abordo a temática da religiosidade e da memória devido ao fato de que para muito judeus do LK, a religião está fortemente alicerçada na memória, conforme observou-se nos e-mails trocados pelos integrantes deste grupo.

No quinto faço uma análise sobre a culinária e a música, dissertando em cada um destes tópicos a respeito da importância que eles têm na manutenção da identidade judaica.

Capítulo 1

O significado de Comunidade e a formação histórica das Comunidades judaicas

Para compreender a comunidade virtual denominada Ladinokomunita, mostra-se necessário ter um entendimento acerca do que seja “comunidade” e das comunidades judaicas em sua formação. Para tanto utilizo como referencial teórico inicial alguns dos autores principais que abordaram o conceito, são eles: Max Weber, Ferdinand Tonnies e o filósofo Martin Buber. Após abordo a história das comunidades judaicas sefaraditas.

1.1. O significado de comunidade

O significado etimológico do vocábulo comunidade origina-se de “comum”. Neste sentido, podemos dizer que se refere àquilo que é partilhado por todos. Em vista disso, este termo pode ser empregado referindo-se a associação; a pessoas que partilham à vida em comum, como sendo uma comunhão, congregando uma identidade, um sentimento de pertença por ter algo em comum, objetivos e entrelaçamentos onde se faz mister um espaço para encontrarem-se. Foram disponibilizadas no dicionário de Ciências Sociais (1986), 94 definições para o termo, todavia ainda não se chegou a uma unanimidade a este respeito.

Sobre o conceito de comunidade, é importante salientar que o primeiro autor a formular a teoria da comunidade foi o sociólogo alemão Ferdinand Tonnies em sua célebre obra “Gemeinschaft und Gesellschaft”, Comunidade e Sociedade. Ele fez a distinção entre os dois termos. De acordo com os fundamentos teóricos de Tonnies (1947), sobre a formação da comunidade, depreende-se que ela origina-se através de um estado de direito natural, que tem como célula mater, a família, os laços consangüíneos

e os relacionamentos atinentes à vida em comum, com a formação dos hábitos e a transmissão pela memória dos usos e costumes, ritos e religião. Observamos, também, que, Tonnies parte da idéia de algo criado através de um Contrato de Direito racional, utilizando todo um mecanismo elaborado pelo Direito, como forma de sobrevivência e manutenção da sociedade, sem a qual a comunidade não subsistiria, uma vez que ela necessita inserir-se num sistema. Deste modo, Tonnies antevê a teoria da comunidade com a distinção da sociedade, como podemos ver através destas duas transcrições de sua obra:

Toda vida em conjunto, íntima, interior e exclusiva, deverá ser entendida, a nosso parecer, como vida em comunidade. A sociedade é o público, o mundo. Um se encontra em comunidade com os seus desde o nascimento, com todos os bens e maus a eles anexos. Entra-se em sociedade como um estranho (Tonnies, 1947, p. 19-20).

Ainda para o autor, comunidade:

È a vida em comum duradoura e autêntica; sociedade é somente uma vida em comum passageira e aparente. Com ela, coincide que a comunidade mesma deva ser entendida como um organismo vivo, a sociedade como um agregado artefato e mecânico (Tonnies, 1947, p. 21).

Pelas palavras de Tonnies, depreende-se que a comunidade é a vida mais íntima, com relações próximas e familiares. Enquanto a sociedade é o todo, abrangendo as comunidades familiares, de bairro e sociais.

Em contrapartida, na concepção de Weber, a definição de comunidade fundamenta-se na orientação da ação social. Para este autor, a comunidade alicerça-se em qualquer meio onde haja um tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional, ou seja, uma relação entre os indivíduos. Em suas palavras:

Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, ou tipo ideal baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes (Weber 1987, p.77).

Assim, para Weber a comunidade existe quando as pessoas estão ligadas através de algum tipo de solidariedade, partilhando um sentimento comum. Já na concepção do filósofo Martin Buber:

A comunidade pode, a partir da relação entre duas ou algumas pessoas tornar-se o fundamento da vida em comum de muitas pessoas. Mesmo assim, contudo, lhe são colocados limites espaciais cuja ultrapassagem representa o início da diluição do conteúdo de imediaticidade: a forma legítima da comunidade como construção social é a comunidade concreta. Se a união entre os homens acontece sob o signo da terra, surge a comunidade de vila que administra o solo comum; se a união acontece sob o signo do trabalho, surge a cooperativa que se dedica á obra comum; se a união acontece sob o signo da ajuda, surge a camaradagem que aspira em comum a realização pela educação mútua; se a união acontece sob o signo do espírito, surge a fraternidade que invoca em comum o Absoluto, o proclama e o celebra. Essas quatro espécies de comunidade e seus tipos correspondentes de liderança podem fundir-se e articular-se de diversas maneiras (Buber, 1987, p. 48).

Após a leitura de Buber, percebe-se que ele descreveu a comunidade tradicional no espaço físico. Na visão do autor, qualquer idéia política ou categoria social, por mais geral e fundamental que seja tomada, “deve ser considerada no âmbito de uma dada situação”. E ao mudarem as condições do *ic et mund*² toda e qualquer categoria adquirirá um novo significado (Buber, 1987, p. 14).

Segundo Martin:

Para que se forme uma comunidade, a identidade dos indivíduos que a compõem precisa ser reconstruída e reforçada. Alguns destes traços comuns são: a) a relação com o passado, demonstrando a continuidade do grupo no tempo e resgatando, por um lado, as raízes históricas e, por outro, a glória vivida pelo grupo anteriormente; b) a relação com um espaço social; c) a integração da história e do espaço social com a cultura (religião, tradições, comidas e bebidas, músicas e danças, língua) (Martin, apud Brumer, 1998, p. 177).

² Disso e do mundo.

Todas essas definições de comunidades foram pensadas a partir das comunidades estabelecidas em um espaço físico. Neste sentido, é importante destacar que foi nesta esfera que se formaram as comunidades judaicas presenciais com suas especiais peculiaridades, formação e desenvolvimento. Essa necessidade de viver em comunidade, deveu-se, ao fato de que os judeus sempre foram minorias diferenciadas compondo uma comunidade inserida em um espaço maior que é a sociedade e que lhes era, na maior parte das vezes estranha, uma vez que oriundos da diáspora. Por este motivo originou-se a necessidade para a sobrevivência deste povo, de manterem-se vivendo em comunidade, unidos por laços emocionais e pelas tradições que suscitaram um sentimento de solidariedade, transmitida de geração para geração.

Para esclarecer como se deu a formação histórica das comunidades judaicas, faz-se necessário algumas considerações.

1.2 A formação histórica das comunidades judaicas Sefaraditas

Neste subcapítulo farei uma incursão pelo processo histórico da formação das comunidades judaicas sefaraditas e pela diáspora que este povo passou, ocasionando sua dispersão pelo mundo.

Segundo Amílcar Paulo (1978), estudioso da diáspora judaica, os hebreus na antiguidade formavam um povo nômade, que compunham as doze tribos de Israel; Gênesis, Antigo Testamento³. Foi através do senso comunitário e religioso que formaram o antigo Estado de Israel. Na visão de Garelli e Nikiprowetzky (1982).

A formação dos primeiros grandes impérios de pretensão universal, em meio aos quais Israel constituía apenas uma zona periférica(...) Sem dúvida, na passagem do I milênio, este país teve um notável destino. Isso, porém, não passou de um episódio e os reinos de Israel e

³ Gênesis é o primeiro capítulo do Antigo Testamento da Bíblia. Para Sorj: “na Bíblia aparecem os valores e os temas centrais do acordo com os quais o povo judeu interpretará e dará sentido a sua experiências histórica: a terra prometida, a aliança com Deus, Jerusalém, a Diáspora, inimigos que buscam exterminar o povo de Israel (Sorj, 2010, p.30).

Judá tornaram-se Estados de importância política secundária, até serem absorvidos pelos impérios em expansão. [...] Contudo, nessa pequena província da Palestina desenvolveu-se uma corrente de pensamento que deu origem as três grandes religiões, ainda hoje vivas, e uma das mais ricas literaturas (Garelli e Nikiprowetzky, 1982, p. 19).

Quando houve a Diáspora (dispersão dos hebreus pelos romanos, no ano 70 da era Cristã, por ocasião da destruição do Templo do rei Salomão), os judeus foram forçados a emigrar. Para não desaparecerem, passaram a formar comunidades em diversas regiões da Europa, dentre as quais: Alemanha, Rússia, Europa Oriental, Polônia, Boemia e Hungria. Os que migraram para o leste europeu eram denominados ashkenazitas; e aqueles que se estabeleceram na Península Ibérica (Sefarad em hebraico) foram chamados de sefaraditas⁴ (Paulo, 1978).

A partir do século XII, observou-se uma considerável acentuação no que tange as diferenças entre judeus espanhóis (sefaraditas) e alemães (askhenazitas). Esse fato pode ser evidenciado pelo tipo de trabalho que realizavam: os primeiros exerciam ofícios variados, com diversos tipos de atividades, enquanto que, os segundos, ficavam restritos aos empréstimos financeiros.

Para Luis Suarez⁵ (1991), a Espanha medieval abrigou os judeus e manteve ali uma relativa proteção dos califas e dos soberanos cristãos espanhóis, que se serviam deles como cobradores de impostos, banqueiros, negociantes, médicos e administradores da fazenda pública. Em contrapartida, as leis cristãs obstaculizavam a posse da terra e seu manejo aos judeus, bem como proibiam terminantemente seu ingresso em corporações artesanais. Deste modo, a única alternativa para os judeus foi converter seu patrimônio, em bens móveis, ouro, jóias, dinheiro e etc. Assim teriam possibilidade de locomover-se em caso de expulsão e ser bem recebidos no restante das cidades européias pelo aporte de capital.

⁴ A denominação deste lugar de “Sefarad” encontra-se na Bíblia, no livro de Obadiah, no versículo 20, identificando-se com a cidade de Sardis na Ásia Menor. A versão Aramaica da Bíblia cita este nome em sua versão latina, Aspania, e por isto alguns autores relacionam com a palavra latina Hispânia. A partir desta pretensa identificação originou-se o nome de “Sefarad” para a Península Ibérica e os judeus originários deste território foram denominados de sephardim, diferenciando-se muito, tanto pelos seus ritos litúrgicos como pelos seus costumes, dos seus irmãos askhenazitas que se fixaram na Europa Central, na Polônia e na Rússia (Paulo, 1978).

⁵ Luis suarez é Doutor em História Medieval. Professor Emérito da Universidade Autônoma de Madri. Obras: “documentos acerca da expulsão dos judeus”, “Os Reis Católicos”. O livro “A expulsão dos judeus da Espanha” utilizado nessa dissertação, forma parte da Coleção “Sefarad”, que analisa a presença dos judeus na Espanha e sua contribuição à cultura em diversas áreas.

Em relação à Espanha cristã, as “juderias⁶” cresceram tanto em número como em densidade de habitantes a partir do ano de 1140, com a decisão dos Califas da Espanha Moura⁷ de obrigar a converterem-se ao Islamismo ou caso contrário perderiam seus domicílios permanentes (Suarez, 1991, p.11). Neste contexto, os judeus mais instruídos como Maïmonides, preferiram trasladarem-se ao Oriente, movidos pela nostalgia de Jerusalém e pela existência de centros culturais mais adequados. Entretanto, a grande massa da população judaica da Andaluzia optou por cruzar a fronteira e refugiar-se ao abrigo dos reinos cristãos espanhóis. Estas comunidades judias na Espanha desenvolveram-se muito e passaram a florescer em diversas cidades como Córdoba, Sevilha e Toledo. O local em que viviam os judeus nestas cidades denominava-se alfamas⁸, as quais eram providas de muros e portões de proteção⁹.

Na visão de Suarez, “qualquer minoria social obrigada a conviver com uma maioria dominante tende a agrupar-se territorialmente, ocupando um espaço reduzido, porém próprio” (Suarez, 1991, p.16). Foi o que aconteceu com os judeus, que sempre preferiram ter suas vidas em união, em um mesmo local, com suas sinagogas próprias, seja pelo sentimento de pertença, ou pela necessidade de sobrevivência, como fazem todos os que compartilham de algo que lhes é essencial. É importante acrescentar, que para isto eram obrigados por lei a conviver em comunidades, completamente separadas da sociedade em que viviam. O estabelecimento legal de um bairro apartado, demonstrava a exata dimensão da exclusão social dos judeus da sociedade maior. No entanto, a sociedade e o governo precisavam deles como “agentes econômicos”, utilizando-os como meio de obter dinheiro, uma vez que praticamente não eram vistos como seres humanos.

Neste contexto, é interessante lembrar que um dos principais motivos da expulsão dos judeus da Espanha e de Portugal foi à acusação de usura, pelo seu manejo com o dinheiro, difamando-os assim de “usurários”. No entanto este era um pretexto para que os endividados não precisassem saldar suas dívidas. Deste modo, os procuradores das cidades insistiam em reclamar a anulação de todos os penhores porque

⁶ “Juderias” eram os bairros de concentração judaica. A palavra “juderia” vem do latim sendo mencionada nos primeiros documentos da Igreja, dando como uma antiga denominação bizantina “vicus judaeorum”, significando bairro judeu.

⁷ A Espanha esteve sobre domínio mouro de 711 até 1492.

⁸ O termo “alfama”, se referia ao conjunto de judeus em uma localidade. No Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa/Globo (1993 pág. 103), encontra-se a palavra alfama com o significado de: Bairro dos judeus, do árabe alhamma.

⁹ Encontra-se em anexo.

eram sem exceção, “fraude de usura”. Assim, poucos reis defenderam os judeus, sendo que muitas vezes os próprios reis, cometeram o abuso de confiscar as dívidas contraídas, a pretexto de usura (Suarez, 1991).

É oportuno ressaltar ainda que, oriundos das comunidades judaicas sefaraditas sobressaíram importantes médicos, apesar das acusações de que os médicos judeus envenenavam os pacientes. Além, destas acusações, os judeus ainda sofriam o preconceito religioso de que mataram Cristo, e eram acusados de hereges por insultos e blasfêmias contra Cristo e Maria e aos princípios da fé católica. Neste sentido, a mais grave de todas as acusações foi a da “profanação da eucaristia”, ou seja, profanar hóstias sagradas¹⁰. Deste modo, de acusação em acusação, foi fechando-se o cerco da difícil convivência de uma minoria que eram as comunidades judaicas na Espanha. Uma canção popular, próxima aos moldes das sefaraditas, retrata a condição dos judeus desta época. Em seu estribilho dizia:

Eia velar, eia velar, eia velar
Velat aljam de los judios, eia velar,
Que non vos furten el Fijo de Dios,
Eia velar.

Traduzindo:

Toca a vigiar, toca a vigiar. Toca a vigiar
Vigie a alfama dos judeus, toca a vigiar
Que não vos furtem o filho de Deus.
Toca a vigiar.

A referida alfama da canção era a comunidade judia, que se autogeria e administrava a arrecadação dos diversos impostos que a monarquia impunha sobre os judeus, que eram considerados súditos diretos do rei. Assim uma localidade com alfama se encarregava da arrecadação dos impostos de sua comunidade e de outras que lhe eram anexas.

Para Paulo (1991), antes da importância da expulsão dos judeus da Espanha, sobrepõe-se aos que ficaram na Península Ibérica com a esperança de poder conservar sua religião. Entretanto, não lhes foi permitido professar sua fé e foram convertidos à força¹¹ ou morreram nas mãos da Santa Inquisição. Apesar de todas as perseguições que

¹⁰ As óstias sagradas representam o corpo de Cristo, filho de DEUS.

¹¹ Segundo estudos recentes, sabe-se que quase um terço dos espanhóis tem ascendência judia.

este povo sofreu, muitos deles conseguiram obter destaque profissional nas ciências, na medicina e em diversas áreas do conhecimento.

1.3 O importante destaque dos judeus

Os judeus sefaraditas distinguiram-se nas Ciências Exatas, nas finanças, na religião (era rabínica), na medicina e em muitas outras áreas, mas, sobretudo, na cartografia náutica, que possibilitou o ciclo das grandes navegações com a descoberta de novas terras. Este período denominou-se a “Era do ouro na Espanha”¹². Entretanto foi essa pujança que resultou no Edito da Expulsão. Por terem se desenvolvido muito, atemorizaram as autoridades constituídas (suas majestades católicas e o clero), ameaçando, de certa forma, seu poder.

No século XII, ou possivelmente antes, os judeus atuaram como agentes financeiros, desenvolvendo um verdadeiro e perfeito sistema bancário. Este sistema era feito nos moldes dos atuais, ou seja, manejavam grandes somas de dinheiro, como já se mencionou, emprestando para os reis. Além disso, durante a era gloriosa dos “sábios rabinos espanhóis”, sob a proteção esclarecida de Afonso, o Sábio, o gênio israelita brilhou fulgurante, saindo da poesia e dos comentários teológicos e sendo, enveredado, pelos mais altos problemas das ciências Astronômicas e Matemáticas. Neste sentido, é oportuno destacar que o próprio rei de Castela recorreu às únicas fontes da ciência da época na Espanha, quais sejam: as Academias árabes e a celebre Escola judaica de Córdoba (Paulo, 1991, p. 40).

É importante lembrar que, os judeus eram espanhóis e como espanhóis, eram considerados os mais bem preparados e os que produziam mais riquezas. Raramente se dedicavam ao campo. Em geral exerciam seu ofício no comércio e nos trabalhos bem

¹² Entre os séculos XI e XV, os cristãos, muçulmanos e judeus conviveram em perfeita harmonia na Península ibérica. Essa convivência harmoniosa deu origem a um verdadeiro nascimento das artes, da literatura, das ciências e da filosofia, que se chamou de “A Idade de Ouro”. Isso tudo começou a se deteriorar no final do século XV e terminou definitivamente com a Inquisição e o Édito de Expulsão promulgado pelos reis da Espanha em 1492.

remunerados como ourives, médicos, filósofos e tradutores, entre outros. Deste modo, muitos obtiveram destaque, entre os quais podemos citar¹³:

Moisés Ben Maimón - Maimônides (1135-1204). Rabino, filósofo, matemático e médico, é considerado o maior dos sábios sefaraditas. Sintetizou a fé judia em 13 princípios essenciais. Escreveu quase todas as suas obras em árabe, sendo as principais “O guia dos perplexos” e “Mishne Tora”.

Rabino Yosef Caro (1488-1575). Sua produção bibliográfica é ampla. Dentre as quais se destaca a Escola de José. Seu desejo por condensar as regras da lei judia em guia de fácil manuseio e consulta o levou a escrever o monumental “Shulhan Aruj”¹⁴.

Yehuda Halevi (1075-1141). Filósofo e médico, considerado o maior poeta medieval em língua hebréia, e conhecido pela sua obra “Diván” uma coleção de temas religiosos escritos em hebreu. Escreveu também “El Kuzari”¹⁵.

Abraham Ibn Ezra (1089-1167). Um dos cientistas judeus mais influentes da Alta Idade Média estudou Matemática, Astronomia e sua aplicação astrológica. Investigou a exegese bíblica e como produto dela escreveu “Comentários ao Pentateuco”.

Benjamin bem Yonah de Tudela (1173). Escreveu a obra “Livros de Viagens” a travessia que realizou entre 1165 e 1163, aproximadamente oito anos, ao redor de um mundo conhecido da Idade Média. Visitou mais de 300 cidades, dentre as quais se destacam: Roma, Constantinopla, Alexandria, Jerusalém, Damasco, Bagdá, e Cairo.

Moisés de Leon (1240-1290). Autor do livro do esplendor (Zohar), a obra mais importante da Cabala. Neste comentário ao Pentateuco expõem que dado à impossibilidade de conhecer a Deus, ele se revela por meio dos 10 “sefirots” que são a manifestação de sua substância.

Abrahão bar Jiya (Século XV). Colaborou com Platão de Tívoli em diversas versões científicas do latim. É conhecido por ser o fundador das Ciências Astronômicas dos hebreus. Sua obra “Tsurat Haaretz”, “Livro da Forma da Terra- Tratado de Astronomia e Cosmografia”.

É importante acrescentar que, os judeus da Espanha se distinguiram nas construções de instrumentos de navegação como os astrolábios, os quadrantes, as secantes, as cartas geográficas nas quais eram dadas as posições exatas dos portos, permitindo assim aos marinheiros que navegassem com mais segurança. Eles tiveram

¹³ Informações extraídas de A Ciência Hispano-judia de David Romano, 1992, catedrático emérito da Universidade de Barcelona.

¹⁴ Shulhan Aruj significa mesa preparada.

¹⁵ Diálogo onde se explica em árabe o judaísmo ao rei muçulmano.

uma contribuição muito importante aos alcances da navegação na época medieval com seus mestres nas construções de instrumentos de navegação e na preparação das cartas geográficas, assim como nas mesas astronômicas, sem as quais seria impossível ou muito difícil navegar e atravessar oceanos. Neste sentido, em Portugal, da mesma forma, eles possibilitaram tanto aos espanhóis como aos portugueses o ciclo das navegações, com a o acesso para as Américas¹⁶.

Depois da expulsão e inquisição, os sefaraditas partiram para diferentes países. O Império Otomano e o Sultão Bajazé II receberam os Sefaraditas, ordenando o envio de barcos para trazê-los até o Império Otomano recebendo-os pessoalmente. Abaixo se encontra o mapa das migrações judaicas desta época:

Migración de los judíos de España



¹⁶ Mapa extraído de um artigo enviado por um membro do LK.

1.4 Os judeus na Turquia

Neste subcapítulo tratarei sobre a vida dos judeus na Turquia e de como galgaram importantes posições de destaque durante sua vivência na sociedade deste país.

Após a imigração, os judeus vindos da Espanha se adaptaram em pouco tempo ao novo meio. Participaram da vida pública, em particular do Ministério das Relações Exteriores e das finanças tendo-lhes confiado cargos importantes. Os judeus turcos na época do Parlamentarismo e da República obtiveram lugar no Parlamento¹⁷.

¹⁷A seguir estão nomeados os que se destacaram. (Fonte Livro do Museu dos judeus da Turquia, Pág. 33).

1º Parlamento (93 Parlamentares) 19.03.1877-13.02.1878

Parlamentares Judeus

Abraham Aciman, Istambul

Menahem Salah, Bagdá

Yaver Disraeli, Bósnia

Salamaon, Bursa

Kemal Samuel Molho

Daviçon Levi, Yanya

David Karmona, Senador

2º Parlamento 17.12.1908

Vetai Fadasse, Istambul.

Albert Fua, Tessalônica.

Emanuel Karasu, Tessalônica

Nesim Mazliyah, Esmirna

Ezekiyel Sason, Bagdá

Viktor Çorbaci, Istambul

Bohor Eskenazi, Senador

Participantes da Assembléia Nacional Turca (23.04.1920)

Dr. Samuel Abrevaya Marmarali - Deputado da cidade Nigde 5. (1935), 6.(1939)

Prof. Abraham Galanti Bodrumlu – Deputado por Nigde 7. período (1943)

Salamon Adato – Deputado por Istambul 8 (1946) por 9. Períodos (1950)

Hanri Soryano - Deputado por Istambul, 10. Período (1954)

Isak Altabev – Deputado por Istambul 11. Período (1957)

Yusuf Salman Deputado por Istambul 11. Período (1957)

Erol Dilek - Membro da Assembléia Constituinte(1960).

Cefi V. Kamhi – Deputado por Istambul 20. Período (1995).

Os judeus da Turquia que, participaram de diversas áreas da sociedade.

Vitali Kamhi foi um dos fundadores do Crescente Vermelho da Turquia (1911). O Crescente Vermelho é o equivalente da Cruz Vermelha dos Países Ocidentais.

Farmacêutico Albert Mazon – Laboratório Sağlık (Saúde)

Farmacêutico Israel Gabay- Laboratório Zafer (Vitória)

Destaques nos Esportes:

Robert Serf Eryol – Jogador de Futebol do Time Galatasaray

O judaísmo sempre buscou e teve como primado a “tzedaka” (Justiça Social), através do reconhecimento das suas liberdades de culto e identidade de vida comunitária. Os judeus sefaraditas procuraram integrar-se no país ao qual foram viver. Neste sentido, na Turquia foi reconhecida em 1923, pelo Tratado de Lausanne, a total independência do Estado em relação às instituições religiosas, ou seja, o Estado laico, o respeito às minorias étnicas religiosas e a permissão de possuírem suas próprias escolas, instituições sociais e fundos. Em 15 de setembro de 1925, foi adotado o Código Civil. Com este código, a comunidade judaica renunciou ao status de minoria, integrando-se à República Turca¹⁸.

Em 1933, Atatürk, fundador da República da Turquia, convidou os cientistas judeus alemães e austríacos perseguidos pelo nazismo a trabalhar nas universidades turcas, demonstrando assim apreço e solidariedade para com a comunidade judaica sefaradita lá existente. Deste modo, os que vieram, fizeram grandes contribuições à vida cultural. Da mesma forma que as comunidades judaicas sefaraditas prosperaram e floresceram na Espanha, igualmente, desenvolveram-se na Turquia, formando comunidades, também chamadas juderias em Istambul, Esmirna, Adrianópolis, Tessalônica (dizimada no holocausto pela 2ª Guerra Mundial), e países Balcânicos.

Na Turquia, os sefaraditas mantiveram a sua língua, o ladino, e a enriqueceram com palavras turcas, gregas, francesas e italianas. Esta língua foi e continua sendo falada até os nossos dias. No caso dos judeus sefaraditas o idioma ladino foi o instrumento de agregação que lhes permitiu ter uma comunidade unida e mantida ao longo dos séculos, permanecendo até os dias de hoje. Também existiram os judeus portugueses que se refugiaram na Holanda, muitos descendentes de judeus espanhóis, e que fundaram uma florescente comunidade em Amsterdã, com uma administração inicialmente bilíngüe. Neste caso, como os portugueses eram a maioria, e falava-se português cotidianamente, o espanhol, tido como superior, reservou-se para as escrituras sagradas (Paulo, 1978, p. 55).

Assim, as comunidades das antigas juderias, depois de muitas diásporas e andanças pelo mundo, jamais desapareceram, graças ao esforço que fizeram para se preservar. Essas comunidades não poderiam imaginar que superariam as barreiras geográficas e transpor-se-iam para o espaço virtual. Neste sentido, com o surgimento e a incrementação das tecnologias digitais, os judeus conseguiram manter viva a memória das comunidades judaicas sefaraditas. Com as formas diversas que podem tomar as

¹⁸ Fonte: “Fundação dos Quinhentos anos”, livro do Museu dos Judeus da Turquia, 2004, p. 370”.

representações individuais e coletivas do passado, tudo instrumentalizou-se através desta inovação digital. A partir das tecnologias digitais, foi permitido criar a comunidade virtual Ladinokomunita, que funciona como mais um fator que auxilia na preservação da memória deste povo, possibilitando a união dos judeus sefaraditas dispersos pelo mundo todo, através do ciberespaço, alvo de análise do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

O ciberespaço, as comunidades virtuais e o Ladinokomunita.

Compreender a cibercultura contemporânea é impossível sem uma compreensão global do fenômeno técnico, já que esta faz parte de um processo mais amplo da relação entre a técnica e a sociedade (Lemos, 2002a, p. 17).

Para compreender a comunidade virtual Ladinokomunitá, considero importante que se tenha conhecimento a respeito dos processos de formação das comunidades virtuais e da emergência do ciberespaço e das novas tecnologias digitais. Para tal estruturei este capítulo da seguinte forma: primeiro faço uma análise sobre a internet, o ciberespaço e as comunidades virtuais, e em seguida apresento a comunidade virtual Ladinokomunitá, foco de interesse deste estudo.

Nas últimas décadas, percebemos a existência de profundas mudanças na relação do homem com a tecnologia. Conforme assinalam Castells (1999), Lemos (2002a), e Levy (2004), essas modificações estão trazendo diversas novidades nos modos de viver do homem em face aos outros e a si próprio.

André Lemos, estudioso acerca da cibercultura no Brasil, a divide em quatro fases. Segundo o autor, a primeira fase origina-se nos anos 50, a partir da informática e da cibernética; a segunda trata da sua popularização pelos microcomputadores na década de 70; a terceira ocorre nos anos 80, quando se dá a massificação da informática; a quarta dá-se nos anos 90 com o advento das tecnologias digitais e a popularização da Internet (Lemos, 2002). Definindo o que é o ciberespaço, o autor assim se expressa:

O ciberespaço é como vimos um ecossistema complexo onde reina a interdependência entre o macro-sistema tecnológico (a rede de máquinas interligadas) e o micro-sistema social (a dinâmica dos usuários), construindo-se pela disseminação da informação, pelo fluxo de dados e pelas relações sociais aí criadas. Em oposição a um sistema hierarquicamente fechado, o ciberespaço cria pelas comunicações multidirecionais, pela circulação dos espectros virtuais, um sistema complexo onde o desenvolvimento do jogo comunicativo não pertence a uma entidade central, mas a este organismo-rede (Lemos, 2002a, p. 147).

Percebe-se que o ciberespaço e as tecnologias de comunicação e informação tornam-se ferramentas que ampliam o processo de integração entre os seres humanos. Através delas, surge um novo espaço para as comunicações, possibilitando mais uma, entre as diversas formas de estabelecer relações sociais, dando acesso a um novo tipo de interação e propagação de pensamentos e sentimentos. Neste sentido, o ciberespaço apresenta-se como um mediador entre os relacionamentos humanos e a vida social. Ele nos permite superar as barreiras da distância, provocando uma alteração na relação tempo/espaço. As novas tecnologias acarretam uma espécie de supressão tanto do tempo quanto do espaço.

Em relação ao fenômeno tempo/espaço, para o sociólogo contemporâneo Antony Giddens: “o esvaziamento do tempo” é, em grande parte a pré-condição para o “esvaziamento do espaço” e tem assim “prioridade sobre ele”, pois “a coordenação do tempo é à base do controle do espaço” (Giddens, 1991, p. 26). Para o autor:

O desenvolvimento do “espaço vazio” pode ser compreendido em termos da separação entre *espaço e lugar*. É importante enfatizar a distinção entre essas duas noções, pois elas são frequentemente usadas mais ou menos como sinônimos. “Lugar” é melhor conceitualizado por meio da idéia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente. Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominados pela presença por atividades localizadas. O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada a interação face a face (Giddens, 1991, p. 26-27).

È oportuno, então dizer que, o ciberespaço, como bem observa Lemos (2002a) enquadra-se na concepção de “esvaziamento de espaço e tempo” proposta por Giddens. Isso se deve ao fato dele ser um espaço habitado por pessoas que muitas vezes não tem uma relação “face a face”, ou seja, se conhecem apenas virtualmente. Estes indivíduos que interagem no espaço virtual são seres que se encontram dispersos pelo mundo e vivem em cidades ou países distantes. Apesar das barreiras físicas eles têm a possibilidade de se comunicar através dos computadores, sem precisar despender esforço físico para o deslocamento, podendo assim conversar, se relacionar, trocar vídeos, fotos, filmes, músicas, em um mesmo local, “a tela do computador”, através da “conexão da Web”.

Deste modo, o ciberespaço funciona como um ambiente mediador entre os indivíduos do mundo contemporâneo, sendo atualmente um fator de suma importância para a sociedade, uma vez que este novo espaço de comunicação está inserido na vida de grande parte da população humana, facilitando as diversas formas de interação. Conforme Lemos assinala: “Mais do que um fenômeno técnico, o ciberespaço é um fenômeno social” (Lemos, 2002b, p.148). Assim, o espaço digital vem se tornando dia após dia fundamental para a comunicação.

Pierre Levy, por sua vez, define o espaço virtual como: “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Levy, 2004, p. 92). O autor salienta que a criação deste espaço deu-se a partir da invenção e evolução da Internet e da Web. Em suas palavras: “o ciberespaço não é uma infra-estrutura técnica particular de telecomunicações, mas certa forma de usar as infra-estruturas existentes, por mais imperfeitas e disparatadas que sejam” (Levy, 2004, p. 124).

O ciberespaço e as interações sociais que em seu interior ocorrem só são possíveis devido a um fenômeno maior que o abrange: a internet. Através dela ocorre a conexão entre os computadores. Esta ligação mundial nos permite as trocas diárias de mensagens eletrônicas e idéias, independente do local onde nos encontramos e com quem estamos dialogando. Neste sentido, para Castells:

(...) a internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão da sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana.

Ademais, à medida que novas técnicas de geração e distribuição de energia tornaram possível as fábricas e a grande corporação como os fundamentos organizacionais da sociedade industrial, a Internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede. Uma rede é um conjunto de nós (Castells, 1999, p. 7).

Conforme Manuel Castells destacou, a emergência da sociedade em rede possibilitou o surgimento de novos meios de comunicação o que implicou a construção de identidades, acarretando em novas formas de transformação social, principalmente no que tange à socialização e os reflexos das transformações na cultura midiática como um todo. Para o autor: “isso ocorre porque a sociedade em rede está fundamentada na disjunção sistêmica entre o local e o global para a maioria dos indivíduos e grupos” (Castells, 1999, p. 27). Deste modo, para este autor, é através dos computadores que somos colocados frente a frente com os mais diversos indivíduos do mundo. Através dessa interação temos a possibilidade de compartilhar idéias, crenças sentimentos, negócios, além de ter a facilidade de nossas ações ocorrerem de forma instantânea e sem desperdícios muito gasto de energia.

A internet, e mais precisamente o ciberespaço, nos permite realizar trocas de experiências e vivências. É uma nova forma de sociabilidade presente em nossa sociedade. Para Rudiger: “a internet se desenvolve como parte de um processo não planejado, mas bastante orgânico, cuja substância é social, o meio é técnico e o sentido é o avanço civilizatório” (Rüdiger, 2007, p.98). Neste sentido, quando estamos diante do computador, podemos navegar pela internet e conhecer novos lugares, assuntos e pessoas. Presenciamos a junção da internet com as atuais práticas sociais e com a técnica. Essa interação está contribuindo para uma relação mais ágil e confortável entre os indivíduos.

Segundo Lemos: “a interatividade digital caminha para a superação das barreiras físicas dos agentes (homens e máquinas) e para uma interação cada vez maior dos homens com as informações” (Lemos, 2002a, p. 122). Desta forma, a internet apresenta uma gama de possibilidades no que tange as relações sociais, políticas e econômicas. Ela colabora para melhorar os relacionamentos, na medida em que os processos sociais desenvolvem-se a partir da utilização das tecnologias de comunicação. Assim, é possível conversar com uma pessoa em qualquer parte do mundo e ter relações sociais cada vez mais dinâmicas. Ainda para Lemos:

O ciberespaço não tem um controle centralizado, multiplicando-se de uma forma anárquica e extensa, desordenadamente, a partir de conexões múltiplas e diferenciadas, permitindo agregações ordinárias, ponto a ponto, formando comunidades (Lemos, 2002a, p. 146).

De forma que no bojo do ciberespaço, formam-se as comunidades virtuais. Estas comunidades são responsáveis pela expansão da utilização da internet, permitindo uma facilitação nas relações de comunicação e também uma aproximação entre os indivíduos

2.1 As Comunidades virtuais

Podemos dizer que as comunidades virtuais são, na verdade, a continuidade das comunidades offline, ou presenciais. Para Levy:

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (Levy, 2004, p. 127).

Deste modo, elas se apresentam como mais uma possibilidade de reunir pessoas que compartilham um mesmo gosto, ou uma mesma cultura. As comunidades cibernéticas oferecem a oportunidade de unir indivíduos que tenham algumas afinidades. Através delas é possível estabelecer um contato com outras pessoas, independente da distância geográfica, uma vez que as inovações tecnológicas propiciaram o rompimento das fronteiras existentes entre tempo e espaço. Nesta senda, Rheingold um dos primeiros autores a efetivamente utilizar o termo "comunidade virtual" para os grupos humanos que mantêm relações sociais no ciberespaço, assim as define:

As comunidades virtuais são agregações sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético (ciberespaço) (Reingold, 1994, p.20).

As comunidades virtuais podem ser vistas como um local no qual se estabelecem relações dentro de um espaço virtual onde são utilizados meios de comunicação a distância. Elas são caracterizadas pela junção de pessoas que possuem interesses, gostos e pensamentos comuns. Dentro delas existe um compartilhamento de experiências, vivências e sentimentos, entre outros. Um dos principais fatores que permitem o êxito das comunidades virtuais é a dispersão geográfica de seus membros. Através do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs é possível minimizar as dificuldades relacionadas a tempo e espaço, promovendo o compartilhamento de informações e a criação do conhecimento coletivo. Segundo André Lemos:

As comunidades formadas a partir das redes telemáticas mostram como as novas tecnologias podem atuar não apenas como vetores de alienação e de desagregação, mas também como máquinas de comunhão, de compartilhamento de idéias, de formação comunitária (Lemos, 2002b, p.139).

Assim, numa comunidade virtual podemos encontrar pessoas interagindo e estabelecendo laços sociais. A partir do intercâmbio de idéias e gostos comuns formam-se as comunidades virtuais. Discorrendo sobre as relações presentes num espaço físico e este novo tipo de interação social que ocorre no meio virtual, Palácios diz que:

Nos processos sociais da “vida real” (ILR) éramos acostumados a encontrar fisicamente as pessoas, conhecê-las pouco a pouco e, à medida que aprofundamos tal conhecimento, vamos, cada vez, mais intercambiando informações, identificando áreas de interesse comum e interagindo em função delas e, nesse processo, conhecendo-as. Nas comunidades virtuais, o processo parece se inverter: interagimos inicialmente, de maneira muitas vezes profunda, em função de interesses comuns previamente determinados, conhecemos as pessoas

e, só então, quando possível, encontramos fisicamente tais pessoas (Palácios, 1996, p. 93).

Pelas palavras de Palácios, infere-se que com o advento das inovações tecnológicas, sobretudo a comunicação via internet, ocorreu um redimensionamento da sociedade, deslocando parte da estrutura do espaço físico para o virtual. Foi dentro deste espaço virtual que se desenvolveu a comunidade chamada LadinoKomunitá, observando-se que as comunidades judaicas acompanharam essas modificações digitais interagindo também na era da cibernética.

Neste sentido, discorro no próximo tópico da dissertação sobre a comunidade virtual LK, que trata-se de uma comunidade que está praticamente reconstruindo sua identidade judaica sefaradita através do idioma judeu espanhol. Porquanto, nas comunidades judaicas em que viviam, não existiam judeus sefaraditas, e não tinham com quem falar o ladino e partilhar suas reminiscências da identidade ladina, sentindo assim a necessidade de formar uma comunidade virtual.

2.2 A comunidade virtual Ladinokomunita

Neste subcapítulo irei discorrer sobre o histórico da formação do Ladinokomunita, com a demonstração de como o grupo soube, iniciando pela sua fundadora, usar este meio de comunicação virtual de forma profícua de tal sorte que a partir de cinco ou seis pessoas, potencializou-se ao longo dos dez anos de funcionamento, alcançando a soma de mais de mil membros.

O Ladinokomunita (LK) é um grupo de discussão na internet, formado em dezembro de 1999, com a característica peculiar de utilizar o idioma judeu-espanhol (ladino) na comunicação diária entre seus membros. A fundadora do grupo é Rachel Bortnick. Ela nasceu em Esmirna, Turquia, e está radicada há muitos anos em Dallas, Texas, EUA, tendo aprendido a falar o ladino em casa, com seus pais.

Segundo a fundadora do grupo, a idéia de formar esta comunidade virtual surgiu porque em Dallas, cidade na qual vive atualmente, haviam poucos judeus sefaraditas,

sendo raro os que falavam o judeo-espanhol. Ela estava entre este pequeno número de pessoas que falavam o ladino. Em virtude deste fato, Rachel começou a pensar em alguma maneira de praticar a língua para não esquecê-la. Assim, ao participar de um encontro sobre o judaísmo em 1999, conversou com Moshe Saul¹⁹ sobre sua vontade de continuar falando ladino, durante um Simpósio no qual este foi um dos coordenadores. Este evento foi organizado pela Autoridade Nacional de Ladino e sua Cultura (N.A.L)²⁰ de Israel, onde Yizhak Navon (o quinto presidente de Israel) é o presidente e Moshe Saul o vice-presidente. Neste encontro Moshe falou sobre a força que a internet poderia dar a esta língua, principalmente através de um grupo de correspondência na internet. Para ele a troca de e-mails poderia contribuir também para expandir a escrita do idioma de uma forma estandarizada. Nas palavras da fundadora do grupo Rachel Bortnik²¹:

Durante este encontro, com o apoio e o entusiasmo de amigos formei o grupo denominado Ladinokomunita em dezembro de 1999. Quando registrei o LK, ele era o quinto grupo na categoria “judaísmo”. Hoje esta categoria do Yahoo tem 3532 grupos. A comunidade começou com apenas quatro membros, e agora tem mais de 1000 pessoas.

Desta maneira, formou-se a comunidade virtual LK, cujo endereço eletrônico é: <http://group/Ladinokomunita>²². Acessando este site, encontramos os arquivos com todas as mensagens enviadas desde janeiro de 2000. No interior da homepage visualizamos a descrição do grupo, com suas finalidades e regras de participação.

É importante mencionar que qualquer pessoa pode inscrever-se no LK e assim tornar-se membro. No momento em que se torna integrante da comunidade é permitido participar de forma passiva, ou seja, como leitor. Para ter voz ativa e interagir com os integrantes do grupo é necessário saber escrever em judeo-espanhol (ladino).

¹⁹ Moshe é o redator de “Aki Yerushalayim” “Aqui Jerusalém” uma revista cultural escrita integralmente em ladino que é publicada desde 1980.

²⁰ Foi fundada pelo governo de Israel em 6 de novembro de 1997.

²¹ Foto abaixo.

²² Página impressa na íntegra em anexo.

2.2.1 O acervo do Grupo

É interessante mencionar que o grupo LK possui um vasto acervo. Guardando em seus arquivos mais de mil mensagens, ele é um instrumento que vem possibilitando a revitalização do ladino e de todos os aspectos da cultura sefaradita. Entre os materiais remetidos pelos participantes da comunidade, encontram-se vídeos do youtube com músicas em ladino e entrevistas; e-mails com as principais datas religiosas e comemorações festivas com suas respectivas culinárias e receitas de diversos gêneros entre outros. O que se discute no LK está relacionado à cultura sefaradita dando ênfase nos aspectos da língua, história, usos e costumes, memórias de vida, literatura, música e religião. No interior deste grupo os membros reencontram amigos e as amigas, parentes com os quais não tinham contato há muitos anos e também conhecem pessoas que estão dispersas pelos quatro continentes.

Nesta comunidade também são divulgadas as atividades culturais e acadêmicas sobre os sefaraditas de todas as partes do mundo. Quando algum componente assiste ou participa de simpósios ou eventos, em seguida transmite aos membros seus comentários neste espaço virtual. O Ladinokomunita tem possibilitado aos seus membros o prazer de reencontrar a cultura sefaradita, e de recordar-se da língua judeu-espanhola (ladino). No interior desta comunidade virtual, percebe-se a influência do LK na criatividade literaria exibida por seus integrantes. Um exemplo disso são as poesias que alguns componentes enviam, como esta, onde a professora G.A²³ da Tufts University (Massachussetts), que é a unica profesora de Ladino em uma Universidade Americana, escreveu intitulada *Komunidad*: “esta comunidade virtual é uma comunidade judeu-espanhola reconstruída...Sentir, responder, demandar, lutar, nos conhecer/ aos nossos amigos/ ...um lugar virtual para falar, e reconstruir uma vida falando judeu-espanhol”. Assim observamos que muitos membros remetem artigos, poesias, histórias e memorias de vida ao LK. Em seguida, estas e outras são publicadas parcialmente ou na íntegra nas Revistas e jornais: Aki Yerushalayim, El Amaneser, Ke Haber e na página judeu-espanhol do jornal Shalom.

²³ As letras representam as iniciais do nome e sobrenome da integrante do grupo. Em todos os e-mails colocados no trabalho optei por não revelar os nomes, colocando apenas as iniciais e o país onde o membro vive.

O LK também é seguido por muitas instituições em várias partes do mundo. Entre elas encontram-se a Tonos Digitais, uma revista filológica da Universidade de Múrcia na Espanha, que em seu número de novembro de 2001 publicou uma mensagem de um membro do LK (nº.13333). Assim como no “*Aki Yerushalayim*”, “*La Lettre Sepharade*”, “*Loz Muestras*” e outras revistas, o Ladinokomunita também promove, ou faz a propaganda de tudo o que se publica em ladino, fornece informações, por exemplo, sobre livros e artigos, discos de música Sefaradita, divulgam as revistas *Aki Yerushalayim* e *El Amaneser*, que são publicadas como o Ladinokomunita, inteiramente em Ladino.

Além disso, em 2003 começou a ser produzido um dicionário na Internet com a iniciativa do professor A.R.T, lingüista de espanhol na Universidade Sophia de Tóquio, Japão, e que contou com a colaboração de alguns dos membros do LK, sobretudo de G. O. de Istambul. O endereço eletrônico deste dicionário é: <http://lingua.cc.sophia.ac.jp/diksionario-LK>.

2.3 O LK pelo grupo

Os judeus sefaraditas que compõe o LK expressam um sentimento de religação comunitária possibilitado por estas inovações tecnológicas que potencializam em prol do reforço de sua identidade. Uma integrante do grupo, que nasceu em Istambul e vive atualmente nos Estados Unidos, definindo seu sentimento em participar do LK assim se expressa: “pela primeira vez me sinto como se agora encontrasse de novo a comunidade que deixei saindo da Turquia”. Neste sentido, outro componente do LK assim refere-se a este novo instrumento tecnológico de comunicação que possibilita a interação social à distância, agora mais aperfeiçoado através da Web Cam, que ele faz referência no seguinte e-mail remetido para o grupo:

Estimados membros,

Há vários anos que tenho o prazer de comunicar-me com vocês aqui no LK e com alguns de fora deste bonito foro. A estes últimos me agradaria dizer que ontem comprei uma câmara de computador com a

qual poderei ver as pessoas com quem estou falando. Espero que agora possamos conversar e vermos bem os nossos rostos.
Que estejam todos sãos.
Com minhas melhores saudações a todos.
B.A. de Nova Iorque.

Os dois integrantes acima expressam bem o sentimento de pertencimento do grupo. Além destes, temos a mensagem do Dr. S.S.P. professor na Espanha de língua e literatura sefaradita, membro da comunidade, e que escreveu: “Creio que o Ladinokomunita está fazendo um grande trabalho no avivamento de nossa cultura. É uma iniciativa que não podemos imaginar a importância que vai ter... é um verdadeiro arquivo onde se guarda o tesouro da cultura sefaradita”. Para outra integrante:

O que é mais importante em LK:
Que somos todos irmãos do mesmo sangue, com a mesma finalidade de continuar com a bonita cultura dos nossos pais para nossos filhos e netos. Onde te encontras, como te sente, o que acreditas ou não. Isto é para escrever durante anos e não estaremos todos inteiramente de acordo. Meu sentimento é sobre estas pequenas coisas.
O mais importante é estarmos juntos, graças à tecnologia, da qual todos aproveitam. Isto se vê nos encontros anuais do LK.
O que temos de melhor é estarmos juntos, podermos compartilhar com pessoas dos 5 continentes, de diferentes línguas em seus países, que temos na memória tão diferentes idéias, formas de ver, porém uma língua no coração. É como um jardim, muitas e distintas flores e um só “jardineiro”. Não devemos perder esta idéia:
Que todos ganhamos com LK + tecnologia + o trabalho que cada um faz em seu país + cada coração.
Pelo que quer que seja estamos na Diáspora, Deus nos deu a internet, para sentirmos juntos.
Quero enviar um abraço a cada membro, esteja onde estiver, quer conheça o seu rosto quer não, é indiferente, somos irmãos de coração, Unem-nos milhares de anos, de história, a mesma cultura rica, o mesmo “jardineiro”
E G. de Buenos Aires Argentina

Dentre outras mensagens que definem o sentimento do grupo, podemos destacar as comemorativas dos 10 de existência deste grupo, já que em dezembro de 2009 completaram-se 10 anos que o Ladinokomunita está na internet:

Queridos amigos:

Escrevo para felicitar pelo décimo aniversário deste site que me parece uma obra prima. Um site que reúne os sefaraditas de todo mundo e serve para muitos como a única ligação com suas raízes: herança, cultura e sobretudo a língua, a língua que está revivendo. Shabat Shalom!

Por ocasião das comemorações dos dez anos de fundação do LK, sua fundadora, faz um apanhado geral dos objetivos deste grupo comunitário, onde salienta a padronização da escrita ladina em caracteres latinos e através desta, a propagação da cultura dos judeus ibéricos relatando sua história, escrita no idioma hispânico hebreu.

Para ela:

Durante os últimos 10 anos, pessoas do mundo inteiro se reuniram no Ladinokomunita, uma comunidade sefaradita virtual onde o judeo-espanhol é utilizado todos os dias. Um local onde a cultura e a vida sefaradita são discutidas em todos os seus aspectos, sendo ensinada e promovida. A princípio, tínhamos três objetivos neste site LK:

1. Promover o uso do ladino.
2. Usar um sistema estandarizado de ortografia para o ladino com letras latinas.
3. Perguntar, responder e difundir informações sobre língua, cultura, história e tradições dos sefaraditas. Discutir outros objetos de interesse dos membros.

Desde então, o LK cumpriu não apenas isso mas muitos mais.

Em pouco tempo se transformou numa Comunidade Virtual Sefaradita, onde se reuniram os filhos e netos dos sefaraditas dispersos pelo mundo inteiro.

Aqui se reencontraram membros de famílias e amigos que estavam perdidos há muitos anos.

Judeus e não-judeus interessados na língua acorreram de todos os cantos do mundo.

Descendentes de conversos em países hispânicos e no sul dos EUA encontraram um berço e um sentimento de resgate de suas raízes e de suas famílias.

O LK inspirou muitas pessoas que não falavam o ladino há muitos anos, e que nunca tinham escrito nenhuma palavra nesta língua, a escrever: recordações, contos, sabedorias e poesias.

Computando escritores para as publicações sefaraditas, e até mesmo ajuda para o estabelecimento do jornal "El Amaneser", as publicações sefaraditas ganham apoio de nossos membros. Além disso, acadêmicos usam os arquivos de mais de mil mensagens (agora temos mais de três mil) para suas investigações, e mandam suas questões

aos nossos membros. O primeiro e único dicionário eletrônico de Ladino com três outras línguas se fez aqui com a iniciativa de um professor de espanhol do Japão, Antonio Ruiz Tinoco, em colaboração com nossa amiga Guler Orgum de Istambul e outros membros. O LK abriu caminho para dois outros fóruns em ladino também, sendo um para escrever em ladino com letras hebraicas. O Sefaraditauestro fundou-se no ano passado.

As amizades e conhecimentos que fizemos não ficaram somente no campo virtual, se transformaram em encontros pessoais também.

Este encontro em Buenos Aires é o terceiro encontro do L.K.: o primeiro foi em Israel, em 2007; depois na Turquia, em 2008; e agora na Argentina em 2009.

Para mim o encontro de membros do LK na Argentina, em outubro-novembro de 2009, foi a melhor maneira possível de festejar o décimo aniversário da fundação de L.K. R.A.B, Dallas, Texas.

Em uma correspondência eletrônica veiculada pelo LK, um membro do grupo se manifesta sobre o importante avanço obtido no que diz respeito à língua ladina, nestes dez anos de existência desta comunidade virtual, assim dizendo:

Queridos amigos do LK,

Os dez anos da fundação LK mostram que a língua ladina deu um passo muito importante.

LK é uma das razões da renovação e regeneração que encorajam os membros do LK, dia por dia, a se corresponder e rejuvenescer.

Querida Rachel, como fundadora deste blog, conseguistes abranger mais de 1000 membros dispersos pelo mundo. Não sei se imaginavas este resultado. Mas te comprimento de coração. Você reuniu todos os indivíduos ladino-falantes.

LK funciona como uma fonte que corre e se inspira na irrigação de todos os ladinos amantes.

Proposta de encorajar, nossos filhos e filhas, conhecidos, de participar deste fenômeno de reviver o ladino, que sem nossa língua judeu-espanhola não poderíamos preservar nossa identidade judia.

Os dez anos que se passaram deram frutos imensos que nos dão muito orgulho. A minha idéia é que o principal fruto é o dicionário Ladino-Hebraico de M..C.S que é o produto mais importante do esforço de regenerar a língua em Israel. É uma boa oração que meus irmãos e irmãs tenham este dicionário em sua biblioteca.

Ainda que a maioria dos Ladino-falantes se encontrem em Israel, temos que fazer o possível para continuar a comunicação entre todos os membros do LK, para conservar o ladino e transferi-lo para as gerações futuras.

Shabat Shalom

D.A. de Kuzguncuk, Istambul e Yerushalayim- Tel Aviv

2.4 A composição do grupo

Desde sua fundação, o grupo tem se expandido, se transformando rapidamente em uma comunidade sefaradita unida, que ganha força por ter o ladino como sua única língua e pela facilidade que a “rede universal” (world-wide-web) da internet oferece aos seus usuários.

A comunidade virtual LK, é composta em sua maioria por membros judeus sefaraditas nascidos na Turquia ou em outros locais do Antigo Império Otomano, ou com raízes nestes lugares. Mas possui membros que não são Sefaraditas, nem mesmo judeus, mas que se interessam pela língua ou que querem aproximar-se novamente das raízes sefaraditas perdidas há muitas gerações.

Numa pesquisa realizada entre agosto e outubro de 2005, constatou-se que 62% dos membros aprenderam o ladino na casa dos pais. Os dados indicam que 27% nasceram na Turquia, 17% nos EUA e 12% na Argentina. Depois encontram-se os membros dos seguintes países: Espanha, Grécia, Israel, França e outros.

Os integrantes do grupo apresentam idades distintas, como podemos ver pela tabela abaixo, que representa a faixa etária dos participantes do grupo:

Porcentagem	Idades
59%	acima de 50 anos
23%	entre 51 e 60 anos
10%	entre 41 e 50 anos
5%	Acima dos 80 anos (o mais velho tem 86 anos)
3%	abaixo de 20 anos (o mais jovem tem 17 anos)

Fonte: LadinoKomunita.

Conforme demonstram os dados da tabela, observa-se que, a maior parte dos membros da comunidade encontra-se na faixa etária acima dos 50 anos. O grupo vem apresentando um crescimento no número de seus integrantes ano após ano. Assim, no ano 2000 foram registrados 21 membros; em 2001, 33 e em 2002, 23. Hoje a

comunidade conta com mais de mil pessoas. No que tange a origem dos membros, nem todos são sefaraditas. Segundo a fundadora:

No LK uns 65-70% dos membros são de famílias totalmente ou em parte sefaraditas. Temos muitos membros que são asquenazins ou não-judeus.

Existem membros de 38 países, da Alemanha até a Venezuela. 53% dos membros conhecem o espanhol (isto baseado nos questionários que foram preenchidos dentro da comunidade, mas me parece que a proporção é maior).

Quanto à composição da comunidade, fazem parte do LK: professores, acadêmicos, especialistas e estudiosos da língua, literatura, música, folclore, usos e costumes sefaraditas. Todas essas pessoas não apenas compartilham seus conhecimentos, como também tem a oportunidade de reviver a cultura sefaradita que se encontra no interior do grupo. Para que haja uma organização dentro da comunidade existem regras de participação, como veremos no próximo tópico.

2.5 As regras existentes no grupo

Com a intenção de organizar o grupo existem algumas regras em seu interior. Uma delas é a mediação dos e-mails. Todas as mensagens enviadas ao LK são “mediadas”, ou seja, cada e-mail é controlado por um moderador antes de ser repassado para os membros. A moderadora oficial do LK é Rosina Karako Esmeraldi, nascida em Istambul e que atualmente vive na Flórida. Esse procedimento de mediação ocorre para assegurar que a mensagem esteja escrita em ladino, e que a ortografia esteja de acordo com o sistema estabelecido pelo “Aki Yerushalayim”²⁴. Todavia existem outras razões

²⁴ Nós usamos= Q,W,C (a parte, nos nomes próprios). X (somente para os verbos como êxodo, exílio). Para o som da letra C que soa como (s) usamos a letra S; se soar como K usamos K. Y é apenas consoante (yerno, yorar, etc...), não se usa sozinho. Usamos I para o conjuntivo (Y em castelhano e “and” em inglês), não Y.

Abaixo, representamos os sons do alfabeto, fazendo aparecer atrás de cada letra um nome conhecido:

A – Albert, B – Babo, X - Charles (em Inglês), D – David, DJ – Joe (em Inglês), E – Ester, F – Franko, G – Galanti, H – Hayim, I – Izak, J – Jacques (em Francês), K – Kaden, L – Leon, M – Miriam, N –

para o controle dos e-mails, uma vez que, em cada envio estão inseridas as regras para escrever. Mesmo assim, muitos cometem erros. Existem, sobretudo, problemas com as pessoas que conhecem o espanhol, pois elas misturam as duas línguas. Desta forma, os moderadores/mediadores trabalham como uma espécie de redator, corrigindo os e-mails. Assim, se as mensagens vêm em outra língua, que não seja o ladino, mesmo que esteja escrita em espanhol, não é aceita.

Abaixo das mensagens enviadas estão sempre presentes as instruções de como enviá-las, e as regras gramaticais do idioma do jornal “Aki Yerushalayim” com a maneira que devem ser escritas. Imbuídos nestes regramentos de escrita destacamos:

Pedimos que vocês fiquem atentos ao seguinte:

1. Não tecler “replay” (botão de resposta que quer dizer: não nos mandem o texto ao qual estão respondendo).
2. As mensagens aceitas no LK são em judeu-espanhol/ladino somente.
3. Coloque seu nome e o lugar onde mora embaixo de sua mensagem.
4. Escreva com a ortografia fonética do judeu-espanhol, segundo o sistema do Aki Yerushalayim.

Essas regras auxiliam as moderadoras do grupo na hora de enviar os e-mails a todos os membros, pois segundo as explicações de uma das moderadoras, conforme o e-mail abaixo:

Pedimos para escreverem o nome embaixo das mensagens para os conhecermos mais intimamente. Quando colocam o lugar onde vivem podemos identificar as pessoas. Por exemplo, se escrevem duas pessoas chamadas Sara, uma que vive em Israel, e outra que reside na França, podemos diferenciá-las pelas cidades e países.

Pedimos para que escrevam com a ortografia correta, para que possamos compreender a todos. Eu também tive dificuldade no começo. Lendo minhas primeiras mensagens do ano 2000, observei que depois de ter feito a assinatura da revista AKI YERUSHALAYIM me acostumei à nova ortografia.

Eu quero esclarecer a regra número quatro: Não mandem e-mails muito cumpridos, somente com quatro ou cinco parágrafos por mensagem, e enviem o resto em divisões. O motivo é que muitos membros me escrevem pessoalmente perguntando: porque estás passando esses e-mails tão grandes? Não os lemos por completo e

Neama, O – Oro, P – Pola, R – Roza, S – Salamon, SH – Shemuel, T – Tuvi, U – Uziel, V – Vitali, Y – Yavuz, Z – Zakuto.

Exemplos de verbos: alhad (Sunday), djugeves (Thursday), kaza (house), kuando (when), tu i yo (you and me), meldar (to read), eskrivir (to write)

muitas vezes os deletamos. Para falar a verdade, nem eu tenho paciência de ler mensagens muito grandes. Às vezes sinto vontade de pegar os e-mails e cortá-las para enviar em várias partes, mas levaria muito tempo porque teria que copiá-los e mandá-los ao LK, citar o meu endereço e colocar o da pessoa que escreveu. Por isso lhes peço que antes de enviar mensagens longas, tenham compaixão com os moderadores e com os membros que vão receber, porque às vezes, estes e-mails são muito educativos.

R. da Florida

Conforme as explicações expostas no e-mail acima, percebemos que o trabalho das moderadoras é de suma importância para o funcionamento do grupo, permitindo identificar a origem de quem escreve e compreender o teor do e-mail a partir da escrita correta do ladino. Neste sentido, é importante acrescentar que, entre os problemas encontrados no interior do grupo, podemos destacar as diferenças idiomáticas presentes na maneira de como o ladino é falado nas diversas comunidades judaicas sefaraditas dispersas pelo mundo que compõem o LK. Pelo fato da expulsão, e conseqüentemente das migrações constantes que os judeus passaram, observa-se que, o ladino que se fala em Esmirna, por exemplo, não é exatamente o mesmo falado em Istambul, ou na comunidade de Sofia na Bulgária, ou até mesmo nas comunidades sefaraditas da Argentina ou do Peru. Percebe-se uma grande diferença, principalmente, nos locais de idioma espanhol. Nestas regiões, mistura-se muito o ladino com o espanhol atual. Em virtude de todas estas diferenças, faz-se necessária a existência destas regras de uniformização da escrita ladina²⁵. Entretanto sempre existem as exceções, como por exemplo, o caso descrito nesta longa mensagem:

Minha querida amiga Rachel, fundadora e moderadora desta bonita comunidade de judeus sefaraditas falantes:

Chamo-me F.L.F. sou neta por parte de mãe de M.F. um dos dirigentes dos Jovens Turcos (que ajudaram a derrotar o Sultão da Turquia e levar ao poder Ataturk).²⁶ Meu avô, cansado de tanta luta, decidiu emigrar para a América do Sul como fizeram muitos outros, e no princípio de 1900, se instalou com sua família em Buenos Aires/Argentina. Aqui seguiu sua atividade de dirigente, fundou a

²⁵ Idioma que tem a predominância do espanhol arcaico, mas com a inclusão de palavras hebraicas, e dos idiomas locais em que se refugiaram os judeus expulsos da Península Ibérica durante a inquisição. Vale dizer que é uma língua dos desterrados, que a moderadora e fundadora do Ladinokomunita tenta preservar.

²⁶ Estadista que aboliu o sultanato e fundou a República turca

Bnei Brit, o Centenário de Remédios de Escalada e atuou na coletividade junto a outros emigrados, como D.E.

Eu herdei o amor por tudo o que diz respeito ao judeu-espanhol, e sempre terei presentes as canções com as quais minha mãe me fazia dormir desde quando éramos pequenos, e o falar de minha avó que não abandonou nunca o judeu espanhol. Mas eu nasci na Argentina e me expressei em espanhol moderno, ainda que meu coração pertença à Espanha que nos expulsou em 1492. Eu deixei de escrever ao Ladino Komunita porque estou quase cega, posso ver um pouco, mas não consigo ler e escrever. Por sorte, consegui que instalasse em meu computador um dispositivo que aumenta as letras, por meio das quais me comunico, leio e escrevo, mas é cansativo e não posso abusar da pouca vista que tenho. Contudo, sigo conversando com Güler, minha querida amiga que seguido me escreve, e, não perco o contato com a comunidade. Recebo El Amaneser e leio os títulos, mas não mais que isto. Peço que me desculpem se escrevo em espanhol, porque sei que no LK não se aceitam textos no meu idioma nativo, mas me custa muito escrever em ladino, que amo com toda a alma.

Um abraço apertado para ti e para toda a comunidade e sigo sendo parte deste grupo. Ainda que não possa ler os e-mails, me encho de alegria quando leio um pouquinho, devagar e com paciência.

F.L.F. Descendente de Davi Lévi, o jornalista escritor do século XIX.

Em resposta a este e-mail, a fundadora do grupo se manifesta:

Querida L. me desculpe por te escrever neste espaço do LK. Em resposta ao teu e-mail: rogo-te que não tomes como pessoal, que asseguro que muitos membros me mandam questões como a tua e eu fico sem saber o que responder. Decidi finalmente que TODOS devem saber que não tem necessidade de escrever a mim para subscrever-se e NEM PARA SAIR: “Unsubscrive” se encontra embaixo de todas as mensagens.

Se soubesse, quantas pessoas se inscrevem em um dia e saem no segundo, ou no mesmo dia até! Ao menos 3 ou 4.

Creio que isto aconteça porque o LK está registrado sob o título de judaísmo e a língua é espanhola (porque tinha que escolher uma língua)²⁷, por isso, creio que os que se inscrevem, vêem que nós não somos um site religioso, e saem. Outros pensam que é castelhano e não querem se ocupar em ler nosso ladino. Outros se inscrevem e nos mandam mensagens desagradáveis, ou alguma reclamação, e saem. Estas são algumas das razões pelas quais temos moderadoras, para controlar essas coisas e não mandar a vocês o que não é apropriado. Para amigas como você, faço o que me pede com prazer.

R.A.B, Texas.

Shalom a todos amigos/as.

²⁷ Não existe a opção de língua ladino no Yahoo, por isso está registrado como idioma espanhol.

A partir da leitura destas duas mensagens, ficam claras as regras de participação existentes, e vemos que é de suma importância para a comunidade que todos os seus integrantes saibam escrever corretamente o ladino. No caso acima, que é muito especial, foi concedido a uma senhora quase cega o direito de escrever em espanhol. Mas está claro, que é uma exceção, para não descaracterizar o ladino e acabar com a comunicação neste idioma.

Desta forma, pela troca de e-mails escritos em ladino, os integrantes do grupo dão segmento a manutenção da identidade judaica sefaradita, em memória daqueles que foram expulsos da Península Ibérica na inquisição. Em que pese ter mais de quinhentos anos da expulsão dos judeus, permanece como um ato doloroso para o LK e que não pode ser esquecido entre seus participantes que relembram com pesar e buscam o avivamento desta cultura, como veremos nos próximos capítulos.

Neste contexto, um assunto que é frequentemente discutido pelos integrantes desta comunidade virtual é a importância da língua para a manutenção da identidade judaica. São remetidos diversos e-mails com questionamentos sobre a sobrevivência da língua, expressões idiomáticas, e etc. Em virtude disto, dedico-me no próximo capítulo a esta temática.

Capítulo 3

O idioma ladino como fator de identidade

No interior desta comunidade virtual, um dos assuntos mais recorrentes é a própria língua. Os integrantes do LK enviam muitas mensagens com dúvidas e compartilhamentos sobre o idioma ladino. Portanto, farei neste capítulo uma abordagem do ladino contextualizando sua origem e desenvolvimento e apresentarei algumas mensagens enviadas pelos integrantes do grupo onde se evidencia a importância desta língua.

O Ladino é a língua dos judeus hispânicos e portugueses expulsos pelos reis católicos e pela Igreja Católica da Península Ibérica durante a Inquisição. Ele é um legado da cultura íbero-judaica, que posteriormente se difundiu no Império Otomano, uma vez que estes judeus banidos emigraram para os países muçulmanos, principalmente a atual Turquia, (na época denominada Império Otomano). O Sultão deste país forneceu navios para o transporte do povo judaico ibérico e este idioma conseguiu sobreviver graças à riqueza desta cultura expressa pelas canções, pela alimentação, usos e costumes registrados ao longo de séculos por documentações diversas.

O judeu-espanhol condensa aspectos peninsulares, judaicos e mouriscos em sua língua e imagem. Apresenta uma riqueza de culturas e tradições, e pode ser definido como uma mescla de espanhol e português arcaicos, hebraico e turco entre outros. Ele é um dialeto judeu-hispânico, é o idioma dos judeus sefaraditas (provenientes de Sefarad, nome hebraico da Península Ibérica). Pode ser considerado como uma língua com história, como aparece em muitos e-mails trocados pelo grupo. Um exemplo disto é a mensagem abaixo, onde um integrante conta a história da expulsão dos judeus da Península Ibérica enfatizando que despojados de seus bens materiais só lhes restou a

língua, com a qual puderam se expressar e relatar sua histórica trajetória. Abaixo transcrevo na íntegra o artigo que um membro enviou:

Em 31 de março de 1492 ocorreu um dos acontecimentos mais dramáticos da história do judaísmo. Nesta data os reis Isabel de Castilla y Fernando de Aragón, aconselhados pelo inquisidor general Tomás de Torquemada, promulgaram o Edito de Expulsão²⁸, dos cerca de 600 mil judeus que viviam na Espanha. Três meses antes haviam derrotado para sempre os muçulmanos, com a vitória de Granada sobre Boabdil. Havia chegado o momento de submeter a península a um processo de "limpeza de sangue". Ainda que a ordem de desterro excluísse aqueles que se converteram ao cristianismo, a imensa maioria dos sefaraditas optou pelo exílio. Alguns historiadores sustentam que os que marcharam foram um terço, sendo que o outro terço se converteu e o restante pereceu nas mãos da Inquisição. Seja como for, quase todos os exilados foram recebidos com os braços abertos pelo sultão Bajaceto II do Império Otomano que segundo a lenda pôs em dúvida a inteligência dos Reis Católicos por haver se desprezado da laboriosa população judaica. Deste modo se formaram importantes comunidades sefaraditas em Tessalônica, Constantinopla, Bósnia, Cairo e Jerusalém. Outros se estabeleceram no Marrocos, na Holanda, (país com uma larga experiência de tolerância) e em alguns países da Europa Central.

Eles caminharam com seus escassos pertences materiais que lhes permitiram as precipitadas circunstâncias: os Reis Católicos haviam concedido tão somente quatro meses de prazo para que abandonassem seus domínios que excluía a Espanha peninsular e outras possessões sobretudo o sul da Itália. Ele não impediu que se levassem nas costas um tesouro de valor incalculável que passaria hoje despercebido pelo mais sofisticado sistema de detecção de metais: o idioma.

A partir da leitura deste artigo, percebe-se que o ladino acompanhou o processo da diáspora e que hoje ainda pode ser encontrado enquanto língua viva em algumas comunidades judaicas de países como: Turquia, Marrocos, Israel, Grécia, Tunísia, Croácia, Bulgária, Bósnia, Estados Unidos, Brasil, etc.

Neste sentido, podemos dizer que por encontrarem-se separados pela diáspora, os judeus enfrentaram uma barreira para a comunicação no espaço geográfico. Assim sendo, para que os membros de uma comunidade sefaradita, de Porto Alegre pudessem remeter suas lembranças sobre a expulsão dos judeus da Península Ibérica, ou desejar um "Shabat Shalom" para uma comunidade de Toronto, no Canadá, ou da Espanha, ou de Istambul, ou de Sofia na Bulgária, fez-se necessário, a existência de um espaço comum, como, o espaço virtual inaugurado pelo Ladinokomunita. Devido a este

²⁸ Documento Edito da Expulsão, incluso como anexo.

espaço virtual está sendo possível, apesar da separação física, o reavivamento da memória judaica sefaradita, agora compartilhada pelas mensagens eletrônicas postadas no LK.

Assim, durante as observações do grupo estudado, percebi que o fato dos integrantes continuarem falando ladino é o que está permitindo que eles dêem seguimento à cultura e à manutenção da identidade judaica sefaradita, pois o esquecimento da língua pode ocasionar a perda da identidade de um povo, e consequentemente de toda uma tradição, que historicamente seus antepassados mantêm. Como ressalta Orlandi (1992), “é porque a história se escreve na língua que ela significa”.

Deste modo observou-se, que dentro desta comunidade virtual existe uma grande preocupação por parte dos seus integrantes em relação à continuação deste idioma para o futuro. Seus membros não querem que ele desapareça, transformando a própria língua em alvo privilegiado de debate. Neste sentido, a partir da leitura dos e-mails, percebi que em algumas mensagens os componentes se manifestam a respeito da importância da transmissão idiomática e de sua memorização, como por exemplo, nos dois e-mails abaixo:

E-mail 1

Queridos amigos, e, sobretudo nossos moderadores tão dedicados: Dez anos podem não parecer muito tempo, mas nestes anos muito já se alcançou. Do ponto de vista do abandono de línguas em perigo, o LK já serviu de pioneiro. De muitas línguas agonizantes que seus falantes procuraram vivificar, encontramos, por exemplo, o Manx, o Cornwales, o Dalmaciano, o Irlandês. Tão somente o hebraico teve êxito graças à vontade de ferro do povo judeu.

A nossa vontade é ter por muitos anos a continuação desta língua bonita e querida, o ladino-vernáculo/judeo-espanhol, judeu sefaradita oriental. Pouco importa como a língua se chame, ela está viva e por muitos anos mais viverá. O LK já mostrou o caminho no ciberespaço para sua sobrevivência, e para muitas outras línguas além destas. Felicitações.

Shalom Rav!

C. B. A. de San Antonio, Texas.

E-mail 2

Uma língua para que esteja viva, é necessário que não apenas seja falada, mas ao mesmo tempo, que seja escrita e lida. O LK é o melhor exemplo deste fato.

Vidas longas ao LK!

Abraços. S.S. de Israel.

Pelas palavras expressas nos e-mails acima, constata-se a preocupação por parte dos membros do grupo em dar continuidade à língua. No momento em que a integrante ressalta que a língua deve ser escrita e lida, e não apenas falada, fica evidente a importância que os integrantes do LK dispensam à sobrevivência da língua. Ao estabelecer a regra de que as mensagens serão aceitas apenas em ladino, é mais uma forma de se preservar a escrita desta língua. Ao utilizá-la com frequência, nos e-mails eles conseguem mantê-la viva na memória de quem lê e escreve. Neste sentido, podemos dizer que o idioma faz parte da identidade de um grupo, possibilitando que os integrantes se identifiquem como pertencentes a ele. Falando a respeito da importância da língua, a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha diz:

A língua de um povo é um sistema simbólico que organiza a sua percepção do mundo, e é também um diferenciador por excelência: não é a toa que os movimentos separatistas enfatizam dialetos e os governos nacionais combatem o polilinguismo dentro de suas fronteiras. No entanto, a língua é difícil de conservar na diáspora, por muitas gerações, e quando consegue, ela perde a sua plasticidade e se petrifica, tornando-se por assim dizer, uma língua fóssil, testemunha de estados anteriores. Ora, quando não se consegue conservar a língua, constrói-se muitas vezes a distinção sobre simples elementos de vocabulário, usados sobre a sintaxe dada pela língua dominante (Cunha, 1986, p. 100).

Deste modo, observa-se que o esforço pela manutenção do idioma como instrumento de avivamento de uma dada cultura carrega consigo a luta pela manutenção de uma identidade, ou seja, a identidade manifesta-se através da escrita e da fala da língua. Vale dizer ainda que, a língua pode ser considerada também como o repositório da memória de um povo, pois como assinala Payer:

Podemos então dizer que há memória na língua. Há memória discursiva já na língua, não em uma dimensão suposta como ulterior a ela. Nesta perspectiva, podemos compreender que o modo como uma sociedade, um povo, produz sentido historicamente se encontra marcado em sua linguagem, no modo como ele fala a “sua” língua, ou melhor, a língua que lhe é dado falar por sua história (Payer, 2006, p. 39).

De sorte que, a partir da leitura de diversos e-mails percebe-se que o grau de importância que os membros do grupo dão à preservação do idioma hispânico hebreu é elevado, como mostram as cinco mensagens abaixo:

E-mail 1

Estimados Davi e Metin,
Quero-vos agradecer por seus cumprimentos sobre meu ladino. Eu acredito firmemente que todos deveriam tentar falar uma língua o melhor que possam especialmente uma língua como o ladino, que seguramente os poucos que ainda falam, não sabem falar tão bem como falavam seus pais em suas infâncias, e esta é uma das razões pela qual o ladino esta morrendo ou desaparecendo com o tempo. Espero que, ao ler este e-mail vos encontre são e saudável. Com minhas melhores saúdes e agradecimentos.
B.A. de Nova York.

E-mail 2

Algumas pessoas têm me dito que o ladino agora está morto e que todos sabem. Eu protesto muito! Eu falo com meus primos que têm menos de 30 anos e com minha prima que tem apenas 9 anos, e ela fala ladino como sua primeira língua! Não sei se minha família é única no mundo, mas nós sempre falamos ladino, às vezes mesclado com inglês ou italiano, mas o falamos certamente, e não está morto, nunca! Saúde!
M. da Inglaterra.

E-mail 3

Que bonito M.! Ficamos alegres!
Não sei se tua família é a única, mas seguramente não está entre a maioria!
R.B. Dallas, Texas.

E-mail 4

Agrada-me muito como você escreve, porque aqui na Europa estamos muito assimilados, estamos perdendo a identidade judia. Que Deus proteja vocês porque o fim da galut²⁹ está perto.
Amistosamente.
E.B deNew York.

E-mail 5

Porque não há um espaço no Ladinokomunita para ensinar aos jovens, ou aos novos membros, o idioma ladino?

²⁹ Galut significa diáspora.

O ladino vai morrer, se não tivermos “falantes” novos! Tem uma página que ensina, mas são poucas coisas.
 Necessitamos de falantes novos para quando os velinhos morrerem.
 Já pensaste nisto?
 Tenho 16 anos, e não têm falantes como eu, e aprender ladino sozinho é mais difícil.
 Obrigado N. de USA.

E-mail 6

Sim N. Bom Dia
 Eu estou fazendo um trabalho com jovens. Ensino cantigas a crianças de oito a catorze anos.
 E tu estás próximo desta faixa etária? Se quiser pode começar. E com teu entusiasmo podemos aumentar o número de pessoas para falar.
 Tenho dois grupos que cantam.
 Um de oito a doze anos: são 40 crianças.
 E um grupo de 12 a 14 anos: 10 rapazes/moças. Com um grupo grande começaremos a escrever.
 O que fazes nos E.U.A.? Como se diverte?
 Aqui temos um grupo Yahoo chamado “Estrelinhas”.
 Pode vir aqui para escrever ou conversar. Nós conversamos pelo skipe ou MSN. Se tiver outras pessoas que queiram entrar neste modo de se comunicar que me escrevam.
 I.B. de Istambul.

Pelo teor dos e-mails acima, depreende-se que os membros do LK têm uma enorme preocupação em manter vivo o ladino e em como aprendê-lo. Além disso, outras dificuldades destacadas são as de encontrar indivíduos que ainda falem este idioma. Dentre os motivos da escassez de ladino falantes, podemos citar, por exemplo, as constantes migrações e o Holocausto que ocasionaram a diminuição do número de ladinos falantes. Em contrapartida, com esta nova instrumentação tecnológica, que coincide com a época da formação do grupo, ocorreu um fortalecimento desta etnia devido à possibilidade de comunicação no idioma ladino, através do ciberespaço. Neste sentido, é interessante acrescentar ainda a opinião de uma jornalista de origem sefaradita, no que tange ao aprendizado e a manutenção do ladino. Essa entrevista foi postada no site do grupo através de um vídeo exibido no youtube:

Essa é uma língua que se aprende ou da boca da mãe ou nas escolas. Não é mais possível aprender essa língua pela boca das mães porque as mães não a conhecem mais. Quanto às escolas, não temos este programa de língua nas escolas judias. Sobretudo tem a questão: que espanhol e com que livros? Não vejo necessidade de revivê-lo porque

o judeu tem e sempre teve o problema da identidade. O judeu sempre está em minoria na religião do país onde ele vive. Ainda para agravar essa situação existe a separação que a língua provoca. Já sabemos que a língua e o pensamento estão estreitamente ligados, e que a língua é uma estrutura primordial para a união ou para a desagregação. Eu penso que o judeu que vive a diáspora deve falar como língua mãe a língua do país onde ele vive.

Através da fala da jornalista, infere-se que a dificuldade de continuar falando o ladino deve-se à ausência de escolas que ensinem esta língua, ou pela falta de compêndios com os regramentos lingüísticos. Essa situação ocorre por que é uma língua que foi sendo passada de pai para filho, e sendo transmitida por sucessivas gerações via oral. Além disso, a entrevistada aponta a língua ladina como um fator de desagregação dos judeus face à sociedade do país onde vivem. Isso ocorre por se tratar de uma minoria étnica que professa outra religião e que tem um linguajar diferente do idioma local, o que dificulta o processo de assimilação no lugar em que moram, ou seja, no caso em questão, a sociedade turca. Vale ressaltar ainda, que a opinião desta jornalista data do início da década de 90, quando esta inovação tecnológica, qual seja a internet, não estava tão em voga. É importante considerar também que o grupo LK foi fundado em 1999 e que no decorrer de dez anos, este idioma hispânico hebraico foi revitalizado pelo espaço da cibercultura e propagado através das Edições do Jornal El Amaneser, fundado há cinco anos, por esta mesma comunidade cibernética e todo escrito em judeo-espanhol.

Entretanto, é interessante destacar-se também que no século passado, o fato dos judeus falarem o Ladino em suas comunidades locais, gerou preconceitos, principalmente devido ao crescimento das idéias de racismo que permearam ao longo do Século XIX. Assim, podemos dizer que não era visto com bons olhos uma minoria, falando outro idioma que não o pátrio local. Neste sentido, falando sobre o racismo lingüístico Aroux (1998) assinala que: “o racismo lingüístico foi uma doutrina senão universalmente compartilhada, ao menos relativamente dominante por volta do meio do século XIX” (Aroux, 1998, p. 377). O autor ainda destaca que:

Há racismo lingüístico quando as diferenças reais são interpretadas como diferenças de estatuto intelectual e espiritual, em uma palavra, como diferenças de humanidade. As línguas devem ser consideradas em suas potencialidades indefinidas. É impossível admitir o conceito

de “língua inferior” porque todas as línguas têm potencialmente as mesmas capacidades expressivas (Aroux, 1998, p. 377-388).

Desta feita, observa-se que este ressentimento ocasionado pelo preconceito que desperta o falar uma língua diferente por parte de uma comunidade em outros países, foi o que os sefaraditas experimentaram falando o judeu espanhol na Turquia. Os turcos não viam com bons olhos porque para eles, um povo falando outro idioma que não o seu, e com outra religião que não a sua não era bem visto. Além disto, é interessante lembrar que, os judeus já formavam uma minoria à parte da sociedade, o que tornava mais difícil a assimilação pela maioria do povo turco. Como ressalta Bauman: “os judeus eram não somente diversos de qualquer outra nação; eram também diferentes de quaisquer outros estrangeiros. Em suma, eles minavam a própria diferença entre hóspedes e hospedeiros, entre nativo e estrangeiro” (Bauman, 1998, p. 73).

Todavia, depreende-se que, a língua de um povo é um forte fator de agregação o que permite a um grupo reafirmar a sua identidade, mas também apresenta os percalços que o idioma da comunidade, o hispânico hebreu, os diferencia face à sociedade turca, por exemplo. Entrementes, ele não pode desaparecer, pois isso ocasionaria a perda da identidade. Como corrobora Skolaude (2008):

A língua está longe de ser somente um veículo que permite ter acesso a um sentido fixado de forma inerente e duradoura a coisas, pessoas, ou a eventos, ou de ser um meio que transmite, com transparência e neutralidade, os significados que se pretende expressar. Ela é, sobretudo, um meio privilegiado pelo qual se atribui sentido ao mundo e a nós mesmos, é aquilo que se reconhece como sendo o real ou a realidade, ao mesmo tempo em que produz sujeitos que nela estão implicados (Mayer, 2000, p. 53 apud Skolaude, 2008, p. 35).

Assim, os componentes do LK sentem que este estranho idioma, o espanhol hebreu que falam, e que poucos conhecem e entendem a não ser eles mesmos, mas que lhes é muito caro, não se trata apenas e tão somente de um idioma. Ele é o meio pelo qual se expressa grande parte da cultura sefaradita de seiscentos anos da expulsão e de mais de mil anos de permanência na Península Ibérica, desde praticamente tempos imemoriais, ou com a data precisa a partir da grande Diáspora, com a queda do Templo do rei Salomão. Através da recordação da língua com os e-mails escritos em ladino, os

integrantes do LK reconstróem sua identidade judaico-sefaradita. Neste sentido para Le Page:

todo ato de fala é um ato de identidade. A linguagem é o índice por excelência da identidade. As escolhas lingüísticas são processos inconscientes que o falante realiza e está associado a múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na comunidade de fala. O que determina a escolha de uma ou outra variedade é a situação concreta de comunicação (Le Page 1980 apud Teles, 2001, p.1).

Talvez seja por essa razão que em alguns e-mails, os integrantes debatem a própria língua, através de questionamentos, como por exemplo, sobre determinadas expressões ou palavras, a respeito das origens semântica e etimológica, entre outros. Nas mensagens eletrônicas postadas neste espaço virtual do LK, cada membro vai emitindo seu parecer, acrescentando outras variações aos termos questionados, como por exemplo, nesta longa seqüência de perguntas e repostas que seguem nos e-mails abaixo:

E-mail 1

O estimado amigo L.B me perguntou: o que quer dizer “guay de mi no”?

Eu lhe respondi que esta expressão era usada por nossas mães quando seu filho levava um tombo e chorava, para consolá-lo.

J N. de Israel.

E-mail 2

J. Não me disseste o significado! GUAY, que se empregava de várias formas: guay de ti si no te lo komes....”

O dicionário de Nehama diz: “exprime uma dor”... lamentação de mulheres... Desgraça em cima de mim. Usa-se como uma ameaça (guay de ti) Ai de tí! Tem muitos exemplos, daria para encher uma folha.

R. da Florida, E.U.A.

E-mail 3

Estimado L.

Eu também tenho ouvido esta frase, está correto dizer que se usa para expressar uma coisa ruim. Existe uma cantiga sefaradita que diz: “Quinze anos estou na prisão, estou na cadeia, ai de mim!”

M. Inglaterra.

E-mail 4

Querido amigo H. do México,
 Perguntaste qual o significado da palavra BUDJAINA. Esta palavra é turca e significa em espanhol DISTRITO e em Inglês DISTRICT, quando nos enervamos de alguém, amaldiçoamos, dizendo “cehennemini bucagina yolun var”, que quer dizer: “Teu caminho está aberto para o inferno” ou “Vá para o inferno”!
 J. N. de Israel.

E-mail 5

H. do México Shalom!
 Budjak (bucak em turco) tem três significados: esquina, rincão e distrito.
 A.de Tel Aviv

Abaixo, seguem-se dúvidas acerca de outra palavra, suas derivações e expressões usos e empregos nas diversas comunidades, com a explicação por vários membros do grupo:

E-mail 1

Não sei se emprega-se entre todos os ladinos falantes. Em Esmirna, se dizia (nyur) para ter as coisas em ordem. Também se usa para dizer: “É uma mulher muito ordeira”. “Estava desarrumada e sem graça!” Pensei de onde vem, no dicionário “Nehama” não existe, ou não tem. Se é em hebraico, (nyur) é o ato de sacudir, mas não me parece que possa ser. Uma outra palavra é (nekotchera) para uma mulher muito caprichosa com a casa. Isto também não existe no dicionário de Nehama, se houver alguém que saiba eu agradeço.
 Saudações, S.A. Israel.

E-mail 2

S. Essas duas palavras são usadas entre os ladinos falantes de Istambul, conforme me escreveu Y.H de Israel. A palavra (nekotchera), segundo a definição do senhor J.C significa “dona de casa” e vem do grego: “nikochiera” (se não me engano na pronúncia).
 Y.H. de Tel Aviv.

E-mail 3

Nyur é bastante usada pelos membros M. de Montevideo e G. do Brasil. Espero que outros tenham lhe dado respostas.
 R. da Florida.

E-mail 4

Obrigado ao senhor A. M. que nos trouxe o dito: “A mãe preguiçosa e a filha prendada” (citação de um escrito do Prof. Sefiha)

Lembro-me de outro dito também: “A mãe caprichosa deixa a filha preguiçosa”

Y. H. de Tel Aviv

E-mail 5

Para esclarecer sobre a palavra “nyur” que nos escreveu S.A. me parece que seja uma palavra que vem do turco/árabe. A tradução desta palavra é luz.

M.G. de Paris.

E-mail 6

A palavra “NIYUR” não se empregava em Istambul, mas empregava-se a palavra “NUR” com o significado de “HEN” em hebraico. Diziam “mulher luminosa” e “Nurluya” para uma mulher que refletia prazer ao vê-la bem vestida, bem arrumada, bem apessoada e simpática. Empregava-se também para qualificar um trabalho. “Não tem nenhum claro na minha costura”, falha, falta de um ponto...

Saudações N. G. de Israel

Pela leitura das seqüências de e-mails acima, depreende-se que a preservação do idioma através da correspondência eletrônica com as regras de escrita para um padrão de uniformização do vernáculo, nada mais são do que a busca da reconstrução e manutenção de uma identidade étnica, pois como afirma Lima:

A língua materna é um dos principais fatores na definição de uma identidade (nacional, regional, étnica). E, dentro da língua, sem dúvida que o léxico é importante nessa definição. Mas parece-me que a gramática (numa acepção lata do conceito) cria, mantém e recria a identidade a um nível mais profundo. Quando aprendemos uma língua estrangeira, são aspectos de gramática, de estrutura e de forma que temos mais dificuldade em assimilar: causam-nos profunda estranheza coisas como um outro sistema de tempos, modos e aspectos verbais, uma outra expressão de funções semânticas (por meio de casos em vez de preposições, por ex.), uma diferente ordem das palavras, um outro esquema de unidades supra-segmentais (uma outra entoação, um acento musical em vez de um acento de intensidade), etc. Por outro lado, é pelo deficitário domínio destes aspectos que se identifica um indivíduo como estrangeiro, ou como membro de uma comunidade minoritária (Lima, 2001, p.223).

Não obstante, tanto no mundo offline quanto no ciberespaço, a problemática da manutenção do idioma como fator identitário de um povo, não é um mero estatuto de como falar determinada língua, mas sim, a chama viva da expressão daquele grupo. Mormente se considerarmos as dúvidas suscitadas e o debate que ocorre entre os membros sobre determinadas expressões, ditos e palavras perseguindo o sentido mais exato ou indagando diferentes significados de certos termos em outras comunidades, ao mesmo tempo em que procuram encaixar numa ortografia comum, por razões práticas de entendimento neste universo digitalizado. Neste sentido, para Bourdieu:

As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de prioridades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como os sotaques, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade do grupo (Bourdieu, 2001, p. 113).

Desta forma, o idioma torna-se uma maneira de determinado grupo expressar sua identidade. Ele é uma marca, um traço característico que permite a uma pessoa identificar-se e ser identificado como pertencente a um grupo social. Uma nação ou etnia podem ser reconhecidas através da fala de seus membros. Sendo o idioma o instrumento de comunicação e expressão de cultura e identidade, através de sua preservação, ocorre a transmissão de sua história oral e escrita. Neste sentido recordando o antropólogo Fredrik Barth, é oportuno dizer que são os distintos traços culturais que cada grupo traz que permitem dar manutenção à continuidade da identidade. E que a língua é um dos principais fatores que compõem a identidade de um grupo. A história comum, forma a memória coletiva do grupo, transmitindo, interpretando, selecionando e transformando um grupo naquele grupo e não em outro (Barth, 1997).

É interessante ressaltar que na busca pela identidade encontra-se sua reconstrução, uma vez que o pretérito é resignificado no presente. Emerge a necessidade

do grupo de recordar fatos e histórias e comentar peculiaridades de seu dia-a-dia, das comunidades de origem e das atuais, porém sempre enfatizando suas identidades sefaraditas, como veremos nos próximos capítulos.

Neste contexto, faz-se necessário lembrar que o grupo debate diversos assuntos, dentre os quais, a própria temática da identidade. Esta é bastante recorrente nesta comunidade. São levantados questionamentos, idéias e sentimentos acerca do pertencimento judaico-sefaradita.. Percebe-se isso em vários e-mails, onde alguns componentes compartilham dúvidas colocando-as para os demais membros.

3.1. A Identidade judaica no LK

As pessoas em busca de identidade se vêem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de “alcançar o impossível”: essa expressão genérica implica, como se sabe tarefas que não podem ser realizadas no “tempo real”, mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo na infinitude (Bauman, 2005, p. 16).

Segundo Beriain (1996), desde os primórdios da civilização encontram-se no seio das sociedades primitivas como fundamento da identidade coletiva: o local de nascimento, a língua, os laços sanguíneos e o estilo de vida. Esses traços culturais formavam os elos que mantinham a união de um grupo, sendo solidificados através dos processos de comunicação e de trocas daquilo que produziam e do sentimento de unidade. Para este autor, a identidade coletiva faz emergir uma definição cultural que institucionaliza uma dada sociedade de referência, ou seja, refere-se ao “eu”. Da mesma forma que existe uma identidade “nós”, também existem outras identidades, que podemos considerar “eles” a partir da “nossa”, e vice-versa. No interior das comunidades, presencia-se a manifestação de uma relação de irmandade, onde habitam os indivíduos que se enquadram nas origens étnicas comuns. Entretanto, essa irmandade tende a se romper fora do grupo, observando assim a ocorrência de uma relação de alteridade. “No coração da identidade não habita a diferença (não a

indiferença) como condição de possibilidade. Assim, por exemplo, nós os tikopia, nós os arunta, nós os nuer, nós os bascos, nós os judeus, etc.” (Beriaín, 1996, p. 15).

Nesta perspectiva, observa-se que a partir da identidade coletiva do “nós”, temos a possibilidade de definir diversos coletivos, como por exemplo: a tribo, a nação, o partido, etc. Conforme Beriaín destaca:

Os tikopia, a nação alemã e o Partido comunista da União Soviética, se manifestam como identidades culturais criadas, construídas no curso da história. O processo formador da identidade coletiva se articula em torno da auto-concepção do grupo em torno do “eu”, da idéia que a sociedade tem sobre si mesma e em torno de suas condições-limites de tipo étnico, organizativo, militar, territorial, idiomático e histórico, que variam no processo de evolução das sociedades (Beriaín, 1996, p.16).

Percebe-se então, para que uma identidade se construa como realidade, é necessário haver uma interação. Para Beriaín (1996), a maneira pela qual cada indivíduo se vê e a idéia que faz do seu “eu” é estabelecida a partir do processo de reconhecimento. Isso só é possível no momento que se dá o contato com os outros e em detrimento de suas ações. Neste sentido, Durkheim na obra “As formas elementares de vida religiosa” diz :

Uma sociedade não é constituída somente pela massa de indivíduos que a compõem, pelo território que ocupam, pelas coisas que utilizam, pelos atos que realizam, mas antes de tudo, pela idéia que tem sobre si mesma. (...) As representações coletivas exprimem uma realidade de “ordem intelectual moral”, um ser social irreduzível em sua totalidade. São produtos de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para produzi-las, uma multidão de espíritos diversos se associou, misturaram suas idéias e seus sentimentos, longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e seu saber (Durkheim, 1968 apud Oliveira, 1976 p 41).

Vemos que nenhuma identidade pode ser construída no isolamento, muito antes pelo contrário, elas são negociadas no decorrer da vida de cada um através de diálogos entre o interior, o exterior e da interação com as outras pessoas. Em suma as identidades se constroem a partir dos diálogos, estando assim atreladas às relações com outros indivíduos. Neste contexto, ao observar a comunidade virtual LK, durante a leitura dos e-mails, percebi que o debate a respeito da identidade judaica permanece vivo. Li questionamentos sobre para onde vai essa identidade, como se dá a preservação da

memória através da transmissão dos costumes, língua, religião, música e culinária para as próximas gerações.

É interessante salientar-se que na histórica marcha deste povo, neste vaivém, devido as constantes perseguições e a luta pela sobrevivência, as comunidades judaicas na contemporaneidade passam por uma transformação. Começam então, a emergir indagações, como: que tipo de valores étnicos identitários legar-se-á para as gerações futuras? Ou, de que forma dar-se-á a construção desta identidade na contemporaneidade? Percebe-se que a questão da identidade judaica advém da pluralidade de seus integrantes e por isto é frequentemente demandada. Neste contexto, dentro do LK, se questiona um membro, colocando esta demanda para os demais componentes do grupo, pela complexidade da questão e pelo tanto que acrescenta ao debate e a interrogação sobre o significado de ser judeu hoje, levando esta comunidade virtual a refletir sobre este assunto. Para demonstrar a importância da identidade judaica no LK, destaco o e-mail abaixo:

Quando me perguntam quem sou o que devo dizer?

Digo que sou americano, já que eu, meus pais e a maioria de meus avós nasceram aqui? Digo que sou judeu já que, ainda que eu não seja muito religioso fiz bar-mitzvá e por séculos perseguiram aos meus como perseguiram a todos os judeus do mundo? Digo que sou Nova-iorquino já que me criei aqui e tenho muito orgulho deste Estado, que é o lar de diversas comunidades de pessoas de todas as tradições do mundo? As pessoas me perguntam de onde é minha família, que tipo de judeu que eu sou, e o que lhes respondo? Não tenho uma resposta clara. Como dizem em Yidish³⁰: posso dizer que sou “branco” já que minha família veio de pelo menos cinco países, e falavam quase dez línguas?

Sou como muitos, uma mescla. Metade japonês, metade peruano, metade africano ou índio como as misturas da moda. Creio que tenho que ter orgulho da nossa tradição longa e variada.

Alguma pessoa daqui pode me dar uma explicação mais clara do que devo dizer?

Que todos estejam sãos e contentes nesta estação de felicidade e de novos começos.

H. de New York.

A partir da leitura dos questionamentos expostos no e-mail acima, é importante lembrar que o debate a respeito da identidade judaica é antigo e polêmico. Ele existe desde a diáspora. Neste âmbito, podemos afirmar que a questão da identidade judaica

³⁰ Dialeto falado pelos judeus asquenazitas.

sempre será complexa devido às várias migrações e andanças que este povo experimentou, percorrendo diferentes territórios e convivendo com diversos grupos sociais. Essas peregrinações ocasionaram a necessidade de manter seus usos e costumes diversificados do restante da sociedade em que viviam para poderem reafirmar-se como judeus sefaraditas. Portanto, esta complexidade do ser judeu, origina-se de sua peculiar história, desde a antiguidade ao tempo da escravidão deste povo no Egito e na Babilônia, pela diáspora de sua terra natal, Israel, pela expulsão dos Sefaraditas da península Ibérica, culminando com o holocausto e as práticas anti-semitas. Assim, todos estes fatos formam um passado trágico que permite apontar para uma gama variada de identidades construídas em tons múltiplos. Por isto, é importante ressaltar que, até hoje, não se chegou a um consenso a respeito da identidade judaica, devido às constantes transformações culturais que este povo sofreu.

Para o sociólogo contemporâneo Zigmunt Bauman: “A permanente e irremediável falta de lar dos judeus foi parte integrante de sua identidade praticamente desde o início da sua história de diáspora” (Bauman, 1998, p.55). Ainda para o autor:

A diáspora judaica, no entanto, mais uma vez difere da maioria dos outros exemplos de migração e reassentamento de grupos humanos. Uma característica espetacular da diáspora judaica é a simples extensão de tempo histórico em que esses “estrangeiros no nosso meio” preservaram sua separação, tanto no sentido de continuidade diacrônica como de auto-identidade sincrônica. Ao contrário da maioria dos casos de reassentamento, portanto, as reações eliminadoras de fronteiras à presença judaica tiveram tempo suficiente para se sedimentar e institucionalizar rituais codificados com uma capacidade auto-reprodutora embutida, que por sua vez reforçou ainda mais a realimentação da separação. Outra característica peculiar da diáspora judaica foi à universalidade da falta de lar dos judeus, qualidade que talvez partilhassem apenas com os ciganos (Bauman, 1998, p. 56).

Pode-se dizer que o judaísmo permanece até hoje, e os judeus da diáspora, em suas constantes migrações, poder-se-á dizer que neste aspecto, constroem uma multifacetada e complexa identidade: a original, bíblica das doze tribos de Israel; àquela adquirida após a dispersão e a daqueles que emigraram para a Espanha e lá permaneceram até sua expulsão em 1492, pelos reis católicos Isabel e Fernando durante a Inquisição. Na continuidade de sua vivência nos países muçulmanos, eles

apresentavam uma identidade diferenciada, sendo que muitos sefaraditas estabelecidos em comunidades nos Balcões, durante a Segunda Grande Guerra foram dizimados no Holocausto, e a maior parte dos que falavam o judeo-espanhol pereceram. Os que conseguiram sobreviver propiciaram, em última análise a formação do Estado de Israel, pois para lá acorreram. Um terceiro segmento formou-se pelos que partiram para os Estados Unidos, Américas e Austrália. Foram várias as diásporas, o que contribuiu, para o fato que, “a maioria dos judeus seculares são hoje indivíduos isolados, cheios de dúvidas, o que gera sentimentos instáveis sobre o sentido de ser judeu” (Sorj, 2010, p. 154).

Na atualidade, com os Estados Nacionais, independentemente de serem considerados como sociedades democráticas, têm-se um cuidado especial no que tange a lealdade de sua identidade nacional. Theodor Herzl e o sionismo moderno fazem uma interpretação atual das fontes judaicas aliado ao surgimento tardio do nacionalismo judaico. Assim, instaura-se uma identidade nacional judaica que convive com as identidades nacionais adquiridas na Diáspora (Trzonowicz, 2006, p. 5).

A propósito da identidade judaica no interior do LK, ela segue sendo complexa e questionável, como podemos ver neste longo e-mail, no qual um integrante do grupo se pergunta sobre a sua identidade:

Queridos membros do Ladinokomunita:

Eu sou novo entre vocês e muito me agrada suas cartas cheias de recordações tão preciosas, sobre verbos e cantigas e outras bonitas coisas da memória. E também me interessa em conhecer suas opiniões sobre os acontecimentos atuais, porque creio que nós, os judeus, olhamos com o coração no passado para enxergar com os olhos para o futuro.

Então, sabendo que cada um de nós se encontra em locais distantes como eu, em Buenos Aires e outros no norte da América, outros em Israel, na Turquia, Bulgária e Espanha, etc. Quero colocar um debate novo se me permitem.

Quero saber o que é hoje e agora ser judeu para vocês?

Qual é a tradição judia que estamos transmitindo aos nossos filhos? (Vos conto que eu tenho dois filhos de 20 anos).

Qual é a característica que, hoje nos diferencia de um grego ocidental qualquer ou de um americano?

Hoje, bem ou mal somos livres em sociedades abertas (salvo exceções azaradas); já não vivemos fechados em juderias nem nos vestimos diferentes, nem falamos uma língua própria e exclusiva dos judeus. Por melhor sorte, e graças a Deus, nós recuperamos nossa própria pátria Israel e o hebraico; mas nós todos o falamos menos, não utilizando-o para nos comunicarmos a cada dia na cidade onde moramos, por que nos encontramos na diáspora (galut). E vos digo mais: minhas avós que nasceram em Esmirna falavam ladino, **mas**

nem elas guardavam o shabat e a kashrut e muito menos meus pais e tampouco eu. Mas todos nós continuamos mantendo o vínculo de pertencimento do povo judeu. E é por esta minha pergunta a vocês que nos encontramos todos os dias no Ladinokomunita: qual é hoje o judeu que nos diferencia de todos e nos une entre os outros? Todos sabem que estamos unidos por um passado comum? O que vai permitir nos manter sendo judeus no futuro? Peço-vos perdão se vos chateeí com tantas perguntas filosóficas. Agora me retiro e vos deixo em paz.
S.A. de Buenos Aires

A respeito dos questionamentos expostos pelo integrante do LK, e dialogando com a literatura judaica, na opinião do rabino Sobel, quando se fala em “identidade judaica” emerge na mente dos judeus fatores como o apego a uma fé, a uma cultura, a uma tradição, que deve ser ensinada e praticada de geração para geração. Para o rabino é necessário que todos os atos cotidianos sejam encarados de maneira padronizada. Nas palavras dele:

É difícil definir o que significa ser judeu. Os historiadores e sociólogos nunca conseguiram enquadrar os judeus em nenhuma das categorias convencionais. Os judeus, obviamente, não constituem uma raça, pois é uma designação biológica; tampouco são apenas adeptos de uma mesma religião, embora certamente professem a religião judaica; também não se pode descrevê-los unicamente como 'nação', embora a identidade judaica tenha indubitavelmente um componente de caráter nacional. O problema é geralmente resolvido através do termo “povo” (Sobel, 1998, p. 1).

Assim, poder-se-á considerar o judaísmo como uma identidade étnico-religiosa, pois mesmo os indivíduos que não são religiosos ou aqueles que se dizem anti-religiosos e ateus, sentem-se fazendo parte: “de uma entidade única, identificável, que defende possuir continuidade ao longo do tempo, unidade através das fronteiras geográficas e com direitos reconhecidos a várias formas de auto-expressão coletiva” (Kelman, 1998 apud Trzonowicz, 1998, p. 6).

Na mesma esteira Sobel falando sobre identidade judaica, argumenta que é necessário que haja um esforço para manter os elos judaicos, pois a partir do momento que ocorre o fortalecimento da própria identidade, é estabelecida uma forma de auto-afirmar essa identidade contribuindo para o fortalecimento de toda comunidade. Quanto

maior for o conhecimento e a preservação da memória cultural de um povo, maiores as chances de preservá-lo (Sobel, 1998). Assim, a identidade judaica possibilita aos judeus identificar-se com os valores judaicos, ou seja:

...ser judeu é identificar-se como judeu e querer que os outros assim o identifiquem. É pertencer a uma comunidade, a uma coletividade, a um povo. É sentir-se enraizado numa tradição milenar. Ser judeu é perguntar-se, nas mais diversas situações: “o que Deus espera de mim”? Ser judeu é ter fé. É recordar as tragédias do passado e, apesar delas, encarar o futuro com otimismo (Sobel, 1998, p. 121).

Para o antropólogo Fredrik Barth, o processo de identificação de uma pessoa como pertencente ou não a determinado grupo étnico se dá através do compartilhamento de idéias que tomam como ponto de partida que os outros são os estrangeiros, porque são membros de outros grupos étnicos, reconhecendo assim as limitações no que se refere à compreensão comum. Nas palavras do autor:

Diferenças de critérios de julgamento, de valor e de ação, e uma restrição da interação em setores de compreensão comum, assumida e de interesse mútuo. Assim, a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças culturais (Barth, 1997, p. 196).

Segundo o autor, os grupos sociais existem e perpetuam-se através de uma cultura comum e também pelas diferenças que distinguem os grupos étnicos. No entanto ele defende que o que define um grupo étnico, não são apenas os traços culturais característicos que cada grupo carrega, mas sim as fronteiras que são estabelecidas a partir desses traços, ou seja, a fronteira social. Nas palavras dele: “a fronteira étnica canaliza a vida social, ela acarreta de um modo freqüente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais” (Barth, 1997, p. 195). Além disso, as distintas características culturais são o que auxiliam no processo que estabelece as marcas das diferenças entre os grupos étnicos.

Nesta perspectiva, os judeus permanecem vivos e mantendo sua identidade judaica apesar das diversas diásporas que passaram porque seguem mantendo suas tradições, transmitindo-as de geração para geração. Como diz Brandão: “a comunidade preserva a sua organização e a sua identidade étnica enquanto consegue prescrever para os seus participantes princípios de orientação de conduta social marcados por valores próprios de base étnica” (Brandão, 1988, p. 106).

Como assevera um membro do grupo, os judeus sobrevivem pela continuidade de seus princípios inculpidos em sua memória e história, conforme mostra o e-mail abaixo:

Para mim a história dos nossos (os sefaraditas) pelo mundo me fascina, especialmente porque ainda compartilhamos uma cultura, uma raça e uma religião forte. Nos primeiros dias do novo ano reflito muito sobre como persistimos tanto apesar de toda a oposição que tivemos, e por que todos não nos queriam. A nossa é uma história maravilhosa é algo que muitas vezes não se diz, porém tem que se apreciar quando alguém contempla o que se passou.

Shaná Tová –Um feliz ano novo.

H. Z. de Nova Iorque. Agora em St. Louis Missouri.

Depreende-se pelo e-mail acima que, o judaísmo permanece vivo graças à transmissão da cultura, da preservação de uma religião forte, sendo estes os aspectos que fazem parte da história dos judeus sefaraditas dando manutenção a sua identidade. As celebrações das datas religiosas no idioma hispânico-hebreu e os dias de Shabat santificado que guardam durante todos os fins de semanas são um dos fatores que constituem a identidade religiosa. Neste sentido, como veremos a seguir, as mensagens em ladino refletem que a religião é um fator que agrega os judeus sefaraditas, pois em todas as festas e comemorações religiosas, são enviadas mensagens eletrônicas demonstrativas de como é acatada, seguida e transmitida a religião. Os e-mails multiplicam-se principalmente em sua data máxima: Yom Kipur (dia do perdão), e em outras celebrações, como veremos no próximo capítulo.

Capítulo 4

Religião, Identidade e Memória

Durante o período de imersão que tive no interior desta comunidade virtual, percebi que, os membros do grupo têm um apreço especial pelas recordações das datas religiosas, e pelas lembranças de como suas famílias celebravam estas ocasiões antigamente e também atualmente. Todos os anos, quando se aproximam as datas comemorativas do judaísmo, os integrantes do grupo enviam diversos e-mails. Devido a esta constatação, no presente capítulo discorrerei sobre a religião e a memória, explicando a origem das festas religiosas, seus significados, e a importância que elas têm para os integrantes do grupo, na reconstrução de sua identidade, aferidas pelas mensagens eletrônicas postadas nessa comunidade virtual. Para tal, reporto-me, primeiramente, às origens desta religião.

Historicamente, a origem do povo de Israel, está atrelada a religião - a primeira monoteísta, como se infere pelo antigo Testamento, a Bíblia Sagrada³¹. Ela trata da criação do Universo, do primeiro homem e da mulher, e assim vai sucedendo-se a história da formação de Israel, com este cunho religioso. Na visão dos historiadores Garelli e Nikiprowetzky:

³¹ “A Bíblia é o texto de referência dos judeus, independentemente da importância de que a ela possa ser dada, da crença na veracidade ou não de seus relatos ou mesmo do fato de que tenha sido lida, pois nela se encontram os mitos fundadores que no imaginário coletivo fazem parte de um indivíduo concreto, parte de uma comunidade. A Bíblia define uma filiação, relatos e arquétipos de uma origem comum presentes no imaginário de judeus e não judeus, em particular as histórias de Abraão, da saída do Egito liderada por Moisés e do reino de Israel consolidado por Davi, a partir dos quais se desenrolam 3 mil anos de história. Dividida em três partes com um total de 24 livros, a Bíblia ou TaNaCh (Tora- Pentateuco; Neviim- profetas; e Keuvim – escritos) entrelaça histórias individuais e coletivas, valores e legislação, e sobretudo relata o percurso da aliança de um povo com Deus” (Sorj, 2010, p 23-24).

O principal fator de união foi o elo religioso. O povo de Israel, tinha consciência de haver concluído uma aliança com seu Deus, Yahweb, que o fizera sair miraculosamente da terra do Egito e lhes prometera dar como herança a terra de seu pai (Garelli e Nikiprowetzky, 1982, p. 51).

Trata-se de uma religião que foi fundamentada em um culto nacional, que exigia provas de lealdade e expressão de sentimentos de dedicação à unidade social. Foram neste comportamento sócio-religioso, que se inseriram as origens do povo judaico, tendo assim florescido esta civilização, com base teocrática, até a queda do Grande Templo (Paulo, 1978, p.9).

Convém ressaltar que, embora Roma tenha triunfado e o Templo desmoronado, o judaísmo continuou, e na história de Israel, sobressaíram dois fatores que possibilitaram a preservação e a continuidade deste povo, que muito embora sem pátria, mas devido a um conjunto de tradições e valores, souberam manter sua unidade, “num judaísmo não apenas teológico, mas sociológico” (Paulo, 1978, p.20). Ainda para o autor, são consideradas a sobrevivência e perenidade do povo de Israel, mercê de sua religiosidade pelo fato que:

Não resta dúvida de que, com a destruição do templo de Salomão por Nabucodonosor, se dá a ruptura das continuidades tradicionais do povo hebreu: ao profeta sucedem o escriba e o escritor apocalíptico. A angeologia, a demonologia, a crença na sobrevivência, a espera messiânica, o triunfo do Messias e a crença na ressurreição dos mortos dominam o ensinamento dos doutores. E assim se originou o estado teocrático judeu – um estado governado pela Torah, mercê do qual o judaísmo jamais foi aniquilado da face da terra (Paulo, 1978, p. 21).

Assim, a religiosidade perpetuou-se e continua até os nossos dias, com mais ou menos intensidade, porque é pela religião que se transmitem os princípios morais e éticos insculpidos neste povo. Segundo a socióloga Anita Brumer (1998), no tocante ao judaísmo, é difícil fazer uma separação da religião considerando-a apenas como uma etnia, pois a religião é de suma importância para o judaísmo, sendo uma das bases da identidade judaica permanecendo, “no fato de que o ingresso de não judeus ao grupo só é possível através da lei judaica (halachá), por intermédio de um processo de conversão religiosa” (Brumer, 1998, p.180). Deste modo, a religião está relacionada à identidade

judaica, no sentido de que não basta apenas querer ser judeu, para o ser, faz-se necessário, cumprir a lei religiosa, ou seja, o que está escrito na Bíblia Sagrada, a Torá.

Dentre as formas de expressar a religião, os judeus utilizam às comemorações das festas religiosas. São várias celebrações, carregadas de simbolismos e significados. Entre as datas comemorativas encontramos o Shabat. O shabat é a primeira solenidade festiva dos judeus, uma vez que é semanal, ou seja, durante todas as semanas do ano, celebra-se o shabat, renovando-se os votos de paz através da reza Kabbalat Shabat. Entre os ladinos denomina-se “noche de shabat”. Neste ritual, a partir do entardecer da sexta-feira até o final do sábado, considera-se um dia santificado de feriado equivalente ao domingo para os católicos. Dão-se os votos de “shabat shalom” e comemora-se nas Sinagogas e lares judaicos. “As solenidades oferecem sua cadência o ano todo, construindo um memorial da história judaica, especialmente das intervenções de Deus na história de seu povo, das visitas de Deus a esse mesmo povo” (Avril e Maisonneuve, 1997, p. 7).

Na comunidade virtual Ladinokomunita, os membros enviam e-mails onde no final sempre está escrito Shabat Shalom, como neste:

Queridos amigos e amigas do grupo,
Nesta parte do mundo estamos a umas duas horas do jejum do Yom Kippur. Li o jornal “Novos Judeus” para ver o que havia de interessante.
SHABAT SHALOM e Boas Festas.
S.G. de Sydney, Austrália.

A data máxima da religião judaica é o Yom Kipur (dia da expiação, já mencionado na mensagem acima). Antecedendo este dia, tem o Rosh Hashaná, início (cabeça) do ano, que é o Ano Novo judaico, onde basicamente os judeus aclamam Deus como Criador, Rei e Juiz do universo “O mundo é julgado: todos os homens passam diante de Deus como cordeiros” (cf. Mt 25,32-33 apud Avril e Maisonneuve, 1997, p.94). No período de tempo, compreendido entre o ano novo e o dia 10 de Tshrei que é o Yom Kipur³², ou seja, dez dias depois da celebração do ano novo, é um tempo de meditação,

³²Neste dia de Yom Kipur, é costume recitar: “Bendito seja o nome da Glória de seu reino para sempre” prescrição da Tora, um dos preceitos ativos “Shema Israel”

Todo o povo de Israel, os descendentes de Jacó, geralmente lêem o elogio que foi recitado pelo patriarca Jacó (Israel) após o versículo “Shemá” “Ei, Israel, o senhor nosso Deus, o Eterno é um”. (Maimônides, Leis da recitação do Shemá Talmud Pessachim-66b).

denominado “Os Dez Dias do Temor”. “O sentimento que domina todos os corações é o temor, a reverência a Deus e a seus mandamentos, o que não exclui nem o amor, nem a alegria nem a liberdade” (Avril e Maisoneuve, 1997, p. 115). Segundo esta crença, é neste dia sagrado que as pessoas vêm ante o criador do Universo, orando e pedindo desculpas pelos erros cometidos durante o ano, e Deus em um ato de total misericórdia, perdoa suas criaturas. São estas duas etapas da reconciliação com Deus e com os outros, que vão determinar a sorte para o ano que vem. Para isto acontecer é necessário este tempo de introspecção e reflexão para que se possam estabelecer imediatamente as melhorias para obter um comportamento correto e honesto, tanto diante de Deus como de nossos semelhantes.

Nestas ocasiões de solenidades religiosas, as Sinagogas ficam lotadas e dentro do espaço eletrônico do LK os integrantes trocam muitas mensagens alusivas a estas datas, como às que destaco abaixo:

E-mail 1

Boas Festas, Shalom para Israel e que tenhamos um bom Kipur
M. da Espanha

E-mail 2

Jejum fácil que tenhamos e aceito por Deus.
R. A. B. Dallas, Texas.

E-mail 3

Que este Yom Kippur traga a todos um bom ano no livro da vida.
Amem.
R. H. Chatteuneuf, França.

E-mail 4

O dia antes do Kippur é um dia onde cada um deve estudar seus atos e pensar com consciência e bondade. Se tiver feito ou dito coisas que não agradam, peçam perdão. Que este novo ano nos permita não ser rancorosos e nos darmos as mãos.
R. da França.

Percebe-se pela leitura da seqüência de mensagens destacadas acima, que ao relatar seus hábitos no tocante a jejuar e a arrepende-se de seus pecados através do ato

de pedir perdão a Deus, que é o significado do Kippur está sendo demonstrado que a religião segue sendo importante na vida destes integrantes do LK. Independentemente do país onde estejam vivendo atualmente, ainda praticam os preceitos religiosos e compartilham seus pensamentos e sentimentos com os demais membros do LK. Desta forma, evidencia-se que a religião se faz presente com muita intensidade em suas vidas. Ainda a respeito do Yom Kipur e Rosh Hashaná, para exemplificar o significado das celebrações, transcrevo abaixo um longo e detalhado e-mail de uma componente do LK, que tem por apelido Sharope Blanco (um doce judaico), que descreve os usos e costumes na ocasião destas cerimônias:

Este dia cai no primeiro dia do sétimo mês do calendário hebraico que é Tishrei. O primeiro mês é Nisan, como vocês sabem. Na Torá, o nome de Rosh Hashaná não existe em nenhum lugar. “Yom Terua” é o dia que se sopra o Shofar³³. Em Yehezkel 40.1 ocorre o começo do ano, e não o primeiro dia do ano. Nossa literatura rabínica em ladino o chama de Yom Hadin o dia do julgamento e Yom Ha Zikaron o dia da lembrança. Os 10 dias que começam depois das festas de Rosh Hashaná até o dia de Yom Kipur, são os 10 dias do arrependimento. Kefi la Mishnah ocorre a partir do dia de Rosh Ha shaná, que é o primeiro dia do Ano Novo para as pessoas, animais e para os contratos entre as pessoas, que começam a calcular os anos, os calendários e o ano sabático (Shmita) e os anos de jubileu (Yovel). O Rosha Hashaná é festejado durante dois dias. Parece que antigamente festejavam em um dia apenas durante o século XIII. Além dos serviços de cada dia, tem também a tefilot³⁴ que se acrescenta como a oração da Amidah pelo Shaharit e o Musaf. O Shofar é soprado durante o Musaf, com vários intervalos. Versos da Bíblia são ditos um por um. São 10 versos do Kefi la Mishnah para recordar e o Shofar é soprado. Uns Piyutim são cantados com os tefilots da Idade Média com temas de arrependimento. A oração Aleynu se faz ao tempo da repetição do Musaf Amidah. As pessoas desejam “Shana Tová”, “Anyada buena”, “Shana Tová Umetuka”, “Anyada Buena e Dulse”³⁵ porque seremos julgados pelo todo poderoso Baruh Hu Baruh Shmo e por este dizemos também: “Ktiva ve Hatima Tova”³⁶. O calendário judeu é preparado de tal maneira para que o Rosh Hashaná nunca caia no domingo, nem na quarta e nem na sexta. O mais cedo que ocorreu o Rosh Hashaná foi no dia 5 de setembro de 1899 e vai acontecer outra vez em 2013 (se Deus nos der vida). O mais tarde que aconteceu foi 5 de outubro de 1967 e vai ocorrer outra vez em 2043. Nós não vamos ver! Depois do meio dia do primeiro dia, se reza o TASHLIH, se roga ao lado das águas correndo naturalmente. Muitos atiram pedaços de pão ou pedrinhas na água para desfazerem-se de seus pecados (Yeshaya 11,9) e cantam os Salmos 118, 5 e 9,121 e 130. Comemos

³³ Instrumento de chifre de boi que se toca na Sinagoga.

³⁴ Tefilit é uma reza.

³⁵ Anyada Buena e dulce significa: Ano bom e doce.

³⁶ Que te seja escrito e assinado por um ano bom.

maçãs e mel, verduras e língua porque se encontra no Rosh³⁷. Eu ponho a cabeça inteira do cordeiro no forno. Na segunda noite se provam frutas frescas, como a romã, que se renovam a cada estação e se recita o “Shehiyanu³⁸”. Esta noite é tida como o final do dia comprido de Rosh Ashaná (dois dias em um).

Bênçãos.

S.B. de Istambul

Com este e-mail, infere-se que a religião ainda continua sendo de suma importância para esta integrante do grupo. Ela descreve minuciosamente os rituais e rezas que se realizam todos os anos, e que são transmitidos para as gerações futuras. Estes preceitos são o que permitem dar continuidade ao judaísmo, possibilitando aos praticantes se identificar como judeus e permitindo que os outros indivíduos da sociedade o identifiquem como pertencentes à comunidade judaica. Segundo a socióloga Anita Brumer: "a identidade de um indivíduo compreende aspectos dinâmicos e estáticos, constrói-se através de um processo de relações sociais e é formada essencialmente graças a um processo simbólico (...) o processo simbólico ocorre num duplo sentido: a maneira como o indivíduo ou grupo se vê em relação ao outro e de como ele é visto pelo outro, o que, no dizer de Roberto Cardoso de Oliveira, seria a “identidade contrativa” (Brumer, 1998, p.176)”. Brumer ainda destaca que:

Em termos amplos, a identidade judaica pode ser concebida como a “consciência de ser judeu-consubstanciada na pertinência a uma comunidade judaica e no fato de partilhar alguma coisa junto com outros judeus-, no reconhecimento da existência de alguma distinção entre judeus e não judeus e no fato de ser reconhecido como judeus pelos demais membros da sociedade” (Brumer, 1994, p.30).

Através das celebrações, os membros do LK vão reconstruindo sua identidade judaica-sefaradita. Ainda no que tange as celebrações religiosas, outra data de grande significado para o judaísmo e assaz muito recordada no LK é a Pessach³⁹. A Pessach é

³⁷ Cabeça.

³⁸ Reza feita quando se come algo pela primeira vez naquele ano.

³⁹ Encontram-se, descrita na obra de Avril e Maisonneuve, mais de uma origem e nomes desta festa que aqui transcrevemos:

_ Dupla origem e nomes da festa

celebrada entre março e abril e significa a passagem, a fuga dos judeus, Êxodo do Egito, conduzidos por Moisés, onde eram escravos do Faraó. Esta festa demanda um sacrifício ritual para os judeus, uma vez que, na fuga, não tiveram tempo de fermentar o pão, e por isto devem comer pão ázimo (*matsah*) por sete dias. “Todas as etapas se apresentam sob sinais mnemotécnicos que se cantam no início e se retomam gradualmente no desenrolar do Seder⁴⁰”. “Tais sinais são um testemunho do caráter oral da Haggadah⁴¹”. Desde longa data que conservam este costume. “Inicia-se com o Kidush, bênção do vinho e bênção da festa”. (Avril e Maisonneuve, 1997, p.27). Dentro do LK, muitos membros relembram esta data com mensagens a respeito de como celebram as cerimônias atualmente ou expondo recordações de como festejavam antigamente. Para exemplificar, transcrevo abaixo, na íntegra, um e-mail onde uma integrante descreve como celebrava a Pessach em sua casa e a resposta de outra componente do grupo agradecendo pelas recordações:

Queridos leitores:

Em uma de nossas mensagens a querida R. havia pedido para escrever como festejávamos o Pessach em nossas casas. Então vou contar:

Quando eu era moça, o Pessach era preparado assim:

Minha mãe tinha um conjunto especial de louças (panelas, frigideiras, pratos, etc.) e tirava uma semana antes da Pessach para dar a um ferreiro para colocá-as em dia. Além disso, comprava com antecedência alho-poró e espinafre para fazer uma *Prasifucho*⁴². Cozinhava com antecedência para que não ficasse cansada demais na noite do Seder, sendo que cada ano se fazia em nossa casa junto com meus tios e tias, e naturalmente com os filhos das duas partes. Meu pai (que faleceu em 1996 de Alzheimer)⁴³ recitava a *Agadá*⁴³ Em seu livro, a *Agadá* era escrita em *Rashi*⁴⁴ e se lia quase decor. Não

-
- Uma festa pastoril de primavera, pré-israelita, marcada pelo sacrifício de animal novo, com um ritual de sangue, para se obter a fecundidade dos rebanhos: hag há Pesah, festa da Páscoa.
 - Uma festa agrícola, por ocasião da primeira colheita do ano: hag há-Matsot, festa dos ázimos.
 - Evento da história de salvação:
 - Introduzido posteriormente em cada uma destas festas (reunidas em uma só na época de Josias): o Êxodo ou saída do Egito.
 - Nome litúrgico da festa:
 - Tempo de nossa libertação, *zeman herutenu*.
 - Data e duração da festa
 - Celebra-se em 15 do mês de Nisan.
 - Dura 7 dias (8, na diáspora).
 - O evento mais notável da celebração: o Seder ou refeição, ao crepúsculo de 14 Nisan, no decorrer do qual se lê o ritual chamado *Haggadah*.
 - Referências bíblicas: Evento da saída do Egito

⁴⁰ Jantar de Pessach.

⁴¹ Reza da Pesah.

⁴² Torta de legumes.

⁴³ Reza da noite de páscoa, que se costuma celebrar na primeira noite para os judeus.

⁴⁴ Alfabeto hebraico antigo.

podíamos comprar tudo o que queríamos, pois na Turquia, nem tudo era Kasher⁴⁵. O que nos era permitido comer em casa era o queijo Kashkaval, chá e café sem leite. Arroz não era permitido. Comer arroz durante a Pessach eu aprendi quando meu filho foi servir ao exército e comeu arroz. A bacia e a jarra de água para lavar as mãos eram seguradas pela filha mais moça da família. Quando terminava a primeira parte da Agadá, servia-se o jantar com o primeiro prato: peixe com ovo e limão, fritadas de alho-poró, espinafre e bimuelo⁴⁶. O prato principal era cordeiro com batatas e salada verde. Depois continuava o sabor na boca. No fim nos dava a Matza Shemura⁴⁷ que guardamos por um ano. Ele nos dizia que trazia “mazal Bueno⁴⁸” e prosperidade. No fim de todas as rezas, cantávamos “El Kabritiko⁴⁹” e outras canções em ladino.

Na verdade, hoje em dia procuro este modo de rezar a Agadá. Porém, cada um tem uma família de lugares diferentes. Este ano estamos convidados pelos nossos sogros, que são muito bons e que são “teymanis” (outro ramo de judeu). Vou levar para eles, umas borecas de pessach⁵⁰ e uns quantos “bymuelos” de massa para que saibam os nossos costumes também. Eles são parentes do meu genro. Nesta oportunidade desejo a todos sem exceção em Israel e na diáspora, Pessach alegre e Kasher (puro), saúde e prosperidade.

S. H. I, de Haifa- Israel

Em outra mensagem uma integrante do grupo agradece pelas recordações contidas no e-mail:

Obrigada S. por ter escrito sobre a Pessach. Eu mesma vou estar em uma noite ao modo Asquenazita que meus sogros vão preparar. Queria ser um pássaro e voar a Istambul e ser uma mosquinha e estar recolhida, ouvindo a Agada em judeu-espanhol. Porém, só ficaram as lembranças passadas.

R. da Flórida

Pela leitura dos dois e-mails acima, observa-se que, por encontraram-se separados pela diáspora, os judeus sefaraditas do LK, muitas vezes não tem a oportunidade de celebrar as ocasiões religiosas como gostariam, seguindo as tradições sefaraditas, com as rezas em ladino, e com seus pratos típicos, mas apesar disso, mantêm vivas em sua memória a maneira pela qual festejavam antigamente, e se recordam das celebrações passadas no espaço do LK, compartilhando suas lembranças

⁴⁵

⁴⁶ Bolinho de matza molhada.

⁴⁷ Um biscoito sem fermento e especial.

⁴⁸ Boa sorte.

⁴⁹ O cabritinho.

⁵⁰ Pastéis assados e com uma farinha especial.

com os outros integrantes, reconstruindo assim a identidade judaica-sefaradita, que se faz presente através destas lembranças de Pessach com as rezas em ladino e da simbologia do Seder, culinária específica. Demonstra-se assim, que a religião ocupa um significativo espaço na vida destes membros do LK.

É importante acrescentar ainda que, a alimentação preparada para a cerimônia e descrita no e-mail acima é carregada de simbolismos. O cordeiro assado que a integrante descreve simboliza o cordeiro oferecido como sacrifício no Templo, antigamente. As verduras têm como significado a ressurreição da natureza, que ocorre no período da primavera. Todas estas recordações, e os significados dos alimentos, somados aos ritos presentes nestas ocasiões fazem parte da construção da identidade religiosa judaica sefaradita, valendo-se da memória para recordá-los e transmitir às próximas gerações. Vale ressaltar que a memória é um dos elementos fundamentais para a construção da identidade de um grupo ou de um indivíduo, pois conforme assinala Candau, em sua obra “A antropologia da memória”:

A faculdade da memória é essencial ao indivíduo em todos os instantes de sua vida. Ela desempenha o papel mais importante na vida social. Sem memória o sujeito cai, ele vive unicamente no instante, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Seu mundo rui e sua identidade se apaga (Candau, 1996, p.3).

Um indivíduo sem memória é um ser desprovido de identidade. Através das recordações descritas nas trocas de e-mails anteriores, vê-se que o judaísmo sefaradita se mantém vivo, pelo cultivo das tradições e das festividades. A cada vez que são reavivadas as datas religiosas com seus respectivos ritos, o grupo vai ressaltando os traços que marcam a história e a memória deste povo, reafirmando-se conseqüentemente como judeus sefaraditas.

Neste sentido, outra data que é de suma importância para os judeus, e que os integrantes do LK sempre mencionam nos e-mails é o Hanukkah, ou como se refere à canção sefaradita “Las ocho candelicas”, “Festa das Luzes”. Esta celebração dura oito dias, e se acendem em cada um destes dias um braço do Menorá, sendo que a chama deve ser acesa ao entardecer, pois “ao acender as luminárias de Hanukkah, os judeus dão testemunho para as nações de que a única luz neste mundo é a que Deus faz brilhar” (Avril e Maisonnneuve, 1997, p. 142). Nesta ocasião, multiplicam-se os e-mails onde

os membros do LK relatam a celebração de Hanukkah. Cada um acrescenta mais um detalhe da festa, ou hábito, ou remete canções das diversas comunidades sefarditas espalhadas pelo mundo. Nos e-mails enviados por alguns membros do grupo, seguem as descrições desta festa:

E-mail 1

Queridos amigos,

Todos nós sabemos que o Hanuká é uma festa de oito dias (ou será mais correto dizer que o essencial da festa são as Tadeadas?).

Sobre esta festa, foi o Hanania filho de Hizkiya que escreveu no primeiro século um livro chamado “Megilat Taanit”, e ali nos disse:

“Em 25 de Kislev começa o dia de Hanuká, que quando os Hashmonaim/Makabeus ganharam a Guerra contra os gregos, entraram ao Bet-Amikdash e ali encontraram um só “Kantariko” de azeite de oliva puro e limpo, citado pelo Koen Gadol (um grande sacerdote). Disse: fiz um milagre, o azeite do Kantariko, assim mesmo sobrou para oito dias”. Então, decidiram que de ano para ano, melhor vão festejar estes dias com louvores e agradecimentos.

O curioso é que no livro dos Macabeus, não se nomeia esse milagre todo. Ali explicam a alegria de oito dias por que foi no verso dos oito dias de Sukot (juntos com a festa de Shemini Atseret) que não haveria a possibilidade de festejarmos o seu tempo, sendo que muitos do povo de Israel (mulheres, idosos e crianças) estiveram naqueles dias escondidos nas cavernas e nas montanhas, enquanto os mancebos do povo, os Macabeus, guerreavam contra o inimigo: a armada Grega-Seleuka de Antiyohus Epiphanes.

Y .H, Eretz Yisrael.

Email 2

Queridos amigos e amigas do grupo:

Comprei o jornal “Judeu Novos”, próximo à data do Hanuká para ver se encontrava uma literatura. Vou mostrar um dos artigos que achei interessante. De novo HAG SAMEAH⁵¹ a todos.

A História de Hanuká

Quando Alexandre o Grande, conquistou Jerusalém, no ano de 313 DC, tínhamos que pagar impostos, se vivia em paz sob o governo grego. Depois que tomaram o poder nas mãos de outros governantes, a situação mudou. Antiochus Epiphanes e as pessoas ao redor, atacaram o Templo Santo e proibiram à circuncisão, o Shabat, a Toráh, e o casamento judeu, que é, sobretudo, a nossa identidade e a relação com um só Deus. Muitos judeus se deram conta e desobedeceram estas leis, morrendo como mártires. Sobre isso tudo, os gregos colocaram estátuas de Zeus nas cidades obrigando todos a fazer suas orações ali. Por fim, o Povo Judeu se revoltou e em 140 AC, encabeçados por uma família de sacerdotes que era a Dinastia Hasmoneana entrou em Guerra, nem tanto pela questão de território, mas pela liberdade de praticar a religião e ter seus direitos. Era uma armada pequena, e a forma como pode ir contra uma armada tão grande surpreendeu muitas

⁵¹Hag Sameah significa Boas Festas.

pessoas. Deram o nome de Makabis um acromônio de “MI KAMOHABA-ELIM ADONAY” (quem é como sois entre os poderosos, ou Adonay).

Na realidade Matityahu, com seus cinco filhos da casa dos sacerdotes, que foram contra uma armada tão grande, e saíram vitoriosos, não era mais que um milagre. Os gregos trouxeram cada vez mais as armadas sempre que se tinha uma vitória. Finalmente Jerusalém com o Templo e outros lugares afora caíram nas mãos dos judeus. Foram ao Templo para limpar tudo, e encontraram tudo destruído e profanado, com ídolos e comidas que não eram Kasher. Quiseram acender a Menorah de ouro e viram que mesmo o azeite estava contaminado. Procuraram muito e encontraram uma garrafa pequena e limpa de azeite, embaixo, no chão. Com essa garrafa podiam acender a Menorah por um dia somente.

Foi aqui que aconteceu o milagre e queimou por oito dias.

Traduzido por S.G da Austrália.

E-mail 3

Amigos do LK

Que a luz das Kandelikas ilumine os seus corações e os pensamentos, assim como a Humanidade com um fim comum: A PAZ!

R. Curitiba, Brasil.

E-mail 4

Boas Festas de Hanuka para toda a família do LK. Hag Hanuka Sameah. Um ano de paz, com saúde a todos os filhos de Israel e a muitos também.

J.A, de Israel.

E-mail 5

Queridos amigos e amigas do LK

Vos desejo um Hanuka de amor e de luz.

E.H. de Tel Aviv, Israel.

Depreende-se, pela leitura dos e-mails acima, que este “milagre das luzes”, em que se acende a chama em cada uma das oito candelicas, expressa os votos de paz, saúde, e os caminhos iluminados dos Sefaraditas da diáspora e de Israel. No momento em que alguns integrantes do LK se felicitam nesta festa de luzes em que se acendem em cada dia uma das oito candelas, que compõe o Menorá (um candelabro que, encontra-se presente nos lares judaicos e que é um dos principais símbolos do Judaísmo, juntamente com a Menorá de sete braços localizada no Templo) eles estão utilizando um dos símbolos do judaísmo para representar as celebrações. Neste sentido, é interessante acrescentar que, segundo Woodward, “identidades adquirem sentidos por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas”

(Woodward, 2008, p. 8). Assim vemos que estes símbolos descritos na festa são um dos fatores que identificam os indivíduos do LK como judeus. Eles simbolizam a religião, e seus significados são muito importantes para estes integrantes do LK que descreveram todo este evento. Constata-se deste modo, que “a identidade é simbólica”, como evidencia Hall (2006).

Devido à importância da religião para muitos integrantes do LK, um membro do grupo envia uma mensagem, descrevendo, resumidamente, as principais festas do judaísmo, e evidenciando que para que haja a transmissão religiosa, a memória é um fator preponderantemente presente na vida dos judeus. O e-mail destacado abaixo salienta bem esse fato, pois o verbo recordar está presente nas passagens da Bíblia, como descreve o integrante do grupo, resumindo as principais celebrações presentes no judaísmo e enfatizando a importância de suas reminiscências:

Em nossa história, os dias entre o primeiro de Elul e o 10 de Tishrei fazem parte de um período especial de exame, consciência e perdão.

Durante o mês de Elul, o Shofar das orações da manhã nos faz recordar que o Rosh Hashaná e o Yom Kipur estão se aproximando. Recordar, lembrar...

Como sabemos, um dos principais dons do Judaísmo é recordar-se, é ter memória. O verbo “Zahor” é a chave de muitas mitzvot, de muitos valores tradicionais que o judaísmo possui. É também a base do dia Santo de Shabat que, nos dez mandamentos começam com a palavra Zahor, assim: “Lembra-te de santificar o Dia de Shabat”;

Lembramos...

As glórias de um mupak⁵² em dias de sextas-feiras, nos fazem lembrar que o shabat é real, inesquecível...

Assentados na “Suka” ou sentindo o Shofar ou comendo matsá no Seder de Pessach...

Estes são os elementos que formam a memória dos Judeus.
C. D.de Istambul

A partir da leitura do e-mail acima, destaca-se, a importância da memória na transmissão da religião judaica. Nesta mensagem encontram-se resumidas as lembranças das principais comemorações religiosas que este povo cultivava. São evidenciadas tanto as festivas (Sukkott), em que se senta em um caramanchão, coberto por plantas naturais, uma vez que a festa é de origem agrícola, em que se recitam diferentes “mitsvat” rezas, ou o toque do Shofar, espécie de instrumento de chifre de carneiro, tocado por ocasião do Roshaná /Kipur ou o do próprio Shabat, comemoração semanal. As comemorações festivas estão assentadas no verbo “Zahor”, que significa

⁵² Cozinha.

lembrar. Pela maneira como este componente do grupo evocou o verbo lembrar, percebe-se que ele está gravado de forma imperativa na memória individual e coletiva dos judeus, tendo em vista que a importância da memória é uma advertência contra o esquecimento, reforçando a idéia de que a construção da identidade se efetiva pela memória.

Nesta senda, Yerushalmi destaca que: “o imperativo lembrar torna-se crucial, uma sabedoria que reconhece quão curta e instável a memória humana pode ser” (Yerushalmi, 1999, p. 19), demonstrando que a identidade está entrelaçada a memória. Corroborando com este pensamento, Candau assinala a importância da memória para a transmissão da crença judaica e, sobretudo a faculdade de ouvir, de recitar as rezas em voz alta, o que constitui um elemento importante do culto (Candau, 1996, p.23).

Através da leitura dos e-mails constata-se que a memória é fundamental para a reafirmação da identidade de um povo, pois como destaca o historiador e sociólogo Michael Polak:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução (Pollak, 1992, p. 5).

Os judeus sefaraditas do LK, ao recordar as celebrações religiosas e transmitir suas lembranças das principais festas aos demais integrantes desta comunidade virtual, reconstróem continuamente sua identidade. Devido a importância da memória para os membros do LK, discorro sobre este assunto no próximo tópico.

4.1 Memória, história e identidade

É importante lembrar que, todos os povos, através de sua memória consagram a sua história, sendo esta transmitida de geração para geração com o intuito de reacender o sentimento de pertença, no caso em questão o pertencimento judaico sefaradita. Recordando e reavivando a história dos judeus sefaraditas, reconstrói-se sua identidade, observando ainda que história, identidade e memória estão estreitamente relacionadas.

A partir da lembrança de um acontecimento que marcou a vida das pessoas de um lugar, é possível expressar o sentimento de pertencimento, pois como diz Hall: “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos” (Hall, 2000, p.11). No tocante aos fatos históricos, em uma das correspondências remetidas ao grupo, uma componente relembra a Diáspora sefaradita, reportando-se a data exata do Édito de Expulsão da Espanha, em 31 de março de 1492, transcorridos, 508 anos deste acontecimento. Ela não apenas recorda como também, escreve uma poesia a respeito deste episódio. Segue abaixo a mensagem:

Em memória da data de 31.03.1492, que é o dia da “Expulsão” da Espanha.

Como bem nos recordamos, com dor e tristeza, da negra data de hoje, 31 de março, Expulsão dos judeus espanhóis retirados a força de sua terra, por seus caminhos, que até mesmo as crônicas nos dizem que se foram:

Nascendo e morrendo, caindo e se levantando...

Com os sofrimentos de nossos antepassados e que assim mesmo nossa cara Rachel novamente recordava, como muitos dos nossos hoje, em nossa data, e sentimos em Sefarad uma tristeza no ar...

Agora a história não é possível mudar, mas sim trabalhar e conhecer o passado e suas duras feridas, mostrando este pedaço negro da história judia. As gerações de agora e do futuro, precisam aprender e se conscientizar de que a história é necessária para que não se apaguem suas duras lições, e não se repita mais...

Devemos recordar como fazemos agora, com a grande liberdade que em nossos tempos se oferece para cada um de nós.

Em seus escritos e em sua criação não podemos esquecer nunca o que se viveu e sofreu. Temos que mostrar esta história ao mundo e aos que ainda não sabem ou são indiferentes.

Da minha parte, quero oferecer esta poesia que escrevi refletindo, um pouco sobre o que foi aquele êxodo.

JUDEUS DE SEFARAD

Somos judeus de Sefarad,
Os que esqueceram seus filhos
E malgrado de esquecer
Ficou a recordação:
Ânsia, memória e manancial.

Somos filhos da língua,
Careciam os cantos que
Cantavam os nossos,
Os guardamos ainda
Em sonho e na memória.

Nossos velhos irmãos olham-nos
Com os olhos secos.

Que sabem sobre suas ânsias
Das sombras e de serem expulsos?
Que sabem das ânsias
Dos jovens e dos idosos?

Voltamos por causa deles,
Batendo o coração,
Lendo nas cidades velhas,
Uma passagem da bíblia em hebraico
Um homem na rua...

Somos judeus de Sefarad e
Trouwemos suas ânsias
Somos como uma nave partida
Que fica sem chegar ao porto,
Sozinha, em meio às águas...

Beijos e Feliz Pesach para todos.
M.da Espanha

A partir da leitura do e-mail acima, percebe-se que a integrante do grupo ao escrever neste espaço virtual do LK suas recordações sobre este episódio, juntamente com esta poesia, procura manter viva a história judaica sefaradita, compartilhando seus tristes sentimentos e recordações deste acontecimento que é considerado pelos judeus sefaraditas muito trágico. Ele foi evocado a partir das lembranças mais antigas, mas que fazem parte de suas origens identitárias, uma vez que, a Expulsão, é um fato comum para eles. A diáspora foi um momento crucial, pois tiveram que ir para outras terras e recomeçar suas vidas em países estranhos, com idioma, religião, culinária e música diferentes de suas origens, ou seja, tiveram que adaptar-se a uma nova cultura, porém, não esquecendo seus hábitos e costumes anteriores, originando uma identidade multifacetada.

Evidencia-se ainda, na mensagem desta integrante, um tom de melancolia e tristeza pelos fatos ocorridos, e ao mesmo tempo, uma preocupação com a transmissão da história para as gerações futuras. Essa preocupação deve-se ao fato de que recordar a história e transmiti-la faz parte da construção da identidade de um povo, e no caso em questão, a identidade judaica sefaradita não pode se apagar através do esquecimento ou do desconhecimento da Expulsão, por isso, ela permanece sendo recordada pelos

integrantes do LK. Como afirma Lowenthal, “relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos...”(Lowenthal, 1995, p. 83). A data de 1492 é o marco fundador da identidade sefaradita. Existem muitas mensagens alusivas a este episódio nesta comunidade virtual⁵³. Como afirma Cabral:

Há, pois, na emergência da identidade o jogo dialético entre semelhança e diferença, desempenhando a história de uma comunidade, pela sua unicidade, o papel catalisador para identificá-la como tal: quanto mais essa mesma comunidade mantém a memória dessa história permanentemente ativada, tanto mais garantida sua identidade (Cabral, 1998, p. 195).

Assim, poemos dizer que é extremamente importante que se mantenham vivas as lembranças dos acontecimentos passados, e que estes sejam transmitidos para as próximas gerações, com intuito de que os fatos evocados (que fazem parte da memória histórica do grupo) não sejam esquecidos. Essas recordações permitem que se cultivem as tradições, garantindo assim, a manutenção da identidade judaica sefaradita.

Neste contexto, em suas reminiscências, uma integrante do grupo relata toda a trajetória familiar de sua infância e adolescência em uma juderia pobre, nos Bálcãs, em um episódio em que recorda alguns acontecimentos que compõe a memória e a história daquela distante juderia perdida no tempo e no espaço:

E-mail 1

Recordo-me da máquina de costura Singer da Segunda Guerra Mundial que minha mãe costurava com pedal e fazia nossas roupas e pijamas. Lembro-me de um ovo de madeira para remendar as calças que se esburacavam, e uma gaveta grande e cheia de botões e de linha para costurar, de todas as cores, e também como se cortava a ponta dos calçados. Quando cresciam os dedos do pé, eles saiam para fora e faziam um buraco na ponta e também na sola do sapato, de modo que as unhas saiam para fora. Embaixo da cama tinha um penico que usávamos de noite porque a privada ficava fora de casa. No pátio, tínhamos galinhas que davam ovos e ficavam cercadas, porque á noite vinham chacais, por volta das dez da noite e a gente ouvia seus gritos. Tinha um vendedor que vinha com uma charrete com um cavalo e trazia uma cisterna. Chamava-se Voda e era polonês e seu cavalo se chamava Kashtan (castanha). Lembro do leiteiro búlgaro que ainda está vivo e se chama Fiko. Ele vinha de madrugada quando os galos cantavam, e vendia leite em galões grandes (sempre tivemos a

⁵³ Alguns e-mails estão inseridos como anexo.

suspeita que ele misturava água no leite). Ele vinha com um burro e uma carroça, vendia melões muito cheirosos. Os melões de hoje em dia não tem mais esse cheiro. Mesmo de perto, não se sente o cheiro dos melões de hoje. Lembro também de um afiador de facas e de tesouras que fazia “shlif, shlif” e vinha com um triciclo. Mas de todos, o que eu mais gostava, era um sefaradita grego, que tinha uma máquina velha que projetava filmes toda semana. Colocava um pano para projetar o filme e todos os espanhóis vinham assistir os filmes de Sarita Montiel e Joselito.

Bom, estes dias pertencem ao passado.

Saudações a todos.

Boas Festas.

A.B. Tel Aviv.

E-mail 2

Graças A.B por compartilhar um pedacinho da tua infância e nos contar estes momentos da tua história. Espero que se lembre de outras coisas e nos escreva outra vez.

R. da Flórida

As idéias expostas nas duas mensagens destacadas acima fazem parte das lembranças de infância da integrante do LK, que ao compartilhar estes acontecimentos, expressa diversos sentimentos e emoções ao recordar parte de sua história de vida. Este e-mail traz consigo a história dos judeus sefaraditas ao falar sobre a máquina de costura Singer da Segunda Guerra Mundial. Revela elementos simbólicos para o judaísmo sefaradita, como a castanha, que está fortemente presente em sua culinária, e os ovos que representam a vida. A saudade do cheiro dos melões, remete a lembrança do local onde esta integrante viveu, e revela que o lugar onde se encontra atualmente não tem melões tão cheirosos como os da Bulgária, onde passou sua infância. Todos estes elementos presentes na mensagem fazem parte da memória e são utilizados para reconstruir a identidade judaica sefaradita. Assim, observa-se que pela memória individual os membros do LK vão resgatando acontecimentos passados que são mais ou menos comuns a todos. Nesta senda, como Halbwachs assevera:

Dois seres podem se sentir estreitamente ligados um ao outro, e terem em comum todos os seus pensamentos. Embora em certos momentos suas vidas decorram em ambientes diferentes, através de cartas, descrições ou por narrativas quando se aproximam, eles podem dar a conhecer um ao outro detalhes de circunstâncias em que se encontravam quando já não estavam mais em contato, mas será preciso que se identifiquem um ao outro para que tudo o que de suas

experiências fosse estranho para um ou para outro seja assimilado em seu pensamento comum (Halbwachs, 2006, p. 51).

Evidencia-se assim que, em que pese às dispersões que os judeus sefaraditas do LK sofreram, ao longo de séculos, eles possuem uma trajetória de passado e existência em comum, na medida em que são pessoas oriundas de comunidades com o mesmo idioma (ladino), religião, usos e costumes. O que os diferencia é a localização destas comunidades sefaraditas, ou seja, os diferentes lugares em que viveram e vivem atualmente. Por serem egressos da diáspora, se identificam na troca de experiências de vida. O que obstaculizava o entrelaçamento das comunidades, dispersas por grandes distâncias geográficas e impunha a barreira física, foi superado com o advento do ciberespaço. Agora eles podem se encontrar e discutir muitos assuntos em comum neste espaço virtual. A partir desta inovação tecnológica lhes foi propiciado essa reconstrução de sua identidade através da memória com todas as suas representações históricas, uma vez que a relação entre tempo/espaço foi esvaziada e preenchida pela WEB.

Assim, os acontecimentos passados recordados pelos componentes do LK estão reacendendo a memória judaica sefaradita. Neste sentido, outros assuntos recorrentes na comunidade virtual LK, são a culinária e a música. Devido à relevância destes temas, irei abordá-los no próximo capítulo.

Capítulo 5

A culinária e a música sefaradita como fator de identidade

A alimentação é uma necessidade fisiológica, mas quando feita pelo homem tem uma abrangência maior, traz uma história, um passado, uma capacidade do próprio homem de dominar a natureza, transformar outros seres vivos (plantas e animais) em produtos que o alimentam mas que também lhe dão prazer e trazem sonhos, evocações e emoções que ele identifica com coisas agradáveis. Nesse aspecto, é claramente um ato cultural. E é tanto mais verdade isto quanto maiores forem os períodos de isolamento das comunidades... (DA MATTA, 1987, p.22).

No que tange a alimentação, podemos dizer que, a partir da culinária de um grupo, nos é permitido saber de que país ou região ele pertence, ou seja, é possível estabelecer uma distinção entre as pessoas a partir do que elas comem. A culinária é um meio pelo qual se escreve a história, os hábitos, e os costumes de um povo. Conforme destaca Garine: “O homem se alimenta de acordo com a sociedade a que pertence” (Garine, 1987, p. 4).

Através da comida verifica-se a identidade de uma pessoa. Segundo Maciel: “podemos assim falar em "cozinhas" de um ponto de vista "territorial", associadas a uma nação, território ou região, tal como a "cozinha chinesa", a "cozinha baiana", ou a "cozinha mediterrânea", indicando locais de ocorrência de sistemas alimentares delimitados” (Maciel, 2001, p. 151).

Enfocando a culinária judaica, é interessante salientar que, devido às constantes migrações e às sucessivas diásporas que este povo sofreu, ela apresenta grande diversidade de pratos em sua origem e composição. Isto ocorre, porque na ocasião da expulsão dos judeus da Palestina pelos romanos, eles espalharam-se por vários países do

mundo, deparando-se com outro tipo de alimentação, diferente daquela presente em sua terra de origem. Quando emigraram não tiveram acesso aos produtos de sua região, precisando adaptar sua culinária aos gêneros oferecidos nos locais em que se estabeleceram.

Os judeus sefaraditas, como já foi dito ao longo deste trabalho, são oriundos da Espanha e de Portugal e emigraram para os países mediterrâneos. Entretanto se, considerarmos que geograficamente tanto Israel, quanto a Península Ibérica, Turquia e Balcãs, são banhados pelo mar Mediterrâneo, observa-se um traço comum da alimentação mediterrânea com a comida sefaradita. Um exemplo disto são as características da cozinha sefaradita. Nela, estão presentes temperos e condimentos, como canela, açafrão, coentro, gengibre, noz-moscada, cominho, e alho. Entre outros; peixes, frutas secas, verduras, legumes, amêndoas e avelãs. O azeite de oliva é essencial para a alimentação deste povo, uma vez que eles são oriundos de regiões quentes, ao redor do Mar Mediterrâneo, onde o clima favorece o cultivo destes gêneros. Ao longo da Península Ibérica, de Israel, da Turquia e da Grécia, existem grandes extensões de plantações de Oliveiras, da qual se extrai o azeite de Oliva e colhem-se as azeitonas. Nestas regiões também são cultivadas uvas, de onde se originam o vinho e as passas, iguarias que nunca faltaram na mesa dos sefaraditas. Todos estes alimentos são determinantes na composição da identidade alimentar desta etnia.

É importante destacar que a culinária judaica está dividida em dois tipos: àquela que utilizam para as comemorações religiosas e a que se destina à alimentação cotidiana. Durante as minhas observações no interior desta comunidade virtual, deparei-me por diversas vezes com mensagens sobre receitas, origens dos pratos, dúvidas a respeito de determinados alimentos, etc. Para evidenciar este fato selecionei esta seqüência de e-mails onde alguns membros do grupo conversam sobre a Matsá, um alimento típico de uma cerimônia religiosa, valendo-se da memória:

E-mail 1

Quando se aproxima a Páscoa, lembro da maneira como se limpavam as casas, dos preparativos da minha casa, e também da MATSÁ.

Quando tinha três anos, morávamos em Istambul numa rua chamada “Laleli Cheshme” (nossa amiga E. G. me mandou a foto que ela tirou uns anos atrás).

Moramos ali até meus 8 anos de idade.

O importante desta casa é que atrás dela tinha uma rua muito estreita que terminava na entrada de uma fábrica. Da janela da cozinha se via esta fábrica. Ela abria em janeiro e fechava depois da Páscoa. Era a

fábrica de “MATSÁ” (não sei se ainda existe). Começava com o barulho dos caminhões que traziam a farinha. Eu subia numa cadeira para ver como os carregadores se abaixavam e carregavam nas costas os sacos de farinha. Vinha um caminhão atrás do outro todos os dias. Depois começavam a aparecer outra vez os carregadores, tiravam da fábrica caixas grandes e as colocavam nos caminhões. Isto continuava até o fim da Páscoa. Depois que fechava a fábrica eu achava que não tinha mais nada para ver naquela janela...

Mas como a rua era muito estreita eu podia tocar no edifício da frente. Pela janela da nossa cozinha, eu via as janelas de outras cozinhas. Nos demais dias eu espiava o que faziam...o que falavam...(ainda bem que não eram os quartos de dormir!!!!).

Enfim isto é o que me veio à mente agora, esta fábrica de Matsá de Istambul.

R. da Florida.

E-mail 2

Querida R.,

A fábrica de matsá de Istambul está fechada há muitos anos. Agora estamos comendo a matsá Aviv de Israel. No ano passado tínhamos 3 tipos de matsá: A Aviv, uma da Inglaterra e uma da Rússia. A matsá que vinha da Rússia estava muito grossa e dura. Este ano só compraram a matsá Aviv de Israel que estava muito boa. A fábrica de matsá foi fechada porque algum rabino disse que a matsá que se fazia naquele forno não era kasher de Páscoa. Porquê? Porque o tempo para assar a matsá não deve passar dos 18 minutos!!!!E quem é responsável pelas matsás que comemos por todos estes anos?

Saudações de Istambul

A.C.

E-mail 3

Uma outra coisa que não existe mais!!!!

Aqui nos Estados Unidos além de ter duas empresas que fabricam a matsá também vendem a Aviv de Israel que é mais barata.

R. da Florida

E-mail 4

A mensagem de R., que nos contou as lembranças de sua infância a respeito da fábrica de matsá de Istambul, me ajudou muito a lembrar a Páscoa da minha infância na Bulgária. Antes da Segunda Guerra Mundial não havia fábrica de matsá. Minha avó fazia uns pastéis só de farinha e água. Eram muito duros. Lembro que os ralava para assar como farinha. Era muito trabalhoso de fazer desta maneira, porém o fazia porque não tinha outro jeito.

Lembro que assavam este pó de pastel e o serviam com galinha ou pescado. Outra comida que me lembro é a “sorva”. Assim a chamavam a sopa de galinha. Colocavam dentro pedacinhos de pastel. Faziam muitas fritadas, matsá misturada com todo tipo de verdura ou carne moída: com espinafre, com alho-poró, com berinjela e outras verduras. As crianças gostavam mais dos bolinhos de batata. Minha avó tinha uma bandeja especial onde os servia com açúcar e mel. Por não gostar de doce me permitiam comê-los com queijo ou só com sal

e pimenta. Da primeira noite de Páscoa, lembro daquela toalha branca com matsá dentro e bem fechada, que passavam a todos os que estavam sentados na mesa da cerimônia da Páscoa. Lembro que o meu avô lia em hebraico e em ladino (que nós chamávamos de espanhol) as canções que cantávamos, lembro do “cabritinho” e “louvamos ao Senhor”...Gostava muito de cantar por último “Um é o Criador, louvado seja ele” em voz alta, porque parecia uma brincadeira. Acredito que estas lembranças sejam familiares a muitos da minha idade.

Que todos os nossos irmãos tenham uma Páscoa alegre!

E. de Tel Aviv

E-mail 5

Sim, E.! Em Esmirna, Turquia era a mesma coisa, pelo que está na minha memória. Sempre tivemos matsá pronta, mesmo que às vezes fosse mais dura que madeira! Infelizmente a frigideira de fritar os bolinhos de batata não se encontra mais!

R.B. Dallas, Texas.

Pela leitura da seqüência de e-mails acima, observa-se que tanto alimentação quanto religião estão intimamente relacionados à memória dos judeus sefaraditas do LK. A “matzá” descrita nas mensagens é uma espécie de pão ázimo (sem fermento), que os judeus comem, durante a semana de Pessah. Isso ocorre porque não houve tempo para levedar a massa do pão, e os judeus tiveram que comer o pão desta forma. Este episódio é relatado na parte do Êxodo na Bíblia⁵⁴, no capítulo 12. Tanto os sefaraditas como os askenazitas, até hoje, neste período da Páscoa Judaica⁵⁵, não ingerem nenhum alimento que fermente, a partir do café da manhã até o jantar, durante uma semana. Nos locais onde cada comunidade se estabelecia, os judeus faziam fábricas de Matzá. Quando não havia faziam em casa, mas nunca deixaram de comer o Pão Ázimo de Páscoa, que é uma tradição para este povo.

O apreço que a integrante demonstra ao relatar este alimento da culinária religiosa presente na culinária judaica-sefaradita, faz parte de sua identidade alimentar, que se mantém apesar da diáspora. Ela está vivendo em outro lugar, como a maioria dos judeus sefaraditas, mas as lembranças de sua terra de origem permanecem vivas em sua mente e coração. Conforme salienta Lê Goff, “trabalhar com a memória significa fazer uma

⁵⁴ Essa capacidade de resistir, essa resiliência, permitiu a própria existência da Bíblia, talvez o documento mais antigo escrito por um povo que sobreviveu a múltiplas derrotas e que conseguiu contar sua história, que geralmente é escrita e interpretada pelos poderosos e vitoriosos (Sorj, 2010, p.30).

⁵⁵ São mais de três mil anos dentro deste preceito instituído por Deus na Primeira Páscoa, para Moisés e seu povo.

viagem ao passado, refletir sobre o presente, contrapondo passado/presente” (Le Goff, 2003, p. 419).

Ainda sobre esta seqüência de e-mails, outro fator importante presente nas mensagens são os alimentos destacados no e-mail nº 4. Estes gêneros são encontrados em abundância na culinária sefaradita simbolizando-a. Eles incluem principalmente a berinjela e o alho-poró, tendo muitos significados para a culinária e para a memória alimentar dos judeus sefaraditas.

No que tange a alimentação diária, é interessante destacar um e-mail que faz referência a um prato turco chamado Türlü. Nesta mensagem, a mediadora do grupo, conta que foi à WEB e constatou que havia uma receita francesa denominada “RATATOUILLE”. Abaixo, segue a seqüência dos e-mails, em que distintos membros do grupo fornecem a receita com algumas variantes deste prato, para finalmente chegar-se ao Turlu LK como podemos inferir pelos e-mails abaixo:

E-mail 1

Por não ter o que fazer fui à WEB e pesquisei como surgiu este nome: RATATOUILLE. Dizem que tradicionalmente é uma comida da “Provence” de origem francesa. Em Nice este prato se chama “occitan ratatolha”, e a maioria dos franceses o chamam de TOUILLER que quer dizer “comida misturada”. Os Catalães o chamavam de “xamfaina”.

Em Mallorca denominam “tomber” que é a mesma variação deste prato. Dizem que os ingredientes principais são: tomate... alho...cebola... abobrinha verde...berinjelas... e pimentão...Depois vem às ervas que são misturadas. Nas “ervas de Provence” alguns chefes de cozinha costumam cozinhar os vegetais todos juntos... Outros os colocam em camadas como o turlu e os assam no forno. Interessante seria saber quem achou primeiro esta comida. Os turcos com o Turlu ou os franceses com Ratatouille?

R. de Florida

E-mail 2

Agora o meu filho me pergunta como se faz um Turlu como antigamente. Desta vez, quero pegar as receitas de todos vocês e coloca-las em meu dossiê chamado “Turlu de LK” porque todos os membros do LK são como um Turlu, uma mistura de muitos países. Esperando vossas receitas vos mando meus abraços de amizade!

R. da Flórida.

E-mail 3

Meu turlu:
2 berinjelas

5 abobrinhas verdes
 2 cebolas
 6 tomates bem maduros
 3 pimentões: verdes, vermelhos, e amarelos.
 1 cabeça de alho
 Ervas finas de Provence
 Uma folha de louro
 Sal e pimenta preta.

Lave e retire a pele dos tomates em água quente, descasque as cebolas e o alho. Coloque estes ingredientes em uma panela e frite as cebolas com azeite de oliva. Junte as cabecinhas de abobrinhas, os tomates em cubos, e os dentes de alho esmagados ou cortados em rodela. Acrescente as ervas de Provence ou as ervas do Mediterrâneo. Nos Estados Unidos tem as especiarias de Mc Cormick (as mesmas que tem nos Ducros na França e na Espanha) e as ervas do Mediterrâneo. Quando não encontramos usamos orégano, sálvia e louro, sal e pimenta preta. Pode colocar também pimenta vermelha, doce ou picante, como quiser.

Deixe por uma hora em fogo baixo.

Bom Apetite!

Y.S de Eilat Israel

E-mail 4

Queridas R.e Y.

Justo quando ia escrever aqui o turlu de verão e de inverno, li a mensagem de Y. falando a mesma coisa. Como já dissemos aqui, a palavra Turlu quer dizer “variedade”, e pode ser feito com todos os ingredientes que temos em casa. No verão costuma-se fazer com vagem, abobrinha, berinjela, cebola, tomate, pimentão, batatas frescas e quiabo.

No inverno podemos fazer com repolho, alho-poró, cenoura, cebola, batata, couve-flor e tudo o que se encontrar.

Como disse L, me parece que primeiro colocamos para ferver o que leva mais tempo, e depois vamos acrescentando o que cozinha mais rápido.

Pode ser feito sem couve-flor, apenas com azeite. Põe-se uma colherada de sal e pimenta, para dar mais sabor. Minha mãe me ensinou que em todas as comidas que levam tomate, deve-se colocar uma colherada de açúcar.

Shabat Shalom,

G. de Istambul.

Através da leitura destas mensagens, infere-se que as integrantes demonstram muita curiosidade em querer saber a verdadeira origem deste prato. A partir da leitura das quatro mensagens acima, ao analisar a composição da receita, verifica-se que este prato é considerado de origem turca para os judeus turcos, entretanto, os franceses têm um assemelhado que é o Ratatouille. Esta comida também está presente em outros países com nomes diferentes. Na verdade é o mesmo “türlü” turco, que os judeus sefaraditas

incorporaram à sua culinária, o que aponta para a possibilidade de que o prato tenha sido levado pelos judeus sefaraditas e transitado pelas diversas regiões em que passaram a viver. Entre os ingredientes da receita, nos deparamos com as berinjelas que como já foi dito, aparecem em grande parte das receitas sefaraditas, sendo um dos símbolos desta culinária. Os outros legumes mencionados na receita: cebolas, abobrinhas, tomates e pimentões, são ingredientes encontrados em países com clima quente, muitos deles onde os sefaraditas se estabeleceram. Os temperos utilizados são típicos das regiões de onde se originaram. Outro elemento importante presente nesta troca de mensagens, é que ao mencionar a substituição de determinados ingredientes, sugere-se que o integrante do grupo possa não ter no país onde vive aquela iguaria e substituí-la por outra. Demonstra-se assim, que, devido às andanças por diversas regiões do mundo, ocasionou-se que nem sempre no local onde os sefaraditas se estabeleceram, tinham os ingredientes principais de sua culinária natal, ocasionando a necessidade de uma adaptação.

Entende-se assim, que eles possuem identidades múltiplas também em sua cozinha. Conforme salienta a mediadora R do grupo, cada um dos componentes do LK traz consigo uma mescla dos distintos lugares pelos quais passaram. Em suas palavras: “todos nós do LK somos como um Turlu, uma mistura de cada lugar onde estivemos”. Esta diversidade de procedências dos integrantes do LK é de suma importância para a construção da identidade judaica sefaradita, podendo ser verificada também pela sua culinária típica. Através desta iguaria chamada Turlu, que como vimos é uma mistura de alguns legumes, sofrendo variações conforme a estação do ano, evidencia-se a incorporação de um prato turco pelos sefaraditas, com as diferentes formas de combinações e os distintos preparos deste prato que mostram as múltiplas formas de realizar uma receita que um povo tão diaspórizado soube preservar. Conforme assinalou Claude Lévi-Strauss “a cozinha é uma linguagem na qual cada sociedade codifica as mensagens que lhe permitem significar ao menos uma parte do que essa sociedade é” (Lévi-Strauss, 1968). Deste modo, é possível, fazer a leitura de uma determinada sociedade pelos seus hábitos alimentares e pelas trocas de receitas.

Em outro e-mail, um integrante do LK remete ao grupo uma recordação dos registros de um prato em sua memória:

Queridos amigos do L.K:

Esta semana tenho estado com preguiça de escrever, mas de tanto ler sobre nossas comidas, doces e etc., já estou ficando louca! Os bolos que minha mãe fazia na Park Avenue, em Nova York nos anos 20, 30, não se assemelham aos que estou lendo no LK. Os bolos que ela fazia eram com **levedura**...eram muito pouco doces. Lembro-me que tinha um bolo em Portugal, pode ser que tivesse a **casca** de laranja **ralada** dentro. O que me recordo, é que ela colocava a massa em um lugar quente por algum tempo antes que se formassem bolhas, e acrescentava ovo batido, e em cima, gergelim. Quando eu chegava da escola, todas as tardes, eu pegava um, passava um pouco de manteiga e tomava com um copo de café.

No ano de 1968, viajei a Portugal com meu marido. Estávamos na praia da cidadezinha de Cascais, quando passou uma mulher com uma cesta grande na cabeça gritando: Bolos, bolos, bolos... Rápido, muito rápido, fui comprar um para comer. Eram exatamente iguais aos bolos que minha mãe assava no forno, como vos escrevi acima... Imaginem, 50 anos depois... a mesma receita que faço em Nova York, encontramos em Cascais, Portugal!!

Assim, sabemos que nossos genitores trouxeram as receitas da Espanha/ Portugal a suas novas casas e as passaram para cada geração. Minha mãe também fazia sanduíches de bolos para a escola para comer ao meio dia...colocando halvah⁵⁶ e queijo branco dentro...o cashcaval com pimentões assados e azeitonas. Que refeição! Já está me dando água na boca com tantas receitas!

Minha mãe veio para a América, de Tessalonika (nascida em Skopia). Pode ser que os tessalônicos fizessem diferente dos Izmirlis e dos Istambulís.

Obrigada, amigos e amigas, que estão me fazendo reviver os aromas de todas as comidas nossas!!

Pelas palavras desta integrante do grupo, ao mencionar as receitas que sua mãe fazia antigamente, nota-se que, os bolos aos quais se refere são oriundos de Portugal e da Espanha, berço dos judeus sefaraditas. Ao encontrar em Portugal, o mesmo prato que sua mãe (natural da Grécia, local onde os judeus sefaraditas se estabeleceram após a expulsão de Portugal e Espanha) fazia em Nova York, nos EUA, com uma maneira idêntica de preparo, ocorre um processo de reconstrução da identidade judaica sefaradita através da culinária. Esta identidade alimentar se mantém viva na memória desta participante e de muitos outros. Há que ressaltar-se ainda que, diaspORIZADOS eles se depararam com um novo contexto culinário, mas jamais esqueceram dos pratos de sua terra de origem “Sefarad”, tendo em vista que as receitas continuam presentes na recordação destas pessoas e em muitos casos na alimentação diária de muitos deles. Neste sentido, conforme assinala Franco:

⁵⁶ É um doce turco.

Os hábitos alimentares têm raízes profundas na identidade social dos indivíduos. São, por isso, os hábitos mais persistentes no processo de aculturação dos imigrantes. Os homens comem como a sociedade os ensinou [...] (Franco, 2001, p. 24).

Constata-se assim, que determinadas iguarias culinárias nos evocam uma sensação de nostalgia e saudade. Através do paladar, e aroma de certos pratos típicos de nossa terra natal, vem à tona um significado especial na vida dos indivíduos, fazendo emergir uma série de sentimentos que possibilitam às pessoas recordar situações há muito tempo vividas.

Neste contexto, além da culinária como fator identitário de um grupo, outro elemento de suma importância para a identificação de indivíduos e que os membros do LK debatem frequentemente é a música, assunto sobre o qual discorrerei no próximo tópico.

5.1 A música para os sefaraditas

A música é um dos elementos constituintes da identidade de uma etnia, povo ou nação. Através da música acessamos a história, as origens e as referências culturais que cada grupo possui. Para Folkstad (2002) a identidade musical, “é resultante dos contextos culturais, étnicos, religiosos e nacionais em que as pessoas vivem” (Folkstad, 2002, apud Moura, 2005, p.4). Deste modo, a música desempenha um papel muito importante, tendo uma relevância social para a identificação de um povo.

Para os judeus sefaraditas, a música é fundamental estando presente tanto no seu cotidiano como nas suas cerimônias religiosas. As músicas eram e são utilizadas em diversas situações, existindo as sagradas e as profanas, tendo cantigas para todas as ocasiões. Estas canções não são apenas as antigas canções trazidas de Sefarad, mas também as novas canções que foram incorporadas das terras para onde emigraram. Eles possuem um vasto acervo, de cantigas ao estilo medieval. Segundo uma integrante do grupo:

As mulheres cantavam as romanças (cantigas antigas) enquanto cuidavam da criação dos filhos, lavavam, passavam a roupa a ferro, costuravam, limpavam, cozinhavam, enfim todo o trabalho de casa ficava mais leve com a beleza das cantigas que cantavam. As cantigas que suas avós trouxeram da Espanha, evocava a saudade de suas casas ancestrais. As cantigas novas de suas novas terras. As cantigas humorísticas que cantavam ao trazer água do poço (em Salônica), aliviava suas penas. Ensinavam para as moças da casa. Muitas das cantigas que se cantam ainda hoje são cantigas que nossas mães cantavam com os tios e tias ao redor da mesa, ou fazendo o serviço da casa.

É importante ressaltar que a música judaica sefaradita reflete a diversificada trajetória deste povo, com suas constantes andanças pelos quatro cantos do mundo, por isso ela apresenta multifacetadas variantes, como observa Cabral:

ao longo do apogeu e das vicissitudes por que passaram os judeus na Península Ibérica, cujo exemplo do primeiro caso é a participação do magnata Hasday Ibn Saprut na corte de Aberraman III (912-971) e, do segundo, as perseguições que ocorreram a partir do IV Concílio de Latrão (1215) nas juderias do reino de Leão (1230) e com o estabelecimento em 1232 do tribunal do Santo Ofício e depois com a expulsão em 1492 (Scliar-Cabral, 1994), os sefaraditas valeram-se de vários instrumentos coesivos para manter a identidade através do culto a memória e do orgulho de pertença á cultura sefaradita. Entre esses instrumentos cabe destaque aos romances e às cerimônias tanto religiosas quanto profanas, nas quais as canções desempenhavam papel preponderante. Apesar das variantes, mantiveram-se, muitas delas, por mais de 500 anos (Cabral, 1998, p. 195).

No tocante a música sefaradita, é interessante acrescentar que, em muitas canções estão presentes as recordações familiares, sendo transmitidas das gerações que precedem para as posteriores, como todos os povos fazem para que não se esqueça de sua história e não se apaguem as suas tradições. É possível perceber isso através das canções trocadas no espaço virtual do LK por seus membros e pelo debate que muitas vezes, ocorre a respeito delas. É o caso dos e-mails abaixo:

E-mail 1

Um dia visitando a minha querida mãe, que este ano completou noventa e dois anos (que esteja sã!) vi que estava desanimada e que sua saúde não estava boa e perguntei-lhe:

Mamãe o que eu posso fazer para encorajar-te?

Ela pensou um pouco e me disse:

Canta-me “Lavava a branca moça”

Fiquei curiosa para saber por que minha mãe pediu-me para cantar esta antiga canção que eu não ouvia desde que era muito criança, e quando lhe perguntei a razão da escolha desta canção, ela respondeu-me em um ímpeto, que esta era a canção que sua mãe sempre cantava em sua infância para ela dormir e me disse, que ela não dormia sem que sua mãe cantasse esta canção.

Naquele dia corri para a internet e aprendi a letra e a música desta canção, e sempre que vou ver minha mãe canto para ela, e me emociono ao ver um sorriso em seu rosto.

Esta canção passou de mãe para filha, de filha para neta, e eu canto também para minha netinha.

Aqui neste endereço eletrônico podes ouvir a cantora Suzy, cantando esta linda canção:

Shabat Shalom a todos
S.S.B. de Israel.

Em resposta a este e-mail, outro membro do LK manifesta-se, agradecendo pela lembrança desta canção:

E-mail 2

Obrigada pela lembrança da canção “Lavava a branca moça”. Cantada como eram as canções antigamente (baladas narrativas) como cantavam as mães para seus filhinhos. O título “oficial” é “Don Bueso e sua irmã”. Existem várias versões, e esta é a mais conhecida na região Leste do Mediterrâneo, mas não é a única. A versão mais conhecida no Marrocos é “Ao passar por Casablanca” ou também se canta “Uma tarde de Verão”, e parece ser uma versão muito conhecida na Espanha. Suzy a conhece também por que sua avó aprendeu com as mulheres marroquinas em seu bairro de Jerusalém.

J. do Canadá.

Na continuidade dos e-mails, segue ainda a repercussão que causou esta cantiga, com o despertar de emoções expressas pela fundadora do grupo com a seguinte mensagem:

E-mail 3

Queridos amigos/as,

Se vocês se recordam, na semana passada S.S.B. de Israel nos escreveu sobre a canção que sua mãe de 92 anos (muitos e bons que

tenha!) gosta, e contando que ela pediu à filha que cantasse para ela como sua mãe cantava. A canção é “Lavava a Branca moça”. Aquela mensagem emocionou-me muito e tive uma correspondência com S. sobre isto, que me pareceu tão interessante que a remeti para o espaço “Cultura Sefaradita”.

Acredito que vocês irão gostar de ler esta correspondência, onde tem também Links para ouvir esta cantiga:

www.tarbutsefarad.com/index.php. Ou podem ir a página principal www.tarbutsefarad.com e vão ver escrito “lavava a branca moça” com a foto de Sara com sua neta. Clique em “ler mais”.

R.B. Dallas, Texas.

Abaixo segue a letra da referida canção:

Lavava a branca moça
 Lavava a branca moça
 Lavava e estendia
 Com lágrimas a lavava
 Com suspiros torcia

Por ali passou um cavalheiro
 Um pouco d'água pediu-lhe
 As lágrimas de seus olhos
 Encheram sete cântaros.

Porque choras minha senhora?
 Porque choras branca flor?

Meu marido se foi à guerra.
 E ainda não retornou
 Descreva seu marido minha senhora
 Alto, alto como o pinheiro.
 Ereto como uma flecha.
 Ele tinha a barba rasa

Começando a apontar
 Eu era o seu marido
 O que esperava da guerra

Se é meu marido

Me fala do sinal do meu corpo.

No seio direito
 Tem uma luazinha
 Se beijaram e se abraçaram
 E foram se deitar.

Abordando os e-mails acima trocados pelos integrantes do grupo sobre a referida canção, observa-se que a transmissão da música de geração para geração faz parte da

tradição de um povo. Quando S. diz: “eu canto para minha mãe que cantava para mim e agora canto também para minha netinha” vemos que há uma continuidade da música para as gerações futuras, sendo que através da recordação desta canção mantêm-se viva a história e a memória dos sefaraditas. Neste sentido, para Benjamin “a reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração” (Benjamin, 1994, p.211). Além disso, a partir das variantes de nome que a canção sofreu, como analisa o autor do e-mail 2, percebe-se a multifacetada identidade judaica-sefaradita. Através desta canção e de seus distintos nomes que, deve-se ao fato dos sefaraditas ter sofrido muitas diásporas, vemos que, de acordo com a região onde ela é ouvida e cantada, tem um título diferente, mas trata-se sempre da mesma canção. Isso enfatiza as influências dos diversos locais onde se estabeleceram: Espanha, Leste do Mediterrâneo, Marrocos.

No que tange a preocupação em se manter viva a história dos judeus sefaraditas, em outra mensagem, um integrante recorda a trágica trajetória deste povo ao longo de sua história. No caso deste e-mail, é destacado um erro de expressão que ocorreu em um vídeo que assistiram no youtube:

S., já viu este vídeo de Yasmin Levy Ela usou o verbo diplomático “deixaram” a Espanha. Seguramente este é um erro histórico e um insulto à memória dos que morreram e sofreram tanto.

Por outro lado, posso-te dizer que era uma característica sefaradita de não falar muito do “negro” que passou. Eu me lembro que, quando era criança, quando perguntava para meu pai, por que nós judeus falávamos espanhol, ele me dizia simplesmente: “porque viemos da Espanha muitos anos antes”. Meu pai já sabia da expulsão, mas creio que naquele tempo muito poucos sabiam, porque não foi uma história que passou de geração a geração.

Eu não disse isso para defender Yasmin Levy, mas sim porque nestes dias, e, sobretudo em público, não se pode enxergar a história. (Em El Shalom da semana passada, havia um artigo sobre a discussão, no dia de Limud, se esquecer o negro é bom ou não?).

A mensagem acima reflete a preocupação da integrante em tornar pública a história dos judeus sefaraditas no lugar de mascarar-la, como mostra a canção com o verbo “deixaram” a Espanha, ao invés de “foram expulsos”. O receio dela é de que este fato seja esquecido pela falta de transmissão as gerações futuras e que consequentemente apague-se esta “mancha negra” da memória dos judeus sefaraditas. Apesar de a integrante reconhecer que é uma característica sefaradita não falar do negro

que passou, ela não quer que a história se apague. Neste sentido, conforme assinala Lowenthal:

Vários tipos de recordação, desejadas e espontâneas, adquiridas e inatas, revelam aspectos diversos de coisas passadas, associadas para mostrar o passado comum a todos. A necessidade de se utilizar e reutilizar o conhecimento da memória, e de esquecer assim como recordar, força-nos a selecionar, distorcer e transformar o passado, acomodando as lembranças às necessidades do presente (Lowenthal, 1995, p. 77).

Desta forma, percebe-se pela fala da integrante do LK que mais antigamente na Turquia em suas comunidades presenciais não era tão comentada a diáspora Sefaradita, porque talvez fosse muito dolorosa a recordação de tantos sofrimentos, sobretudo, relatar para uma criança os trágicos acontecimentos enfrentados por este povo⁵⁷.

Ainda falando sobre música sefaradita, em outro e-mail, uma integrante remete uma canção perguntando aos demais se recordam-se dela:

Nosso amigo E. K. tem uma memória incrível, que recorda todos os detalhes de sua infância em Esmirna! Agora ele me perguntou se me recordo que em Esmirna tem a muito popular canção “Os canarinhos”. Cantava-se com os seguintes verbos:

O dia vou chorando,
A noite sem dormir.
Mas rápido vem a pomba,
Mas rápido vem comigo.
Trocaremos os anos,
Os Anéis de “kedushim” (brinde do vinho).

Hoje, faz tantos anos, que ouço as versões gravadas, que se não fosse o Eliezer não ia me lembrar destas linhas. Pergunto aos outros de Esmirna se recordam esta versão?

R.A.B, Dallas, Texas.

⁵⁷ No entanto presentemente, muitos integrantes do grupo estão mais voltados para a investigação sobre a diáspora de 1492, inclusive em um artigo que colocamos o título em anexo “ Sinagoga na casa de ABRAHAM SENEOR em Segovia “ Nem Tão Perdida Nem Tão Secreta “. Seus descendentes sabiam que existia desde os tempos em que habitavam nesta cidade, onde este Sr. Abraham Seneor foi Ministro ao tempo da Inquisição, foi desposto e expulso, sua casa tomada, e no presente os padres Capuchinos fizeram desta casa sua moradia e Igreja, mas não destruíram a Sinagoga, que havia em seu subsolo.

Nesta troca de mensagens, dois integrantes debatem, questionando se a cantiga é sefaradita, caracterizando uma preocupação dos membros do grupo quanto à identidade musical sefaradita:

Não creio que seja uma canção judia. Primeiro, não é o estilo das canções judias. Pois a lenda diz que em 1492 quando os reis católicos conquistaram Granada, eram os muçulmanos que também se iam, e o rei Boabdil estava, diz a lenda, por perder Granada.

O rei disse, segundo a lenda: “cala-te, filho meu, os homens não choram”. E fizeram uma canção da época do Renascimento chamada: “passeava o rei mouro pela cidade de Granada...ai de mim Granada...” Provavelmente esta canção será ou bem originalmente dos chamados mouros ou possivelmente mais recente. Depende de onde a ouvistes.

Através da leitura dos e-mails acima, infere-se que, as dúvidas suscitadas pelos componentes do LK, quanto a autenticidade da cantiga pertencer ao cancionero sefaradita, é mais uma, dentre muitas, das preocupações que os membros têm pela busca das origens étnicas identitárias ibero-judaicas. Ela reporta-se ao domínio mouro a que esteve submetida à Península Ibérica de 711 a 1492 por aproximadamente 8 séculos. Por este motivo, conforme o local onde foi ouvida pode não ser sefaradita e sim moura.

Com as recordações desta e das outras canções, os judeus sefaraditas do LK buscam reconstruir, quase que arqueologicamente, sua identidade. Assiste-se, aos sefaraditas oriundos da diáspora, neste espaço virtual do círculo Ladino, discutindo o vasto e “autêntico” cancionero sefaradita, compartilhando com os outros integrantes o material que encontram. Observa-se ainda que o reavivamento das tradições que este grupo busca é também um contraponto em face da globalização, que insinua sub-repticiamente a perda da identidade. As comunidades tentam reafirmar suas origens étnicas pelas reconstruções identitárias, nas quais suas tradições estão inseridas. Como diz Tolstoi “o escritor que quiser ser universal deve começar descrevendo a própria aldeia” (Tolstoi). Com efeito, no tema enfocado, os protagonistas diasporizados da postagem de parte do acervo do cancionero judaico sefaradita, pelo Ladino Komunitá, resgatam o repertório musical, buscando a reconstrução de sua identidade para que este povo sobreviva.

Considerações Finais

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço (Castells, 2000, p. 23).

Neste trabalho sobre a comunidade virtual judaico-sefaradita denominada Ladinokomunita que, comunica-se em ladino, através da internet, buscou-se identificar como se dá a (re) construção dos traços identitários dos judeus sefaraditas em seu interior. A partir do processo de leitura dos e-mails, que durou aproximadamente dois anos, foi possível verificar que para reconstruir sua identidade o grupo se utiliza dos seguintes elementos: língua, memória, história, religião, música e culinária, estabelecendo uma estreita ligação entre eles.

Após a expulsão dos judeus da Península Ibérica, quando emigraram para os países muçulmanos, principalmente Turquia e Balcãs, passaram por outras tantas migrações pelas mais variadas circunstâncias, como por exemplo, pela Segunda Guerra Mundial, quando os sobreviventes do holocausto oriundos das comunidades balcânicas e aqueles vindos das juderias pobres da Turquia acorreram para Israel. Sucederam-se ainda novas correntes migratórias para os Estados Unidos, Canadá, países da América Central e do Sul, motivados por razões econômicas, procura por melhores oportunidades, ou pelo desejo comum de “fazer a América”. O que observamos neste

estudo é que, uma das causas primordiais que faz com que ainda sintam-se sefaraditas é o idioma, ou seja, poder comunicar-se com outros sefaraditas do mundo todo pela internet, neste espaço virtual devido ao fato de falarem uma língua comum: o ladino. Todas estas vertentes migratórias foram paulatinamente descobrindo-se no Círculo Ladino. Constatamos que esta civilização sefaradita diaspórica, conseguiu encaixar-se no ciberespaço, reconstituindo suas trajetórias de vida.

Ao se utilizar deste linguajar comum que é o hispânico hebreu foi possível exprimirem-se neste espaço virtual, revivendo através da memória muitos acontecimentos que fazem parte de sua história e de seu passado comum. Não fosse este hispânico hebreu, seria bem mais difícil a religação da comunicação escrita, uma vez que cada um falaria um idioma diferente, vez que provenientes de países com outros idiomas.

Observou-se ainda que juntamente com as tradições ético-religiosas e os costumes, o idioma compõe uma das facetas da heterogeneidade da condição judaica sefaradita do grupo LK. Sob o ponto de vista de Edgar Morin, citado em um artigo publicado no jornal “El Amaneser” que esta comunidade virtual edita, no que concerne a manutenção da identidade sefaradita na diáspora, para Morin:

Os Sefaraditas morreram ‘fisicamente’ na Espanha de 1492, depois de haver continuado a sobreviver no exílio com toda a sua vitalidade, depois de ter oferecido diversas riquezas culturais durante quinhentos anos. Portanto, os Sefaraditas estão continuando a viver na alma e no coração de todos os que se recordam de seus avós, que falam e celebram as festas judaicas em (Judeu espanhol). Estão continuando a viver na memória dos que não se esqueceram das cantigas, das comidas sefaraditas... É somente na carência destas pessoas por seus ancestrais, que se consegue trazer de pé o Sefaradismo (Morin apud Delevi, 2010, p. 06).

Infere-se que através da recordação da diáspora presente ao longo da leitura de muitos e-mails, revive-se a memória dos sefaraditas do LK da atualidade, cultivando ainda seus costumes, exprimindo-se em seu idioma judeu hispânico, trocando receitas e canções ladinas, que são os elementos que constituem a identidade de um povo. Apesar das diversas dispersões que os judeus sefaraditas sofreram eles procuram dar continuidade às tradições.

Através desta pesquisa, verificou-se também que, a partir do momento em que pessoas sentem a necessidade de formar uma comunidade virtual, indagando-se acerca dos fatores constitutivos de sua identidade, como suas músicas, sua comida, sua religião e outros elementos, se contrapõem às tendências homogeneizadoras que acompanham o processo de globalização, e, por conseguinte, o enfraquecimento de sua identidade. A comunidade virtual LK reconstrói sua identidade quando, perpassa pelas tradições de seu cancionário, de sua culinária, nutrindo-se corporeamente e espiritualmente pela religião e exprimindo-se em seu próprio idioma, o ladino, gravado em sua memória e com ele escrevendo sua história. Constatou-se que foram estes os vetores preponderantes na pesquisa acerca desta comunidade judaica sefaradita. Conforme ainda destaca Cabral:

a chave para podermos entender um pouco melhor por que, diante de tanta diversidade através do espaço e do tempo, o judeu se sente judeu; por que apesar de tantas diásporas, a identidade resiste, talvez esteja em perquirir os mecanismos coesivos deste grupo que desenvolveu uma resistência para sobreviver, sem se descaracterizar em sua essência. E um desses mecanismos, está, sem dúvida na preservação da memória histórica, através da tradição oral e escrita, através das celebrações das datas mais importantes nas quais os valores e a cosmovisão são passados de geração em geração, como o Pessach, O Rosh Hasana, o Tu Bishevat, o Sucot, o Shavuot (Cabral, 1998, p. 194).

Assim, os judeus sefaraditas do LK aqui etnografados buscam com entusiasmo a preservação de suas raízes pela manutenção do idioma ladino, tendo como amparo as tradições e os costumes religiosos sefaraditas. Destarte, perpassam pela palavra escrita e falada em Judeu-espanhol rezas, cantigas, poesias e culinária postadas neste círculo ladino da Internet e todos estes fatores são o que possibilitam que se mantenha a identidade viva e constantemente reavivada neste ciberespaço.

Referências

- AROUX, S. **A filosofia da linguagem**. Editora Unicamp. Campinas, São Paulo, 1998.
- AVRIL, A-C e de MAISONNEUVE, D. **As festas judaicas. Documentos do mundo da bíblia-11**. Editor: Paulos. São Paulo, 1997.
- BARTH, Frederik. Introducción. **Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: Teorias da etnicidade**. Poutignat e Streiff-Fenart. UNESP, São Paulo, 1997
- BAUMAN, Z. **Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi**. Editor: Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2005.
- _____. **Modernidade e Holocausto**. Editor Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1998.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica. Arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio P. Rouvant. 7ª Edição, Editora Barsiliense. São Paulo, 1994.
- BERIAIN, J. **Identidades culturales**. Ed. Universidade de Deusto. Bilbao, 1996.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 4ª edição. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2001.
- BUBER, M. **Sobre comunidade**. Editora perspectiva, São Paulo, 1987.
- BRANDÃO, C.R. **Identidade etnia**. Editora Brasiliense. São paulo, 1986.
- BRUMER, A. **A identidade em questão. In: A paixão de ser. Depoimentos e ensaios sobre a Identidade Judaica. Identidade Judaica**.Org. Abrão Slavutzky. Ed. Artes e Ofícios. Porto Alegre, 1998.
- CABRAL, L, S. **A memória sefaradita como exemplo de identidade judaica. In: A paixão de ser Depoimentos e ensaios sobre a Identidade Judaica. Identidade Judaica**.Org. Abrão Slavutzky. Ed. Artes e Ofícios. Porto Alegre, 1998.
- CANDAU, J. **Anthropologie de La Mémoire**. Dépôt legal-1 édition. Paris, 1996.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. IN: **Identidade etnia e estrutura social: Um conceito Antropológico da Identidade**. S P, Pioneira, 1976. P. 33 - 52.

- CASTELLS, M. **A sociedade em Rede** ED. Paz e terra. São Paulo, 1999.
 _____ **O poder da identidade**. ED. Paz e terra. São Paulo, 2000.
- CUNHA, M. **Antropologia do Brasil. Mito história e etnicidade**. Editora Edusp, 1986.
- DA MATTA, R. **Sobre o simbolismo da comida no Brasil**. v. 15, nº 7, jul. Rio de Janeiro, 1987.
- Dicionário de Ciências Sociais**. Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 1986.
- FRANCO, A. **De caçador a gourmet: uma história da gastronomia**. Editora SENAC, São Paulo, 2001.
- GARELLI, & Nikiprowetzky. **O oriente próximo asiático. Impérios Mesopotâmicos-Israel**. Editora de São Paulo, 1982.
- GARINE, I. **Alimentação, culturas e sociedades**. O correio da Unesco, v. 15, n.7, 1987.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Editora UNESPE, SP, 1991.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Centauro Editora. São Paulo, 2006.
- HALL, S. **Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2003.
- HALL, S. WOODWARD, K. **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos culturais**. Editora Vozes, 8 edição. Petrópolis, RJ, 2006.
- HINE, C. **Virtual Methods. Issues in Social Research on the Internet**. Oxford, Berg, 2004.
- LÊ GOFF, J. **História e memória**. 5ª Edição. Editora da Unicamp. Campinas, São Paulo, 2003.
- LEMOES, A. **Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Editora Sulina. Porto Alegre, 2002a.
- _____ **Olhares sobre a Cibercultura**. Paulo (orgs.). Sulina, Porto Alegre, 2002b.
- LEVY, P. **Cibercultura**. Editora 34, São Paulo, 2004.
- LIMA, J.P. **Três questões sobre língua e identidade**. Faculdade de letras, Universidade de Lisboa. Edições Colibris, nº4, 2001, p.223-227.
- LOWENTHAL, D. **Como conhecemos o passado**. Proj. História, nº17, São Paulo, 1995.

MACIEL, M.E. **Cultura e alimentação ou o que tem a ver os macaquinhos de Koshima com a Brillat-Savarin?** Horizontes Antropológicos, ano 7, n16, p.145-156, dez. Porto Alegre 2001.

PALÁCIOS, M. **Cotidiano e sociabilidade no Ciberespaço: Apontamentos para Discussão.** In: Fausto N, a. e Pintp, M. **O indivíduo e as Mídias.** Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

PAULO, A. **A dispersão dos sepharadim (judeus hispano portugueses).** Editora Nova Crítica. Porto, 1978.

PAYER, M. O. **Memória da Língua Imigração e Nacionalidade.** Editora Escuta. São Paulo, 2006.

POLAK, M. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos. vol. 5, n10. Rio de Janeiro, 1992.

RHEINGOLD, H. **La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras.** Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciencia. Barcelona, 1994.

ROMANO, D. **La Ciência Hispanojudía.** Ed. Mapfre. Madri,1992.

RUDIGER, F. **Introdução ás teorias da cibercultura.** Editora Sulina. Porto Alegre, 2002.

SKOLAUDE, M. **Identidades rasuradas: o caso da comunidade afro-descendente de Santa Cruz do Sul (1970-2000).** EDUNISC. Santa Cruz do Sul, RS, 2008.

SOBEL, H. I. **Ser Judeu. . In: A paixão de ser. Depoimentos e ensaios sobre a Identidade Judaica.**Org. Abrão Slavutzky. Ed. Artes e Ofícios. Porto Alegre, 1998.

SORJ, B. **Judaísmo para todos.** Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2010.

SUAREZ, L. **La expulsión de los judios de Espana.** Editorial Mapfre. Madri, 1992.

TELLES, T.A.F **Linguagem e identidade social. Uma abordagem sociolingüística.** Artigo. Disponível em www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.net . Brasília, 2001.

TONNIES, F. **Comunidad y sociedad.** Editorial Losada, s.a. Buenos Aires, 1947.

TOPEL,M. **As leis dietéticas judaicas:um prato cheio para a antropologia.** Horizontes antropológicos, 2003.

TRZONOWICS, A.S.M. **Ledor Vador. Construindo identidades judaicas de geração em geração (Estudo exploratório de casos de famílias e escolas judaicas em S. Paulo).** Dissertação de Mestrado-USP, 2006.

WEBER, M. **Conceitos básicos de sociologia.** Centauro Editora. São Paulo, 1987.

YERUSHALMI, Y. Zakhor: **História judaica e memória judaica**. Editora Imago. Rio de Janeiro, 1992.

ANEXOS

Anexo 1

Edito de Expulsão dos Judeus Sefaraditas



Edicto de expulsión de los judíos



os Reyes Fernando e Isabel, por la gracia de Dios, Reyes de Castilla, León, Aragón y otros dominios de la corona- al príncipe Juan, los duques, marqueses, condes, ordenes religiosas y sus Maestres,... señores de los Castillos, caballeros y a todos los judíos hombres y mujeres de cualquier edad y a quienquiera esta carta le concierna, salud y gracia para él.

Bien es sabido que en nuestros dominios, existen algunos malos cristianos que han judaizado y han cometido apostasía contra la santa fe Católica, siendo causa la mayoría por las relaciones entre judíos y cristianos. Por lo tanto, en el año de 1480, ordenamos que los judíos fueran separados de las ciudades y provincias de nuestros dominios y que les fueran adjudicados sectores separados, esperando que con esta separación la situación existente sería remediada, y nosotros ordenamos que se estableciera la Inquisición en estos dominios; y en el término de 12 años ha funcionado y la Inquisición ha encontrado muchas personas culpables además, estamos informados por la Inquisición y otros el gran daño que persiste a los cristianos al relacionarse con los judíos, y a su vez estos judíos tratan de todas maneras a subvertir la Santa Fe Católica y están tratando de obstaculizar cristianos creyentes de acercarse a sus creencias.

Estos Judíos han instruido a esos cristianos en las ceremonias y creencias de sus leyes, circuncidando a sus hijos y dándoles libros para sus rezos, y declarando a ellos los días de ayuno, y reuniéndoles para enseñarles las historias de sus leyes, informándoles

cuando son las festividades de Pascua y como seguirla, dándoles el pan sin levadura y las carnes preparadas ceremonialmente, y dando instrucción de las cosas que deben abstenerse con relación a alimentos y otras cosas requiriendo el seguimiento de las leyes de Moisés, haciéndoles saber a pleno conocimiento que no existe otra ley o verdad fuera de esta. Y así lo hace claro basados en sus confesiones de estos judíos lo mismo a los cuales han pervertido que ha sido resultado en un gran daño y detrimento a la santa fe Católica, y como nosotros conocíamos el verdadero remedio de estos daños y las dificultades yacían en el interferir de toda comunicación entre los mencionados Judíos y los Cristianos y enviándolos fuera de todos nuestros dominios, nosotros nos contentamos en ordenar si ya dichos Judíos de todas las ciudades y villas y lugares de Andalucía donde aparentemente ellos habían efectuado el mayor daño, y creyendo que esto seria suficiente de modo que en esos y otras ciudades y villas y lugares en nuestros reinos y nuestras posesiones seria efectivo y cesarían a cometer lo mencionado. Y porque hemos sido informados que nada de esto, ni es el caso ni las justicias hechas para algunos de los mencionados judíos encontrándolos muy culpables por lo por los susodichos crímenes y transgresiones contra la santa fe Católica han sido un remedio completo obviar y corregir estos delitos y ofensas. Y a la fe Cristiana y religión cada día parece que los Judíos incrementan en continuar su maldad y daño objetivo a donde residan y conversen; y porque no existe lugar donde ofender de mas a nuestra santa creencia, como a los cuales Dios ha protegido hasta el día de hoy y a aquellos que han sido influenciados, deber de la Santa Madre Iglesia reparar y reducir esta situación al estado anterior, debido a lo frágil del ser humano, pudiese ocurrir que podemos sucumbir a la diabólica tentación que continuamente combate contra nosotros, de modo que, si siendo la causa principal los llamados judíos si no son convertidos deberán ser expulsados de el Reino.

Debido a que cuando un crimen detestable y poderoso es cometido por algunos miembros de algún grupo es razonable el grupo debe ser absuelto o aniquilado y los menores por los mayores serán castigados uno por el otro y aquellos que permiten a los buenos y honestos en las ciudades y en las villas y por su contacto puedan perjudicar a otros deberán ser expulsados del grupo de gentes y a pesar de menores razones serán perjudiciales a la República y los mas por la mayoría de sus crímenes seria peligroso y contagioso de modo que el Consejo de hombres eminentes y caballeros de nuestro reinado y de otras personas de conciencia y conocimiento de nuestro supremo concejo y después de muchísima deliberación se acordó en dictar que todos los Judíos y Judías deben abandonar nuestros reinados y que no sea permitido nunca regresar.

Nosotros ordenamos además en este edicto que los Judíos y Judías cualquiera edad que residan en nuestros dominios o territorios que partan con sus hijos e hijas, sirvientes y familiares pequeños o grandes de todas las edades al fin de Julio de este año y que no se atrevan a regresar a nuestras tierras y que no tomen un paso adelante a traspasar de la manera que si algún Judío que no acepte este edicto si acaso es encontrado en estos

dominios o regresa será culpado a muerte y confiscación de sus bienes.

Y hemos ordenado que ninguna persona en nuestro reinado sin importar su estado social incluyendo nobles que escondan o guarden o defiendan a un Judío o Judía ya sea públicamente o secretamente desde fines de Julio y meses subsiguientes en sus hogares o en otro sitio en nuestra región con riesgos de perder como castigo todos sus feudos y fortificaciones, privilegios y bienes hereditarios.

Hágase que los Judíos puedan deshacerse de sus hogares y todas sus pertenencias en el plazo estipulado por lo tanto nosotros proveemos nuestro compromiso de la protección y la seguridad de modo que al final del mes de Julio ellos puedan vender e intercambiar sus propiedades y muebles y cualquier otro artículo y disponer de ellos libremente a su criterio que durante este plazo nadie debe hacerles ningún daño, herirlos o injusticias a estas personas o a sus bienes lo cual sería injustificado y el que transgrediese esto incurrirá en el castigo los que violen nuestra seguridad Real.

Damos y otorgamos permiso a los anteriormente referidos Judíos y Judías a llevar consigo fuera de nuestras regiones sus bienes y pertenencias por mar o por tierra exceptuando oro y plata, o moneda acuñada u otro artículo prohibido por las leyes del reinado.

De modo que ordenamos a todos los concejales, magistrados, caballeros, guardias, oficiales, buenos hombres de la ciudad de Burgos y otras ciudades y villas de nuestro reino y dominios, y a todos nuestros vasallos y personas, que respeten y obedezcan con esta carta y con todo lo que contiene en ella, y que den la clase de asistencia y ayuda necesaria para su ejecución, sujeta a castigo por nuestra gracia soberana y por la confiscación de todos los bienes y propiedades para nuestra casa real y que esta sea notificada a todos y que ninguno pretenda ignorarla, ordenamos que este edicto sea proclamado en todas las plazas y los sitios de reunión de todas las ciudades y en las ciudades principales y villas de las diócesis, y sea hecho por el heraldo en presencia de el escribano público, y que ninguno o nadie haga lo contrario de lo que ha sido definido, sujeto al castigo de nuestra gracia soberana y la anulación de sus cargos y confiscación de sus bienes al que haga lo contrario.

Y ordenamos que se evidencie y pruebe a la corte con un testimonio firmado especificando la manera en que el edicto fue llevado a cabo.

Dado en esta ciudad de Granada el Treinta y uno día de marzo del año de nuestro señor Jesucristo de 1492.

Firmado Yo, el Rey, Yo la Reina, y Juan de la Colonia secretario del Rey y la Reina quien lo ha escrito por orden de sus Majestades.

Anexo 2

Página do site do Ladinokomunita

[Início](#)

- Somente para criados
- Mensagens
 - Post
 - Anexos
 - Arquivos
 - Fotos
 - Links
 - Banco de Dados
 - Enquetes
 - Deputados
 - Calendário
 - Promover
 - Grupos Labs

[Configurações](#)
 informações sobre o grupo

Membros: 1304
 Categoria: [Judaism](#)
 5 de janeiro de 2000: Fundada
 Idioma: Outros

Já é um membro? [Inscreva-se no Yahoo!](#)

Yahoo! Dicas Grupos

... a melhor que ...
 faça como Yahoo! Grupos
 mudou a vida dos outros. [Leve-me lá.](#)

o melhor do Yahoo Grupos

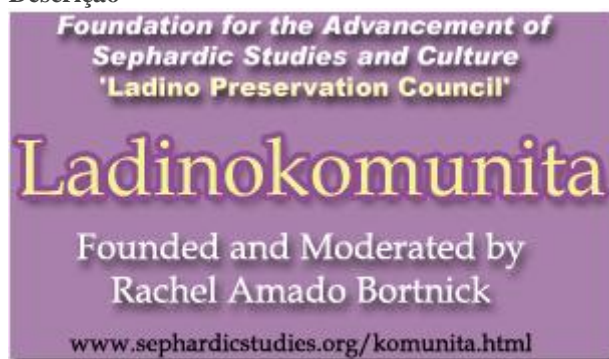
Vê-los e nomear o seu grupo.

**Início**

Junte-se a este grupo

Atividade nos últimos 7 dias:

8 novos membros - **124** novas mensagens - **56** Novas fotos - **2** novos arquivos

Descrição**Bem-vindo ao Ladinokomunita!**

Ladinokomunita é um círculo correspondência escrita em ladino (judeu-espanhol), criado em dezembro de 1999. Tópicos do centro de discussão em torno da cultura sefardita, história e linguagem, incluindo: reminiscências da vida sefardita da Turquia, os Estados Unidos, Rhodes, Salônica, ou em qualquer outro lugar do mundo; festas judaicas, costumes, superstições, comidas, frases típicas e provérbios, as diferenças de vocabulário e pronúncia, as origens de certas palavras, etc; relatórios sobre aspectos da história e da literatura Ladino por pesquisadores e membros conhecidos. Este é também um fórum para anunciar programas e conferências relacionadas com o ladino (ou outros aspectos da cultura sefardita), assim como livros, dicionários, cursos de língua ladina, deputados etc, podem, de fato, discutir qualquer assunto de interesse, incluindo assuntos correntes, literatura, ciência, etc

O objetivo do Ladinokomunita é a seguinte: 1. promover o uso de Ladino, 2. difundir o uso de um método padrão para a ortografia Ladino com caracteres latinos, de acordo com as regras estabelecidas pela revista "Aki Yerushalayim." 3. promover o conhecimento da História e da cultura sefardita. Por favor note que as mensagens e notícias sobre Ladinokomunita NÃO pode ser usado ou copiado em outros lugares sem a permissão do autor.

Keridos Amigos, Bienvenidos a la komunidad virtual de Ladino (djudeo-espanyol.) Mos korrespondemos muestra en lingua Kerida parágrafo ke não mos ulvidemos de EJA, ni de muestra erensia Sefaradi. Todos los mensajes deven serviços en-djudeo espanyol

Rachel Amado Bortnick (fundador / moderador)

* As mensagens devem ser escritos em ladino. *

* Um Ladino dicionário multilingue em curso pode ser encontrado em:

<http://lingua.cc.sophia.ac.jp/diksionario-LK/>

* Algumas lições Ladino pode ser encontrada em:

<http://ladinokomunita.tripod.com/muestralingua/id14.html>

Ladinokomunita classifica como # 12 dos 86.905 grupos de judaísmo em Yahoo! (16 agosto de 2010)

Histórico de Mensagens

	Jan	Fevereiro	Mar	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
2010	403	432	397	329	319	420	432	414	487	473	512	411
2009	350	233	331	404	236	222	435	398	249	303	248	365
2008	387	352	256	349	483	332	491	370	412	382	329	432

2007	523	525	425	451	451	485	443	466	459	399	259	339
2006	241	299	346	240	236	247	255	157	292	404	434	323
2005	209	161	214	187	171	170	148	223	183	172	154	208
2004	232	204	226	209	209	289	166	201	199	151	201	217
2003	309	219	169	342	356	244	252	196	274	213	372	274
2002	235	144	216	171	221	168	208	182	213	165	219	170
2001	114	119	132	106	265	286	287	203	184	260	197	197
2000	33	61	87	90	166	158	140	127	174	103	58	104

Grupo endereços de e-mail

Ligação relacionada: <http://www.sephardicstudies.org/komunita.html>
 mensagem Mensagem: Ladinokomunita@yahogroups.com
 Inscrever-se: Ladinokomunita-subscribe@yahogroups.com
 Cancelamento da inscrição: Ladinokomunita-unsubscribe@yahogroups.com
 Proprietário da lista: Ladinokomunita-owner@yahogroups.com

Junte-se a este grupo

RESULTADOS PATROCINADOR

[Aprender línguas grátis](#)

www.Livemocha.COM - Aprenda 30 + idioma online grátis! Junte-se hoje e comece a falar.

[Summa Metaphysica](#)

<http://summametaphysica.com> - uma metafísica unificada e integrada

[Oficial Rosetta Stone ®](#)

www.RosettaStone.COM - Venda de férias. Tempo limitado somente. Até \$ 150 Off + Frete Grátis.

ANEXO 3

Jornal El Amaneser

La Trista Peryita del Periyodizmo Turko

İLHAN SELÇUK



Si no meldava la eskrita ke eskriyo por akel diya, no me entrava esfueno... Me akodro ke una noche me tengo alevantado despues ke me echi para meldar la eskrita de İlhan Selçuk. » 2

Un mundo de vyejas tradisyones

KADOSH



Uno de los mijores filmes de los utimos anyos, KADOSH, realizado por el Israelyano Amos GITA, ... una ovra ke eksplora el mundo serrado de los hasidim de Yerushalayim en el kuarter Mea Shearim. » 17

Haïm-Vidal Sephiha



Es kon una grande alegria i satisfaksyon ke tomimos el kalem para ekspresar kon profunda alegria el rekonosimyento ke sentimos delante la ovra akademika de nuestro amigo Haïm-Vidal Sephiha.

(...)

El 6 de Junyo 2010, se organizo una seremoniya maraviyoza para dar el onor muy meresido a nuestro kerido amigo Haïm-Vidal Sephiha. » 24





אייל חמאניסיר "kuando muncho eskurese es para amanesar"

el amaneser

ESTAMBOL 25 TAMUZ 5770 7 JULYO 2010
ANYO 6 NUMERO 65

Aktividades del Sentro Sefardi para Estudiantes i Turistos

KAREN GERSON SARHON / ESTAMBOL
karensarhon@gmail.com

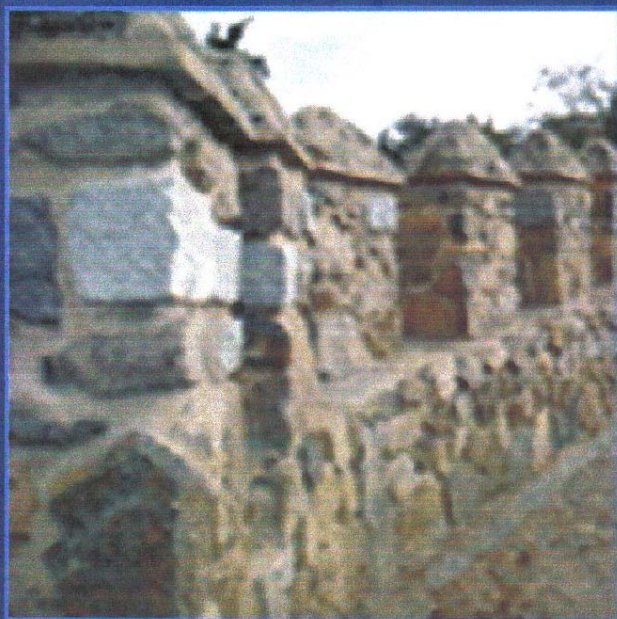
Desde el empesijo de este anyo en paralelo kon siertas demandas ke tuvimos de eskolas i grupos de turistos en las cruas neschas decidimos



Anexo 4

Foto da Muralha de uma Alfama

Muralla típica de una Aljama



Anexo 5

Jornal El Amaneser

Página de Bibliografia do jornal El Amaneser	121
Artigo sobre o professor Haïm-Vidal Sefiha.....	122
Artigo sobre o encontro de L.K. na Espanha.....	123
Artigo sobre a sabedoria da mulher na tradição sefaradita.....	124-125

BIBLIOGRAFIA **el amanecer** 13
25 TAMUZ 5770 - 7 JULIO 2010

KANTON DE BIBLIOGRAFIA SEFARDI 43

MICHAEL HALÉVY HAMBURG
mhalovy@alice-dsl.net

Istoria	Literatura	Linguistika	Musika
<p>• PANTELI, Stavros, Place of Refuge. A History of the Jews in Cyprus. Elliott & Thompson, London 2003, ISBN: 1 904027 07 5.</p>	<p>vanessa pfister-mesavage SEFARAD YAHUDILERINDEN MASALLAR</p> 	<p>• VAROL, Marie-Christine, Le Proverbier glosé de Mme Flor Guéron. Geuther, Paris 2010, ISBN: 978-2-7053-3830-5</p>	<p>Música Sefardi</p>  <p>Repertorio</p>
<p>PLACE OF REFUGE</p>  <p>A HISTORY OF THE JEWS IN CYPRUS Stavros Panteli</p>	<p>• PFISTER-MESAVAGE, Vanessa (ed.), Sefarad Yahudilerinden Masallar.</p>	<p>Le proverbier glosé Madame-Flore Guéron Yeschun Marie-Christine Bornes Varol</p> 	<p>• OBRA, Sebastián de la, Música Sefardi - Itinerarios, textos y trabajos. Repertorio, Cordoba, s. a., Casa de Sefarad</p>

Haim-Vidal Sephiha:

Maestro i Amigo

MICHAEL HAILEVY / HAMBURG
mhalevy@alice-dsl.net

Es kon una grande alegría i satisfaksyon ke tomimos el kalem para ekspresar kon profunda alegría el rekonosimiyento ke sentimos delante la ovra akademika de nuestro amigo Haim-Vidal Sephiha. Konosko a Haim-Vidal desde munchos anyos, desde los anyos '70 del syeklo pasado. Konosko i apresyio su ovra akademika desde

el tiempo kuando me ambezi la linguistika judaika en varias universidades europeas. Este kontakto akademiko nunca se pedryo. El kontakto personal empeso un poko mas tadre kuando deshi los dumanes ashenazis de Hamburgo para gozar la luz sefaradi de Paris. Partisipi kada anyo i anyo a la fiesta de la haveransa VIDAS LARGAS - asosiasyon de los entuziastes, arreblvida por un entuziasto i un jenezoro verso sus elevos; dirijido por un intelektual

onesto ke lavoro dia i noche para ke la lingua de su manseves no se pedriera: Haim-Vidal Sephiha.

Me alegrí anyos antes de ir a Paris i de savorear los dulces sefaradis preparados por la sinyora de Toledo, de bendicha memoria, me alegrí de avlar kon Enrique Beja y Saporta, de bendicha memoria, i de charledar kon Meri Badí, Beatriz Grebnikoff, Alain Penso i Alain de Toledo. Estas fiestas fueron un tiempo de chiraklik para mi, me ambezi mucho i kuando tomi el tren de noche para topor los dumanes de Hamburgo, mi korason se lincho de alegría. El proximo anyo en Paris!

El gadol (shef) de los enkontros amistozos parizyanos fue el inkontestavle maestro del Judezmo, mi amigo Haim-Vidal. Sonriente, kontente, charleando kon todos, kantando kon entuziasmo las kantikas sefaradis, komentando una lektura difisil o akliarando una etimolojia komplikada.

La ovra intelektual de mi amigo i maestro Haim-Vidal Sephiha puede ser konsiderado como un testimonyo personal de un bushkador ke enrikesyo la filolojia judiya, mas su ovra es mas - es la infatigavle de un ombre ke lucha para salvar un patrimonyo, su patrimonyo. Su ovra es prova de la realita de la vitalita de la lingua i kultura judeo-

espanyola. Sus ovras son ovras de omenaje, despues de su tesis, asta sus ultimos lavoros a la lingua de sus paryentes. Sus publikasyones son un plazer para los enamorados de la lingua judeo-espanyola porque su autor avla kon una boz autentika. Sus publikasyones son un plazer i para sus kolegas, por el alto grado de entelektualidad. Sus livros i partikularmente sus estudyos linguistikos sin kuento son lavoros de referensya en todos los ramos.

Haim-Vidal Sephiha, ombre de sensya ke metyo su saverisyo syempre i jenerozamente al servisyo de la lingua i kultura judeo-espanyola i del patrimonyo sefaradi, nunca se sintyo ovligado de azerse talmidei hahamim, alumnos o estudyantes. Al kontrario. Los estudyantes eskojeron Haim-Vidal Sephiha como profesor, instruktor, maestro, i lo eskojeron por ser un profesor de ancha kultura, un maestro ke aparajo munchos adeptos. Impozante es el nombre de sus publikasyones, impresyonante son el nombre de sus estudyantes i el nombre de tezinias i tezas ke dirijo.

Kerido Haim-Vidal, la kolektividad judiya te dize grasyas por tu lucha para la kavza judaika. Yo i mi mujer te felisitamos de alma i korason i oguramos a ti i a tu mujer Ingeborg largos anyos de gloria. Grasyas!



Una seremoniya muy meresida al kerido Haim-Vidal Sephiha

KAREN GERSON SARHON / ESTAMBOL
karensarhon@gmail.com

El 6 de Junyo 2010, se organizo una seremoniya maravilyoza para dar el onor muy meresido a nuestro kerido amigo Haim-Vidal Sephiha. Me akodro ke la primera vez ke aviya oyido sobre el era kuando eskri mi primera tesis sobre el Judeo-Espanyol. Me aviya rompido la kavsa para azerlo porque akel tiempo no aviya dingun material. Kuando eskapi la tesis me disheron ke aviya un grande profesor en Paris i ke kalliya ke el lo meldara. I yo titreyando, se lo aviya embiyado! Era el anyo 1982. Esto fue el empesio de una grande amistad. "Halmiko Pascha", como lo yamo yo a este grande amigo miyo, siempre me enkorajo en todo modo de aktividad ke ize i por esto le esto muy rekonosiente.

Lo ke tambien me akodro muy bien es ke en el anyo 1992, el fue invitado al Festival del Judeo-Espanyol ke muestra komunidad aviya organizado. Haimiko vino i mos demando, "Kuantos minutos kereh ke avle?" i le dishimos el karar de minutos ke se keriya ke avle. El sallo a la shena i se kito la ora del braso, i la metio delante de el. Despues empeso a avlar, un diskorso maravilyoza ke todos sintimos kon las bavas kayendo. I eskapo el diskorso djusto al minuto ke le disheron ke avle! Esto me afekto mucho i estuve en grande admirasion porque tengo muncha eksperiensia kon djente ke toman el mikrofono i no lo deshan mizmo kuando les dizen ke eskapan sus avla. La grandeza de Haim es en su saviduriya i en el modo de prezentarlo i su respekto a las reglas de



Las fotografias fueron travadas durante la seremoniya ke tuvo lugar en Paris el 6 de Junyo 2010.

Haim-Vidal Sephiha

konferensiar.

Kerido Haim, el Dio ke te de vidas largas i sanas kon salud buena i ke siempre seas la inspirasion de mansevos como fuites para mi.

Muestra querida amiga Rachel Bortnick instalada actualmente en los Estados Unidos nos mando una chika misiva para los lektores de la gazeta Shalom, ke vos transmitemos tekstualmente debasho estas linyas:

“Enkontro de Ladinokomunita en Espanya Rachel Amado Bortnick”

Oganyo el grupo de Ladinokomunita se va enkontrar i azer tur en Espanya, tierra de muestras raises sefaradis. Del 6 al 18 Oktubre vamos a vijitar sivdades ande bivieron nuestros antepasados, kon giyas espanyoles ke son miembros de Ladinokomunita, i/o representantes de Tarbut Sefarad, i un profesor universitario de estudios djudaikos. Entre los munchos eventos especiales podemos mensionar ke en Madrid el granrabino Moshe Bendahan mos va azer una resepsion, en Barcelona Mario Saban, Presidente de Tarbut Sefarad, mos va dar konferensia i giyarnos por la djuderia, en Jaen mos vamos

a topar en un dia de Festival de Andalucia, i mos vamos enkontrar kon autores i espesialistos de istoria i literatura sefaradi. Tambien un ekipo de TV va azer un filmo dokumental de nuestro enkontro i viaje entero. Un grupo de Fransia, de la asosiasion sefaradi Aki Estamos se van adjuntar kon mozotros por unos kuantos dias.

Los ke tienen komputadora pueden ver el programa kompleto en el sitio:

<http://www.slideshare.net/pissarro/ladinokomunita-4684342>

La SAVEDURIYA de la Mujer en la Tradision Sefaradi Folklorika

Konsejas, Konsejos, Kantigas, Komidas, Kuras para ser Novia Komplida

KONGRESO
FEBRERO 28-MARSO 1,
2003 EN TARPON
SPRINGS, FLORIDA

PRESENTADO POR:
DAISY ALALOUF NEWELL / FLORIDA*
DaisyNewell@bellsouth.net

Los Sefaradim son un espesial i interesante grupo en konsiderando uno de los temas de esta konferensia, ke es: 'El Rolo ke el Folklor i la Musika tienen en la vida de imigrantes i grupos etnikos ke biven por el mundo entero'. "Sefaradim" es el nombre de los desendientes de akevos Djudios ke fueron forçados a fuyir de la Espanya i Portugal a la fin del siglo XV i el empesio del siglo XVI. Muchos de eyos se aresentaron en los paizes del Mediterraneo i no pokos eran entre los Espanyoles i Portugezes ke eksploraron el Mueve Mundo, inkluyendo la Florida. Por mas de 500 anyos prezervaron la lingua de Cervantes en los paizes de sus dispersion. Una grande partida de Djudios orijnando del Imperio Otomano, se aresentaron en los Estados Unidos en la primera parte del siglo XX, traendo kon eyos sus unika fusión de tradisiones Espanyoles, Medieval, Otomano, Mediterraneo i Medio-Oriente.

Es kostumbra de pensar ke estas tradisiones son transmitidas enteramente por la parte de los ombres. En komparando la kultura Amerikana-oeste, se puede ver ke la Influensia i el poder viene de las madres Sefaradis en mirando las vidas i el bien-estar de miembros de la famiya por el medio de folkloriko-saveduria i kuransas folklorikas. En mi prezentasion vos vo dar egzemplos de tipos de esta saveduria ke yo esto ambezando a los mas jovenos miembros de la komunidad Sefaradi komo Maestra Artista en el Florida Folklife Apprenticeship Programme.

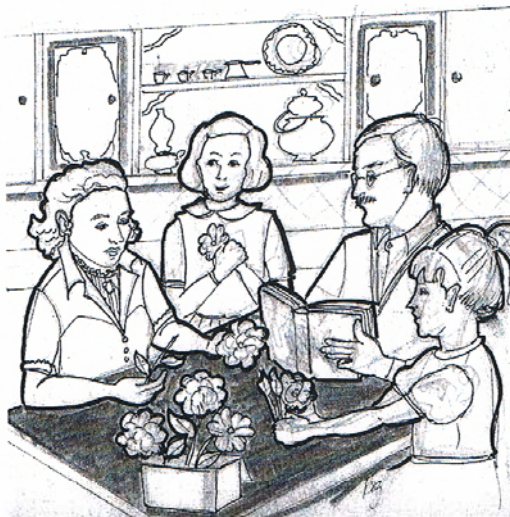
Era la madre Sefaradi ke ambezava a las ijas todas las Konsejas, Konsejos, Kantigas, Komidas i Kuras para ser novia komplida. Eya tambien era la ke dava todas las reglas por mantener las varias fiestas relijiozas en el calendario muestro. Algunas mujeres tenían el poder i la saveduria de kuras, ke puede ser ambezaron de kuranderas mas viejas. Mi madre era una de estas...

la ermana grande era komadre i kurandera.

Esta informasion se dava de la kuna asta la hupa (boda) sin edukasion formal... komo egzemplo de dia en dia. En la ultima partida de el siglo 19 i al empesio del siglo 20, ijas por la mas parte no se Ivan a la eskola...en Salonika onde morava i

KONSEJAS:

Estas eran 'folktales' o leyendas... komo 'fairy tales' i se kontavan al rededor de la meza o a la ora de echar a la kama, por la mas parte no eran meldadas de livros, ama oral. Tenian tambien 'morales' ke se eksplikavan egzaktamente.



se engrandesieron mi mama i mis tias. Mi madre me kontava ke tenia un 'tutor' en Fransez kuando tenia 11 o 12 anyos. Esto, endjuntos kon los artes de mirar kaza, kuzir, glizar, ets. era todo lo ke se keria para ser una Ija Sefaradia komplida, en akevos tiempos.

Mi mama i mi papa vinieron a los Estados Unidos en 1916 kon mi ermano grande en brasos, endjuntos kon mi Tia Matilde, la ermana de mi papa, ke no era kazada, i ke ayudava a mi mama en kriando las kriaturas. Estas tias solteras eran komo 'duenyas' (chaperones) i kudyavan a las ninyas de la famiya, ayudandolas en la direksion buena en engrandesiendo.

I komo 'fairy tales' tenían una fin alegre... si kumplian kon 'i ke bivan siempre kon alegria i mozos tambien' Muchas de estas istoryikas eran publikadas en Ladino en Rashi i mi papa o mi Tio los meldavan a toda la famiya. Tambien, avia los 'Kuentos de Djoha', las istoryikas del haham/bovo ke le afitava todo modo de kozas boas i ke el los savia kitar kon su modos de haham/bovo. Estos kuentos eran siempre kontados oral.

Kuando yo me estava engrandesiendo, la Tante Matilde morava kon mozotros asta ke eya i su marido se mudaron a sus apartamento kuando naslo me ermaniko Sam en 1927. (Yo nasi en 1920). I despues de esto, siempre eya estava ayudando a mi mama. Mi mama

lavorava endjuntos kon mi papa en su echo... Me akodro ke yo me ambezi a 'lavar' (brodar) i a kroshe de mi Tante Matilde... estos eran muy importantes artes de ninya en muestra kultura... todas las velas, las savanas de kama, las mantas eran brodadas i todo tenia menester de dar fiero, ke yo me ambezi de una edad muy chika. La Tante Matilde era una kuzendera muy fina i eya me kuzia todos los vestidos i me kuzio mi ashugar antes de kazarme. Asentada a su lado, me ambezi a kuzir sin lisiones. Todo el tiempo ke eya estava kortando, alfinando, kuziendo i dando fiero... nunca mankava de kantar kantigas en Ladino. Todas las kantigas ke kanto yo oy mismo me las ambezi en este foro.

KONSEJOS:

Esto era transmitido en los 'Refranes' o dichas o proverbios. Estos refranes eran una partida de la vida kada dia en dia i para kada okazion. Pedri el lavor: 'No te meriklyes, kerida, una puerta se serra i otra se avre'. Rompi un vazo muy karo: 'Mal ke se eskapa kon para (dinero), no es mal' Tienes problemas personal i estas triste: 'Kuando mas eskuro es la noche, mas presto se amanese' Tambien, el refran: 'Tala Madre, tala Ija: Mira a la Madre antes ke tomes la Ija' Estos refranes eran para dar esperansa i amenguar la dolor. Puedo kontinuar kon muchas, ama se ve ke en su saviduria ay verdad i simplisidad. Yo esto arekojendo estos Refranes i vo azer una lista para el internet i los kontaktos Sefaradis.

KANTIGAS:

(Romansas) Estas mujeres lazdravan de dia en dia...kriando kriaturas, lavando, dando fiero, gizando, alimpiando, kuziendo ets... i sus lavores se azian mas liviano kon la ermozura de las kantigas. Las kantigas ke sus nonas trusheron de Espanya, evokava el dezeo de sus kazas ansestrales. Las kantigas nuevas de sus muevas tieras... las kantigas umoristikas ke

...antavan en traendo agua del pozo, en Salonika) aliviaban sus penas. Estas, tambien, se las ambezaban las hijas de la kaza. Muchas de las antiguas ke kantan oy mismo son las cantigas ke kantavan mi mama, mis tios o tios al rededor de la meza o aziendo lavor en la kaza.

KOMIDAS:

Es muy difisili de kreer, ama los platos (tros los dulces) ke se venden en las kayes de Lisboa oy son los mismos boyos ke mi mama ornava en los 1930's en New York. Imaginate! La recheta trusheron kon eyos de la Peninsula Iberika asta el Imperio Romano! I despues a los Estados Unidos, kontinuando a ornarlos en la misma manera por mas de 500 años! Pan d'Espanya es un gato muy delisioso ke se aze en Espanya i ke es ornado por muchas mujeres Sefaradicas o en La Turkia, Gresia, Amerika, Fransia o Israel... la ma recheta! Muestras senas uzan muchas verduras i azete de oliva, pollo, karna, peshkado, o gayina. 'borekas' son mucho como empanadas echas en los paizes rikos... enchidas kon kezo, espiñeta, patata, ets.

Los 'Biskochos' o 'roskas' son los platos 'roskitas' de los paizes rikos. Los kezos, 'el kezo de Mancha' o 'Manchegeo' es el mismo como 'Kashkaval'. Kuando un diplo-

mat vijito a Salonika en el empesio del siglo 20, fue muy sorprendido de sentir una sividad entera avlando un Espanyol arkaiko a miles de kilometros de Espanyal Remarko ke las komidas i los kezos eran los mismos komo en su kaza. Los 'Fijones' (avikas) ke gizamos eran gizados al orno komunal en Espanya, i tambien en el Imperio Otomano! Este plato, ke asemeja al 'cassoulet' Fransez, es una kombinasion de fijones, karna, guesos, en vezez gayina, servido kon aroz. Aroz kon 'Judias' un plato muy Espanyol... solo ke el aroz nuestro se aze kon salsa de tomat i bizelias. Este plato es un plato espesial para 'Noche de Shabat' No avia novia ke deshava su kaza sin tener la recheta para 'Biskochos' i 'Fijones'. Oy mismo en los palzes Ispanikos, avas se yaman 'Judias'. Esto da una impreslon ke los Djudios desharon sus nombre en la kuzina Espanyola.

KURAS I PREKANTES:

Los Sefaradim son una djente kon mucha superstision. Kuando me estava engrandeslendo, pareseya ke para kada chika hazinura avia una kura de kaza. Me espanti en suviendo las escaleras ke alguno se aperesio ensubitito! Ayde! Una kucharika de asukar i una kupa de agua fresca, i tambien, ir a urinar! Este proseso tenia un efekto

mediko kontra un 'espanto'. Alguno me alavo 'ke ermoza ke estas'. Ayde! Al venir a kaza mi mama tomava la sarten, echava azete, yervas buenas, klavikos, i un poko de 'raki' o 'ouzo' i metia la lumbr... de esta kombinasion empesava a salir umos i mi mama empesava el prekante: 'ken te kijo mal, ke te lo kite' 'ken te maldicho, ke te salga' i ansina el 'ojo malo' se kitava. En este tiempo yo estava suspirando los umos i mi mama me salpikava en la kara kon lo ke estava en la sarten. Kuando era chika siempre tenia un sakito de ajo en la aldike-rra para guadrar del 'aynara' o 'ojo malo'. Vos digo klaramente ke oy mismo siempre tengo un dientiziko de ajo en la chanta ke tomo kon ml.

Seguramente la mejor melizina era el 'Raki'. Dolor de kavesa? Un panyo de raki a la kavesa. Dolor de boka? Un pedasiko de algodón, untado en el raki i al burako. Dolor de oido? Lo mismo. Te tuertites la kanea? Un panyo de raki. Dolor de tripa? Un panyo de raki i shavon al estomago. Infeksiones tambien se kuravan kon aroz i sevoya. Kaladas i gripa, un panyo kon raki kaventado al pecho. Raki tambien se uzava para alimpiar los vistidos de Papa. Una

furcha kon raki i se furchava el vestido. Por seguro ke golla komo un 'boracho' ama puedeser los otros ombres tambien tenian el mismo uzo de alimpiar kon 'raki'. Ay una kantiga popular ke se yama 'La Vida do Por el Raki' ke se kanta en kada fiesta onde ay Sefaradim.

Mi mama i su ermana, Palomba, eran savidas por 'kuranderas en el vizindado' i estavan prontas para ayudar al ken keria, para guardar del ojo malo i uzar sus kuras de kaza... Estavan prontas a ir kon sus sestos de yervas buenas i ruda i maryoram ke kresiamos en nuestro apartamento.

Yo pensava ke todo esto era bovedades en akel tiempo i regreto muy mucho ke no me ambezal rechetas de estas 'kuras' antes ke murio mi mama. Ama me alegro por lo ke me akodro i por la oportunidad de

ambezar a los jovenes de esta jenerasion, por el Program del Florida Folklife/Apprenticeship.

* Daisy Alalouf Newell - Maestra Folklorika de Florida en el Program de Ffs/Semsec



Daisy Alalouf Newell

OKOMUNITA: <http://groups.yahoo.com/group/Ladinkomunita/message/15817>

Esta kantiga ke es del grande fuego ke kemo Salonik en 1917. Las palavras son ansina:

La kantiga del fuego

Dia de shabat la tadre la orika dando dos, fuego salio al Agua Nueva a la Torre Blanka kedo.

Tanto proves komo rikos todos semos un igual, ya kedimos arrastando por kampos i por kishlas.

Mos dieron unos chadires, ke del aire se bolan. Mos dieron un pan amargo, ni kon agua no se va.

Las palombas van bolando aziendo estruksion.

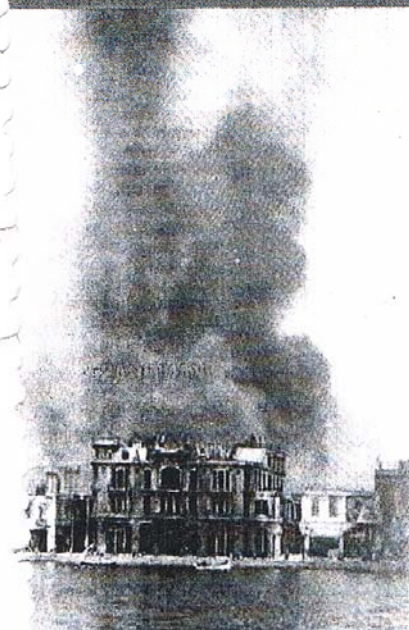
Ya kedimos arrastando sin tener abrigasion.

Entendiendo mansevikos los pekados de Shabat se ensanyo el Patron del mundo, mos mando a Dudular.

La kantiga esta kantada de Daviko Saltiel en su CD kon las palavras eskritas.

Kon mucha amistad

DAVID KOUNIO / SALONIK
akounio@yahoo.gr



ANEXO 6

Sites relacionados a eventos culturais sefaraditas.....	127-134
---	---------

[Artículos](#) [Comentarios](#)

Buscar en este sitio...

Go

- [Home](#)
- [Acerca de nosotros](#)
- [Libro de visitantes](#)
- [Historia de las Comunidades](#)
- [Historias Personales](#)
- [Publicite en eSefarad](#)
- [Suscribase al Boletín Semanal eSefarad – Boletines anteriores](#)
 - [Envío del Boletín a ARNET](#)

Artículo

[FESTIVAL INTERNACIONAL DA MEMÓRIA SEFARDITA \(Serra da Estrela\)](#)

19th Julio 2010 | [Agregar comentario](#)



19/07/2010 22:00 Sobre o Festival Data de realização: 1 a 7 de Novembro de 2010 Locais do Festival: Belmonte, Guarda, Trancoso, Lisboa Horário do Secretariado: Até à data do Congresso das normais de expediente: 09h00 – 18h00. Durante o Congresso: a confirmar Credenciação para o Congresso O balcão de registo estará localizado no Foyer do Teatro Municipal da Guarda. Horário de Funcionamento: a confirmar Crachás de Identificação Todos os participantes receberão um crachá com o seu nome durante a Credenciação. Solicita-se que o mesmo seja usado durante toda a conferência, incluindo o programa ... [Leer el artículo completo](#) »

Warning: Invalid argument supplied for foreach() in `/home2/esefarad/public_html/wp-content/plugins/advertising-manager/lib/OX/Ad.php` on line 168

Artículo destacado

[A SINAGOGA en la casa de ABRAHAM SENEOR en Mogovia: “NI TAN PERDIDA NI TAN SECRETA”](#)

<http://www.esefarad.com/>

10/7/2010



Por Liliana y Marcelo Benveniste Especial eSefarad En el lugar donde se levantaba la casa-palacio de Abraham Seneor [1], ... [Leer más »](#)

[Monumento a los sefaradís caídos en el Holocausto en Atenas](#)



El 10 de mayo de 2010 se inauguró el primer monumento a los judíos caídos durante el ... [Leer más »](#)

[Las aulas ayudan a mantener vivo el idioma sefardí](#)



En el corazón del desierto del Néguev un grupo de académicos de la Universidad Ben Gurión se ... [Leer más »](#)

Popular

[La sinagoga perdida de los marranos de España](#)



Una descendiente de la 17ª generación del Don Abraham Señor, ministro de economía de España en ... [Leer más »](#)

["Judíos en Formosa, una historia centenaria \(1909 – 2009\)" un libro de Marta Kaplan](#)



La profesora y escritora Marta Kaplan, docente de conocida trayectoria en la provincia de Formosa y ...
 ...ctora ... [Leer más »](#)

[De Esmirna a Floresta, los goles del Turco Danón](#)



or Oscar Barnade Clarín Es el segundo máximo goleador de la historia de All Boys. Nació en ...
 ...arquía y de ... [Leer más »](#)

Últimos artículos

[Encuentros con Sefarad: CARRIÓN DE LOS CONDES](#)



nun Barriuso y José Manuel Loureiro, estudiosos de la cultura judía en España, son Presidente y ...
 vicepresidenta de Tarbut Sefarad Madrid. Escribirán en esta sección desde Sefarad especialmente ...
 para eSefarad. Ambos investigan desde hace años los vestigios y orígenes judíos de lugares de ...
 ...lencia, Cantabria y Burgos, principalmente, y son autores del libro El Norte de Sefarad y de otros ...
 importantes estudios ... [Leer el artículo completo »](#)

[Les archives de la police sous l'Occupation en ligne en 2015](#)



La France des années noires va bientôt connaître un coup de projecteur. La lettre hebdomadaire de la ...
 Préfecture de police (PP) a annoncé cette semaine le lancement prochain d'une opération de ...
 numérisation des archives de la police sous l'Occupation, dans la perspective d'une mise en ligne sur ...
 internet pour le grand public. Actuellement, les quelque 200.000 documents peuplent 15 kilomètres ...
 ... [Leer el artículo completo »](#)

[Acto de entrega de las llaves del Call de Tarragona](#)



Uno de los momentos más emotivos de la jornada histórica 'Sefarad 1492' celebrada en Tarragona el domingo 4 de julio, fue la entrega de la "Llave del Call" a dos descendientes de los judíos expulsados de la ciudad en 1492. Simon Taragano y José Bendor Taragano viajaron desde Turquía a Israel especialmente para participar en este acto, en el agradecieron, ... [Leer el artículo completo »](#)

[6th British Conference on Judeo-Spanish Studies](#)



13/07/2010a15/07/2010 Sixteenth British Conference on Judeo-Spanish Studies in Collaboration with the Naime and Yehoshua Salti Center for Ladino Studies, Bar-Ilan University Queen Mary, University of London Mile End Road, London E1 4NS Tuesday 13 July to Thursday 15 July 2010
 Contacts: Hilary Pomeroy and Chris Pountain The British Conference on Judeo-Spanish Studies is an international scholarly forum for university teachers and researchers working in Judeo-Spanish studies, ... [Leer el artículo completo »](#)

[Una maleta de cuentos \(Actividades infantiles\)](#)



04/08/2010a18:30 04/08/2010. 18:30 h. C/ Força, 8 Centro Bonastruc ça Porta Entrada libre Más información: girona@redjuderias.org Descripción del evento "He viajado de barrio judío en barrio judío recogiendo historias que he guardado dentro de una maleta. He andado por calles de piedra, entre colores en los mercados, bajo la sombra de árboles gigantes en caminos de carro y por plazas en fiesta celebrando el verano. He hecho ... [Leer el artículo completo »](#)

[Expertos analizan en el V curso de Judaísmo Hispano la Diáspora judía](#)



07/07/2010a09/07/2010 La Alhóndiga de Segovia acoge desde hoy y hasta el viernes el V curso de Judaísmo Hispano organizado por la Casa Sefarad en colaboración con el Ayuntamiento y la oficina de Turismo, y que será impartido por un grupo de prestigiosos expertos que, en esta edición, profundizarán en la 'Historia y Cultura del Judaísmo en la Diáspora'. Asimismo, coincidiendo con el .. [Leer el artículo completo](#) »

[ag. siguiente](#) »

PUBLICITE EN eSefarad



Calendario de Actividades

Julio 2010

☾ L M X J V S

1 2 3

5 6 7 8 9 10

☾ 11 12 13 14 15 16 17

8 19 20 21 22 23 24

☾ 25 26 27 28 29 30 31

Jun  Ago »

Categorías

<http://www.esefarad.com/>

10/7/2010

- [Artículos \(325\)](#)
- [Artículos en ladino \(129\)](#)
- [Audio \(53\)](#)
- [Cursos, Talleres y Seminarios \(52\)](#)
- [Destacado \(3\)](#)
- [En vista de Rachel \(5\)](#)
- [Encuentros con Sefarad \(2\)](#)
- [Eventos y actividades \(391\)](#)
- [Historia de las Comunidades \(12\)](#)
- [Historias personales \(8\)](#)
- [La boz de Yehuda \(5\)](#)
- [Las consejas de Rivka \(4\)](#)
- [Las Notas de Matilda \(21\)](#)
- [Noticias \(245\)](#)
- [Poemas de Haim Vitali Sadacca \(2\)](#)
- [Poesía y Literatura \(53\)](#)
- [publicaciones \(253\)](#)
- [Uzos i kustumbres de los Sefaradis \(8\)](#)
- [Videos \(122\)](#)

Del refranero Sefaradí

Kuando el padre da... ríe el padre i ríe el iyo. Ma kuando el iyo da... iora el padre i iora el iyo.

Next quote »



Secciones Especiales

-  [En vista de Rachel](#)
-  [Encuentros con Sefarad](#)
-  [La boz de Yehuda](#)
-  [Las notas de Matilda](#)
-  [Poemas de Haim Vitali Sadacca](#)
-  [Uzos i kustumbres de los Sefaradis](#)

Sitios de Interés

- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 

Warning: Invalid argument supplied for foreach() in /home2/esefarad/public_html/wp-content/plugins/advertising-manager/lib/OX/Ad.php on line 168

Artículos Recientes

- [I FESTIVAL INTERNACIONAL DA MEMÓRIA SEFARDITA \(Serra da Estrela\)](#)
- [Encuentros con Sefarad: CARRIÓN DE LOS CONDES](#)
- [Les archives de la police sous l'Occupation en ligne en 2015](#)
- [Acto de entrega de las llaves del Call de Tarragona](#)

Últimos comentarios

- Cecilia en [Os irmãos Sequerra por Nelson Menda](#)
- dr valero mireille en [Los judíos de Sicilia: Una historia oculta](#)
- Eliseo en [Expertos analizan en el V curso de Judaísmo Hispano la Diáspora judía](#)
- Eliseo en [Experto Mario Cohen destaca la influencia de la tradición sefardí en la cultura de España](#)
- Mauricio Gomez Flores en [Suscribase al Boletín Semanal eSefarad – Boletines anteriores](#)

- Mauricio Gomez Flores en [Los Apellidos Judeoespañoles](#)
- [lilib en UZOS I KOSTUMBRES DE LOS SEFARDÍES EN TURKIA: LA IMPORTANSIA DE LOS NOMBRES AL SENO DE LOS SEFARADIS](#)

Referencias

[Bulgaria](#) [Caminos de Sefarad](#) [Carta de Sefarad](#) [Casa de Sefarad](#) [Casa Sefarad-Israel](#) [Chile](#) [CIDiCSef](#) [cine](#) [cocina](#) [concierto](#) [conferencia](#) [Edmond Cohen](#) [El Amanecer](#) [España](#) [exposición](#) [expulsión](#) [festival](#) [genealogía](#) [Grecia](#) [Haim Vidal Sephiha](#) [historia](#) [Holocausto](#) [Israel](#) [judeo-español](#) [judería](#) [ladino](#) [lengua](#) [libro](#) [libros](#) [Marruecos](#) [Matilda Koen Sarano](#) [Milim Cultural](#) [Muestra Lingua](#) [música](#) [poesía](#) [radio](#) [Radio Sefarad](#) [Red de Juderías de España](#) [Rodas](#) [Shoá](#) [simposio](#) [Tarbut Sefarad](#) [Toledo](#) [Venezuela](#) [video](#)

Proximos Eventos

- 15/02/2010:
 - [VISITAS GUIADAS A LA JUDERÍA en Ruta MP3 \(09:00\)](#)
- 30/06/2010:
 - [Festival de Cine Judío de Barcelona \(Festival de Cinema Jueu de Barcelona\) \(todo el día\)](#)
- 12/07/2010:
 - [Actividades CIDiCSef - Junio y julio 2010 \(19:00\)](#)
 - [Próximas actividades del CIDiCSef \(19:00\)](#)
- 13/07/2010:
 - [16th British Conference on Judeo-Spanish Studies \(todo el día\)](#)
 - [EL "INSTITUT DE MÚSICA JUEVA" DE BARCELONA, TE INVITA A PARTICIPAR DE DOS MAGNÍFICOS CONCIERTOS \(21:00\)](#)
- 26/07/2010:
 - [Actividades CIDiCSef - Junio y julio 2010 \(19:00\)](#)
- 04/08/2010:
 - [Una maleta de cuentos \(Actividades infantiles\) \(18:30\)](#)

Articulos por fecha de publicacion

Julio 2010

D L M X J V S
 1 2 3
[4](#) [5](#) [6](#) [7](#) [8](#) [9](#) [10](#)
 11 12 13 14 15 16 17
 18 19 20 21 22 23 24
 25 26 27 28 29 30 31

[« Jun](#)

ads Plugin created by [Cheap Web Hosting](#) - Powered by [Attache](#) and [Gift Ideas](#).

© 2010 eSefarad by [Liliana](#) y [Marcelo Benveniste](#)

Cover WP Theme by [One Designs](#)

Anexo 7

Autorizações das moderadoras do grupo
para a realização da pesquisa

robert

De: "Pilar Sidi" <pilarsidi@via-rs.net>
Para: <siditradutor@via-rs.net>
Enviada em: quarta-feira, 19 de janeiro de 2011 16:27
Assunto: ENC: Permission para la teza

De: Rachel Bortnick [mailto:rachelucha@gmail.com]
Enviada em: segunda-feira, 27 de setembro de 2010 00:20
Para: Pilar Sidi
Assunto: Permission para la teza

A los enteresados:

A Pilar Sidi, de Puerto Alegre, Brazil, en el anyo 2008 le di la permission de eskrivir sobre el grupo Ladinokomunita del Internet, i de uzar los archivos ke eya nesositaria de ayi.

Kon mis respektos,

Rachel Amado Bortnick
fondadora i moderadora de Ladinokomunita

Rachel A. Bortnick
12610 Breckenridge Drive
Dallas, TX 75230
U.S.A.

ph: 972-458-2253

Pilar Sidi

De: Guler Orgun [gulerorgun@gmail.com]
Enviado em: segunda-feira, 27 de setembro de 2010 05:09
Para: Pilar Sidi
Assunto: Permision para tu teza

Kerida Pilar,

Konfirmo ke tienes permision de uzar material del grupo de korrespondensia de Internet "Ladinokomunita", en eskribiendo tu teza de universidad.

--

Guler Orgun
Moderadora
Ladinokomunita